



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Catarina da Rocha Rego

A Verdade do “faz de conta” nos palcos dos pequenos atores



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Catarina da Rocha Rego

A Verdade do “faz de conta” nos palcos dos pequenos atores

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Educação de Adultos e
Intervenção Comunitária

Trabalho realizado sob orientação do
Doutor Alberto Filipe Araújo

Outubro, 2012

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Este espaço é dedicado a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que este relatório de estágio fosse realizado. A todos eles dedico esta parte como forma de agradecimento sincero.

Em primeiro lugar agradeço ao Prof. Doutor Alberto Filipe Araújo pela forma como orientou o meu trabalho. As observações e críticas que realizou ao longo destes meses foram fundamentais para o cumprimento do mesmo. Ao mesmo tempo é de salientar a sua disponibilidade e a liberdade de ação que me permitiu usufruir de um crescimento e desenvolvimento pessoal.

Em segundo lugar, agradeço à minha mãe Maria da Graça Ferreira da Rocha por ter sido sempre força nos momentos de fraqueza, alento, inspiração, por ter acreditado em mim e nas minhas qualidades e, acima de tudo por nunca me ter deixado desistir.

Em Terceiro lugar agradeço à minha tia Donzília pelo incentivo amigo, e por se ter disponibilizado para ler e reler o trabalho.

Gostaria ainda de agradecer aos professores do Mestrado e Educação, Área de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, pela forma como lecionaram e por me terem transmitido interesse pelos temas. Ainda à minha colega de curso e amiga Marisa Vale, por ter partilhado toda esta experiência comigo, por ter sido conselheira e exemplo de força e trabalho.

Por último mas não menos importante agradeço aos colegas Isabel Costa, Olga Bastos, Teresa Antunes e Ademar Correia do Centro Cultural e Social de Santo Adrião, pelo acompanhamento, pelo carinho e proteção que sempre me dedicaram ao longo de todo o estágio.

“A VERDADE DO “FAZ-DE-CONTA” NO PALCO DOS PEQUENOS ACTORES”

Ana Catarina da Rocha Rego

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho

2012

Resumo

O projeto “*A verdade do “faz-de-conta” no palco dos pequenos atores*” surgiu no âmbito do Mestrado em Educação – Área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, sob a orientação do professor Alberto Filipe Araújo. Esta dissertação apresenta um projeto de Intervenção Comunitária num Centro de Atividades Temporárias para crianças em risco, no Centro Cultural e Social de Santo Adrião que é uma Associação e Instituição Particular de Solidariedade Social.

Este projeto visou responder às necessidades, interesses e expectativas sentidas numa fase de diagnóstico inicial. A intervenção foi focada principalmente no desenvolvimento integral das criança e dos jovens, desenvolvimento esse que posteriormente foi estimulado através da implementação de um atelier no qual se desenvolveram atividades lúdico-pedagógicas e lúdico-desportivas.

Com este projeto além do desenvolvimento integral e harmonioso de todas as crianças e jovens, pretendeu-se também promover a participação e autonomia de todos os intervenientes, inclusive dos pais e encarregados de educação, através de sessões de formação e atendimento às famílias.

Os resultados indicam uma satisfação generalizada por parte dos participantes, que se reflete na avaliação intermédia e mais concretamente no inquérito de satisfação final.

“THE TRUTH OF “MAKE-BELIEVE” ON THE STAGES OF SMALL ACTORS”

Ana Catarina da Rocha Rego

Professional Practice Report

Master in Education – Adult Education and Community Intervention

University of Minho

2012

Abstract

The Project “*The truth of “make-believe” on the stages of small actors*” appears on the stage under the Master in Education - Adult Education and Community Intervention, under the guidance of the professor Alberto Filipe Araújo. This dissertation presents a project of a Community Intervention in a Center of Temporary Activities for children in risk, on Centro Cultural e Social de Santo Adrião that is an Association and Private Institution of Social Solidarity.

This project aimed to meet the needs, interests and expectations experienced in a phase of initial diagnosis. The intervention was focused mainly on the integral development of the child and youth, that development was stimulated further by implementing an atelier in which are developed playful activities, recreational and sports.

With this project beyond the full and harmonious development of all children and young people, is also intended to promote the participation and empowerment of all stakeholders, including parents and guardians, through training sessions and attending families.

The results indicate a general satisfaction among participants, as reflected in the continuous evaluation and more specifically in the final satisfaction survey.

Índice de Anexos

| | |
|--|----|
| Anexo 1 – Informações Centro Cultural e Social de Santo Adrião; | 71 |
| Anexo 2 – Quadro de Valências da Instituição; | 79 |
| Anexo 3 – A crescer desde 1983 – CCSSA; | 83 |
| Anexo 4 – Inquérito de diagnóstico; | 85 |
| Anexo 5 – Inquérito final; | 87 |
| Anexo 6 – Planeamentos das atividades | 89 |

Índice de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Distribuição por idades; | 8 |
| Tabela 2 – Grau de escolaridade; | 9 |
| Tabela 3 – Diagnóstico de interesses e motivações I; | 13 |
| Tabela 4 – Diagnóstico de interesses e motivações II; | 14 |
| Tabela 5 – Avaliação quantitativa do atelier. | 51 |

Índice de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Caracterização dos participantes frequentes; | 10 |
| Quadro 2 – Atividades desenvolvidas no atelier. | 38 |

Índice de Ilustrações

| | |
|--|----|
| Ilustração 1 – O que mais gostei; | 52 |
| Ilustração 2 – O que gostei menos; | 53 |
| Ilustração 3 – Categoria valor da amizade e relações interpessoais; | 54 |
| Ilustração 4 – Categoria cidadania; | 55 |
| Ilustração 5 – Categoria autoestima; | 56 |
| Ilustração 6 – Categoria responsabilidade; | 57 |
| Ilustração 7 – Categoria sentido de grupo e cooperação. | 57 |
| Ilustração 8 – Categoria sentido de grupo e cooperação | 58 |

Siglas e abreviaturas

ATL – Atividades de tempos livres;

CAT – Centro de acolhimento temporário;

CATL – Centro de atividades tempos livres;

CATL-ACR – Centro de atividades tempos livres – Apoio a crianças em risco;

CCSSA – Centro cultural e social de Santo Adrião;

CPCJ – Comissão de proteção de crianças e jovens;

IA – Investigação-ação;

IAP – Investigação-ação participativa;

PSEI – Plano socioeducativo individual.

Índice

| | |
|---|------|
| Índice de Anexos..... | ix |
| Índice de Tabelas..... | xi |
| Índice de Quadros..... | xiii |
| Índice de Ilustrações..... | xv |
| Siglas e abreviaturas..... | xvii |
| 1. Introdução..... | 1 |
| 2. Enquadramento Contextual do Estágio | 3 |
| 2.1. Caracterização do meio envolvente | 3 |
| 2.2. Caracterização da Instituição | 4 |
| 2.3. Caracterização da valência de Catl-Acr (Gerações 3D) | 5 |
| 2.4. Público-alvo da valência de Catl-Acr | 7 |
| 2.5. Público-alvo da intervenção..... | 7 |
| 2.6. Apresentação da área de intervenção. Identificação e justificação da sua pertinência no âmbito da área de especialização do mestrado. | 11 |
| 2.7. Identificação e avaliação do diagnóstico de necessidades, motivações e expectativas. | 12 |
| 2.8 Apresentação da Finalidade e Objetivos da Intervenção. | 14 |
| 3. Enquadramento teórico da problemática de estágio..... | 16 |
| 3.1. O conceito de criança..... | 16 |
| 3.2. O papel da família e a educação para os valores | 19 |
| 3.3. Competências parentais | 21 |
| 3.4. A importância das atividades lúdicas no desenvolvimento da criança | 22 |
| 3.5. O papel do educador social | 23 |
| 3.6. As respostas sociais – Centro de atividades tempos livres | 24 |
| 4. Enquadramento metodológico do estágio | 25 |
| 4.1. Apresentação e fundamentação da metodologia de intervenção | 25 |
| 4.2. Metodologia qualitativa e Metodologia quantitativa | 25 |

| | |
|--|----|
| 4.3. Seleção do Método e das Técnicas de Investigação/Intervenção | 27 |
| 4.4. Investigação-ação e Investigação-ação participativa | 27 |
| 4.5. Plano de tratamento e análise de dados..... | 32 |
| 4.6. Identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo..... | 35 |
| 5. Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção | 37 |
| 5.1. Apresentação do trabalho de intervenção desenvolvido em articulação com os objetivos definidos..... | 37 |
| 5.2. Atividades planeadas | 38 |
| 5.3. Atividades não planeadas..... | 49 |
| 5.4. Evidenciação de resultados obtidos. | 49 |
| 5.5. Discussão dos resultados em articulação com os referenciais teóricos mobilizados..... | 59 |
| 6. Considerações Finais..... | 62 |
| 6.1. Análise crítica dos resultados e das implicações dos mesmos..... | 62 |
| 6.2. Evidenciação do impacto do estágio: i) a nível pessoal; ii) a nível institucional; iii) a nível de conhecimento na área de especialização | 63 |
| 7. Bibliografia..... | 65 |
| 8. Anexos e/ou apêndices | 69 |

1. Introdução

No âmbito do segundo ano do Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, é prevista a realização de um estágio curricular no qual os estagiários deverão desenvolver, implementar, gerir e avaliar um projeto de intervenção adequado à instituição escolhida.

Após a pesquisa de algumas Instituições de Solidariedade Social destinadas ao apoio a crianças e jovens em risco no distrito de Braga, surgiu o Centro Social e Cultural de Santo Adrião. Devido às boas referências do mesmo, foi efetuada uma pesquisa na internet que conduziu ao site da instituição. Este site foi um fator determinante para a escolha da mesma, visto que realçava um carácter dinâmico, acolhendo projetos direccionados a todas as faixas etárias.

A vontade de trabalhar com a infância e juventude advém da experiência anteriormente adquirida na Licenciatura de Educação Social Gerontológica. Esta Licenciatura, e principalmente o estágio efetuado no último ano da mesma, mostrou-se determinante no que respeita à vontade de explorar novas populações e grupos etários. Após a visita à página oficial da instituição, efetuou-se um contacto por e-mail com a proposta de estágio curricular, proposta essa que foi prontamente respondida de forma afirmativa e na qual já se marcava uma primeira reunião para esclarecer todos os detalhes do estágio. Depois de algumas conversas com a Coordenadora/ Técnica de Serviço Social, Doutora Teresa Antunes, ficou acordado o estágio na valência de Centro de Atividades de Tempos Livres – Apoio a Crianças em Risco (CATL ou Gerações 3D). Este estágio teve a duração de oito meses sendo que se iniciou no dia 3 de Outubro e terminou no dia 11 de Maio de 2012.

A razão para esta intervenção surgiu após a fase de observação na qual se concluiu haver necessidade de implementar um projeto que integrasse várias vertentes tais como educação e promoção da saúde, motricidade, promoção da autoestima, conceito de cidadania, estimulação da criatividade, relaxamento e autocontrolo, otimização do pensamento crítico, sentido de grupo e ainda competências parentais. Este projeto foi apresentado numa fase inicial à equipa técnica que o aprovou e se demonstrou disponível para apoiar e colaborar em todas as fases do processo. Neste sentido, surgiu a vontade da implementação de um atelier que juntasse todas estas áreas, nascendo assim a ideia do tema “*A verdade do “faz de conta” no palco dos pequenos atores*”. Com esta intervenção, pretendeu-se melhorar a qualidade de vida das crianças, jovens e conseqüentemente das suas respetivas famílias. Este projeto

baseia-se numa tentativa de desenvolvimento integral dos participantes, através de atividades de expressão dramática, expressão corporal, entre outras. Além destas atividades também se efetuou uma sessão de formação direcionada aos pais numa tentativa de formação parental. Ao longo de toda a intervenção, pretendeu-se envolver as famílias no processo de desenvolvimento das crianças.

O presente relatório de estágio está dividido em alguns pontos fundamentais: O primeiro é o enquadramento contextual do estágio que passa pela caracterização do meio envolvente da instituição, da valência onde decorrerá o estágio e ainda da população-alvo. No enquadramento também será apresentada a área de intervenção e posterior pertinência no âmbito da área de especialização do Mestrado. Será ainda discriminado o diagnóstico de necessidades, motivações e expectativas e ainda os objetivos e finalidades da intervenção.

No segundo momento será feito o enquadramento teórico da problemática do estágio, onde serão abordadas as experiências sobre o tema e a sua relevância para com o trabalho de intervenção, de seguida pretende-se explorar as diversas correntes teóricas e os diversos autores que constituíram referentes importantes na exploração da respetiva problemática e, por último, será feita a identificação dos contributos teóricos mobilizados na intervenção.

O enquadramento metodológico do estágio corresponde ao terceiro momento deste relatório e é neste espaço que será apresentada a fundamentação da metodologia de intervenção, as correspondentes técnicas de avaliação, os recursos mobilizados e ainda, neste campo, serão discriminadas as limitações do processo.

Após este enquadramento metodológico, será apresentado o quarto momento do relatório que corresponde à apresentação e discussão do processo de intervenção. Neste espaço será apresentado o trabalho de intervenção desenvolvido em articulação com os objetivos definidos, serão evidenciados os resultados obtidos e ainda a discussão dos mesmos com base nos referenciais teóricos mobilizados.

Por último, o quinto momento corresponde às considerações finais, onde será efetuada uma análise crítica dos resultados obtidos e das implicações dos mesmos e ainda uma breve reflexão acerca do impacto deste estágio tanto a nível pessoal, institucional, e a nível de conhecimento adquirido na área de especialização. Ao longo de todo o relatório são utilizadas siglas e abreviaturas que se encontram devidamente esclarecidas no índice de siglas e abreviaturas.

O relatório apresentado resume os saberes adquiridos em contexto profissional, saberes esses que se demonstram fundamentais para a futura prática profissional nesta área específica de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária.

2. Enquadramento Contextual do Estágio

O enquadramento contextual tem como objetivo dar a conhecer as principais características da instituição em causa, o seu meio envolvente e público a que se destinam os seus serviços. Este enquadramento tem o intuito de possibilitar um conhecimento mais aprofundado da instituição onde foi desenvolvido o projeto.

2.1. Caraterização do meio envolvente

A Associação Centro Cultural e Social de Santo Adrião situa-se no distrito de Braga, com sede na Praça Doutor Malheiro Freguesia de S. José de São Lázaro, e possui, segundo os dados estatísticos apontados pelos censos de 2001, 14 830 habitantes.

Esta instituição presta serviços que abrangem as freguesias de São José de São Lázaro, São Victor, Fraião e Nogueira (Concelho de Braga).

O distrito de Braga é constituído por catorze concelhos e assinalado por uma heterogeneidade notável pela dissemelhança administrativa existente a nível territorial, mas também devido à dicotomia entre concelhos mais urbanos como Esposende, Barcelos, Vila Nova de Famalicão e concelhos de cariz mais rural como Vieira do Minho, Celorico de Basto entre outros. Este antagonismo encontra-se patente a vários níveis, tais como, a nível demográfico, territorial, a nível da urbanização e ainda no que respeita às problemáticas sociais (Amorim, 2005:7).

No que concerne à população habitante no distrito de Braga é referido por Isabel Amorim, no seu artigo sobre a Caracterização Económica do Distrito de Braga (2005:48), que a taxa geral de analfabetismo no distrito é superior à média nacional, esta taxa é registada principalmente nos concelhos rurais. No entanto, é de referir que existe um número razoável de infraestruturas relacionadas com a educação, a causa destes dados está associada ao baixo investimento da população. Esta situação é responsável pelos baixos níveis de escolaridade, elevadas taxas de insucesso escolar, abandono precoce que consequentemente originam a problemática do trabalho precário, existindo efetivamente uma maior vulnerabilidade a situações de pobreza e exclusão.

2.2. Caracterização da Instituição

A Associação Centro Cultural de Santo Adrião é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, fundada em 08 de Agosto de 1983. Numa fase inicial, começou por desenvolver projetos de âmbito social, cultural e recreativo, nos quais se dinamizavam programas direcionados ao apoio à infância como o ATL, apoio à terceira idade (Centro de Dia, Apoio Domiciliário e Centro de Convívio), mais tarde foi criado o apoio a crianças em situação de perigo, através do “Projeto de Apoio à Criança” (1994), atualmente denominado CATL-ACR, posteriormente foi adicionada mais uma valência vocacionada ao Apoio à Criança e à Família, que se intitula de CAT- Centro de Apoio Temporário (1999).

As infraestruturas iniciais foram cedidas pela autarquia, que acabaram por proporcionar a criação da Creche (1995), do Jardim de Infância (1997) e de um Parque Natural e Mini-Zoo. Após a criação destas infraestruturas a câmara voltou a disponibilizar instalações, localizadas na Quinta da Capela para o desenvolvimento do PAC> CATL.

Após a elaboração de um diagnóstico de necessidades globais, foi concluído que havia a necessidade de construir uma nova sede em que possibilitasse melhores condições de trabalho, sendo que, esta obra apenas se concretizou em 1999. Neste mesmo ano foram levadas a cabo obras no Lar da Terceira Idade e no Centro de Apoio à Criança e à Família que ao fim de um ano ficaram completas e possibilitaram a inauguração das novas instalações e da criação de uma empresa de Inserção (1999).

Em resposta a pedidos de famílias e da comunidade, em 2000 é cedida pela Câmara Municipal outra instalação, situada na Rua do Raio, na qual nasceu a Creche – Pólo 3. Além das respostas sociais disponibilizadas pelo CCSSA, também são dinamizadas outras áreas do saber, tais como, atividades desportivas, recreativas e culturais. Neste sentido o CCSSA é uma instituição reconhecida pela comunidade Bracarense, apoiada por mais de 3000 associados¹.

Para melhor esclarecimento de todas as valências atualmente dirigidas pelo CCSSA, apresenta-se em anexo um quadro relativo a este assunto (Quadro 1²).

¹ Ver anexo (3) Documento Interno da Instituição

² Ver anexo (2) Quadro de valências

2.3. Caracterização da valência de Catl-Acr (Gerações 3D)

A valência em que decorreu o estágio foi o Centro de Atividades de Tempos Livres – Apoio a Crianças em Risco - Catl-Acr. Esta valência pretende responder a situações sociais complexas. Os fatores de risco (imediatismo, insegurança, imprevisibilidade, risco, etc.), que assolam a vida destas crianças nos tempos atuais, conduzem à necessidade do estabelecimento ou integração destes indivíduos em redes de relações e condutas alternativas. Desta forma, a finalidade passa pela implementação de estratégias promotoras do equilíbrio perdido, de forma a otimizar o desenvolvimento familiar, criando alternativas que possibilitem dar resposta às dificuldades do dia-a-dia tanto das crianças e jovens como das suas famílias.

O principal propósito do Catl-Acr passa por explorar produtivamente o triângulo criança - família – comunidade, com a finalidade do desenvolvimento integral das mesmas evitando medidas mais drásticas como a retirada da família.

A metodologia de trabalho utilizada passa por três fases:

1ª Fase de abordagem - animador de rua procura espaços de referência de forma a contactar com as crianças/jovens para uma futura procura por parte da criança, do Catl-Acr;

2ª Fase de transição - aprofundamento da relação entre crianças e equipa técnica, análise dos sistemas de referência da criança/jovem no sentido de (re)orientar o seu projeto de vida;

3ª Fase de integração - que consiste na implementação do projeto de vida da criança/jovem e na extinção da situação de risco. Ainda nesta valência procura-se proporcionar às crianças/jovens consciência cívica de forma a fazer com que os mesmos acreditem nas suas capacidades.

O Catl-Acr tem dois espaços distintos de funcionamento, um na sede do CCSSA, na Quinta da Capela e outro, no Bairro Nogueira da Silva e Complexo Habitacional do Picoto. Este centro funciona num regime de porta aberta que consiste na possibilidade de não existir por parte dos que frequentam qualquer tipo de compromisso no que concerne à assiduidade e horários. Desta forma, a metodologia de excelência utilizada assenta nos pressupostos da aprendizagem social.

Os resultados positivos da intervenção passam também pelas **parcerias estabelecidas**, sendo estas:

- Instituto de Solidariedade da Segurança Social
- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens
- Instituto Português da Juventude

- Instituto de Apoio à Criança – Lisboa
- Direção Geral da Reinserção Social
- Agrupamento de Escolas de Lamações
- Agrupamento de Escolas André Soares
- Centro Jovem Santo Adrião – Synergia
- Associação de Capoeira

Esta Resposta Social tem como objetivo geral:

- Contribuir para a anulação de situações de marginalidade, abrindo caminho para o futuro das crianças em risco/perigo, no contexto social da comunidade em que vivem.

- Inserir na comunidade e nas famílias crianças/jovens em situação de perigo, cujo modo de vida é, claramente, desviante face a um modo “normal” de ser criança.

E como objetivos específicos:

- Contribuir para a diminuição de situações de marginalidade *bullying*, absentismo e abandono escolar, criando perspetivas de projetos de vida para os menores através do reforço da identidade cultural;

- Contribuir para a integração de crianças em situação de exclusão social, mediante a implementação de uma resposta socioeducativa e lúdico-pedagógica, proporcionando o desenvolvimento de competências pessoais e sociais;

- Contribuir para o reforço da fixação da população infantil e juvenil em torno dos centros de atividades tempos livres;

- Promover alternativas saudáveis de ocupação de tempos livres;

- Envolver as famílias no processo de reintegração escola/profissional dos seus descendentes;

- Contribuição para a diminuição do número de crianças institucionalizada;

- Dinamizar e sensibilizar as entidades e serviços locais para a problemática;

- Promover um trabalho intersectorial e interinstitucional a nível local e nacional;

Nesta resposta social destacam-se quatro ações principais:

1ª - Elaboração do Projeto Sociocultural e Desenvolvimento Psicossocial;

2ª – Apoio Familiar e Integração Social;

3ª – Intervenção no espaço Escola (projeto DES’’liga);

4ª – Parcerias;

2.4. Público-alvo da valência de Catl-Acr

O Público-alvo desta valência é constituído por crianças e jovens, entre os 5 e os 18 anos, em situação de risco, fraca/nula supervisão parental, de marginalidade, pré-delinquência e delinquência, absentismo e abandono escolar, rutura familiar, desadequada ocupação dos tempos livres e com dificuldades de integração social. Além do que foi referido acima, também fazem parte do grupo-alvo crianças e jovens provenientes de minorias étnicas, famílias de crianças e jovens em situação de perigo, crianças e jovens a cumprir medidas tutelares educativas e ainda crianças e jovens com medida de promoção e proteção acompanhadas pela CPCJ.

Aliado a esta situação, destacam-se outros problemas como o alcoolismo, consumo e tráfico de estupefacientes, desemprego e carência económica.

2.5. Público-alvo da intervenção

Esta intervenção destinou-se a um público-alvo bastante heterogéneo. Inicialmente o projeto foi colocado em prática em dois contextos diferentes, o primeiro na Quinta da Capela e o segundo no Bairro Nogueira da Silva. Contudo, neste último contexto foram verificados alguns entraves à execução do projeto, visto que o público-alvo revelou-se pouco assíduo, não se conseguindo um grupo, mesmo que pequeno, de participantes fixos e regulares. Desta forma tornava-se impossível perceber o impacto das atividades e ao mesmo tempo a evolução do grupo. Ainda assim foram feitas 5 sessões em que no total participaram 15 crianças dos 5 aos 12 anos de idade. Devido aos entraves já acima referidos o grupo do Bairro Nogueira da Silva ficou sem efeito e a intervenção apenas se centrou nos participantes da Quinta da Capela.

O Grupo da Quinta da Capela era formado 16 participantes 6 raparigas e 10 rapazes, dos 9 aos 16 anos, frequentadores do Catl-Acr. Estas crianças enquadram-se na descrição do público-alvo da valência de Catl-Acr acima mencionado.

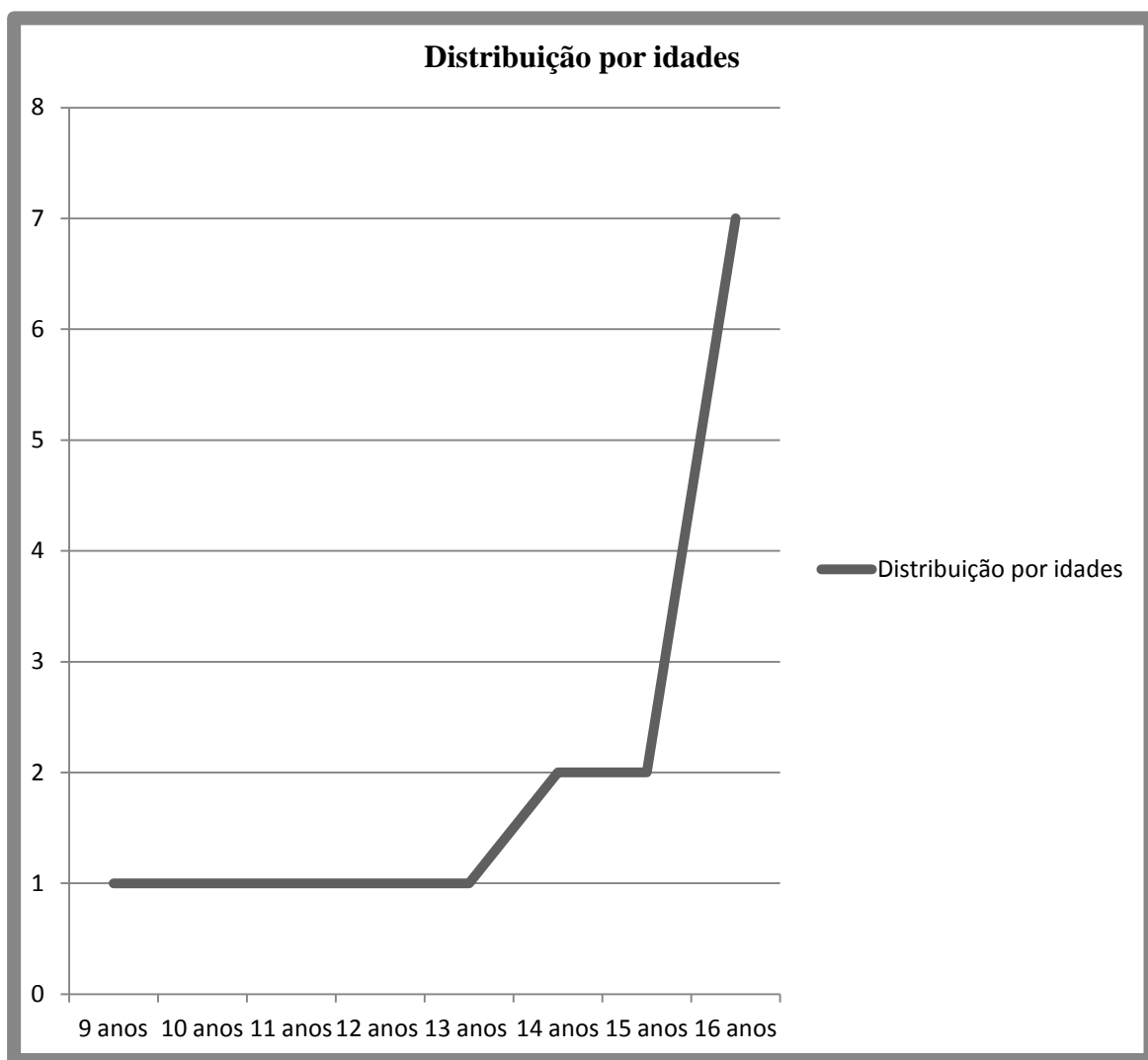


Tabela 1 – Distribuição por idades

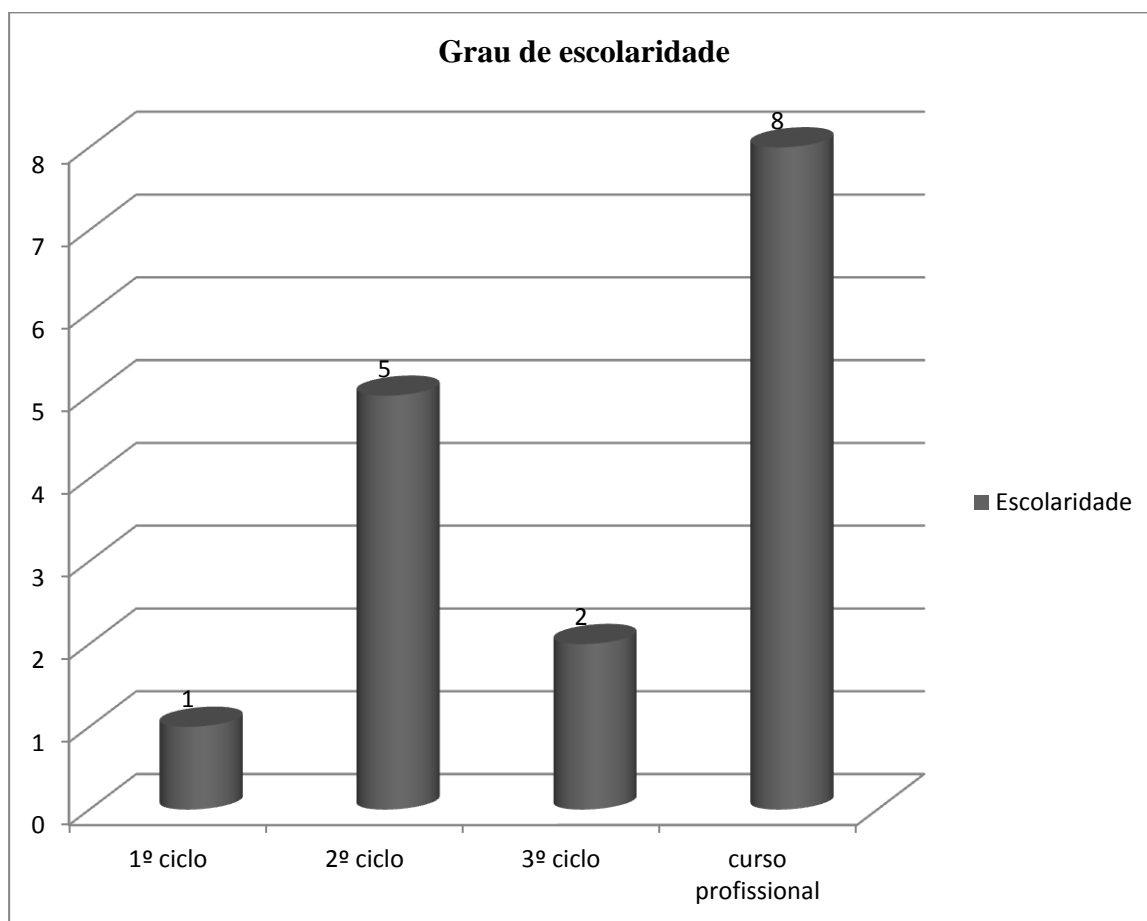


Tabela 2 – Grau de escolaridade

O grupo-alvo deste projeto despertou o meu interesse pelo potencial que revelou nas mais variadas áreas, tais como o interesse, a participação, a abertura a novos desafios, a boa capacidade de interação e motivação. Estas características vieram a revelar-se uma mais-valia na aplicação de abordagens diferentes e desafiadoras.

Resta salientar que dos 16 participantes apenas 7 frequentaram o atelier regularmente, os outros foram aparecendo esporadicamente, alguns iniciaram mas posteriormente foram reentregados nas famílias e deixaram de aparecer e outros iniciaram cursos novos com horários incompatíveis com o horário das sessões.

Grupo de participantes regulares:

| | Participantes |
|---------------------|----------------------|
| | N |
| Sexo | |
| Feminino | 3 |
| Masculino | 4 |
| Total | 7 |
| <hr/> | |
| Idades | |
| 9 Anos | 1 |
| 10 Anos | 1 |
| 11 Anos | 1 |
| 12 Anos | 1 |
| 13 Anos | 1 |
| 14 Anos | 2 |
| Total | 7 |
| <hr/> | |
| Habilitações | |
| 1º Ciclo | 1 |
| 2º Ciclo | 4 |
| 3º Ciclo | 2 |
| Total | 7 |
| <hr/> | |

Quadro 1 – Caracterização dos participantes frequentes

2.6. Apresentação da área de intervenção. Identificação e justificação da sua pertinência no âmbito da área de especialização do mestrado.

Um dos objetivos da Ação Social passa pela criação de estruturas e serviços com vista ao desenvolvimento integral das crianças e jovens no seu contexto e na sua comunidade. Os Centros de Atividade de Tempos Livres são numa resposta social muito procurada devido à grande variedade de atividades e ao acompanhamento que estas entidades efetuam tanto às crianças como às respetivas famílias. A responsabilidade inerente a este tipo de serviços deve ser acompanhada de uma perfeita adequação dos projetos desenvolvidos, com os interesses e motivações dos destinatários, neste caso, crianças, jovens, famílias e comunidades (Macedo, 1998).

Segundo Ema Delgado Macedo (1998:7):

(...) Consideram-se centros de actividades de tempos livres os estabelecimentos com suporte jurídico em entidades públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos, que se destinam a proporcionar actividades de lazer a crianças a partir dos 6 anos e aos jovens até aos 30 anos, de ambos os sexos, nos períodos disponíveis das responsabilidades escolares e de trabalho.

Desta forma os Centros de Atividades de Tempos Livres têm como objetivos, o incentivo da participação em grupo e conseqüente inserção na sociedade, a contribuição para a descoberta dos objetivos individuais e o fornecimento de competências para os atingir, a criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento integral e ainda o estabelecimento de uma boa sinergia entre os diferentes contextos (família-escola-comunidade) com a finalidade de rentabilizar todos os recursos (1998:7).

No sentido de responder eficazmente a todos estes objetivos, os centros de atividades tempos livres devem garantir que o ambiente onde são desenvolvidos é apropriado, que os funcionários, além de em número suficiente, têm a formação adequada, que as atividades desenvolvidas estão integradas num projeto de animação sociocultural com a possibilidade de os participantes escolherem livremente participar e ainda que as parcerias com a família, estabelecimentos de ensino e comunidade promovam uma complementaridade educativa e a partilha de responsabilidades (1998:8).

Tendo em conta que o Mestrado em Educação - Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária tem como finalidade fornecer aos seus alunos o conhecimento de um conjunto de métodos, técnicas e estratégias com o intuito de possibilitar

a adaptação às exigências de mediação e avaliação em contextos profissionais e ainda à dinamização de processos de aplicação prática de conhecimentos de animação e intervenção comunitária. Fez todo o sentido o estágio ter sido desenvolvido nesta área de intervenção- Centros de Atividades tempos livres.

Como já foi referido, estes centros têm uma grande vertente ligada à intervenção comunitária, não descurando a educação de adultos, é possível verificar esta afirmação quando se fala de uma resposta social que está intimamente ligada à educação integral, não só das crianças e jovens, mas também, interligada com as suas respetivas famílias e comunidades.

2.7. Identificação e avaliação do diagnóstico de necessidades, motivações e expectativas.

O diagnóstico iniciou-se com a leitura dos documentos internos da instituição assim como, o Regulamento Interno do Catl-Acr, os Estatutos, Política de Qualidade, Missão, Visão e Valores, entre outros documentos disponibilizados e que seguem em anexo. Além da leitura dos documentos internos também foi iniciada a leitura dos Planos de Desenvolvimento Socioeducativos Individuais (PSEI's) das crianças/jovens que se inserem no público-alvo.

Foi utilizada a técnica de observação participante, tanto nas horas de apoio ao estudo, como nas horas de atividades livres e observação não participante e nas situações em que houve a possibilidade de participar nas sessões de atendimento à família. Aliada à técnica de observação participante foram também realizadas conversas informais com as técnicas de Educação, com o Psicólogo e com a Assistente Social, para melhor compreender as rotinas e características específicas a reter da instituição, das crianças, ou ainda, das famílias.

De forma a complementar o diagnóstico foram feitos inquéritos com o intuito de conhecer melhor as crianças que frequentam o Catl-Acr. Neste inquérito procurou-se saber um pouco mais sobre a vida escolar das crianças, e, ainda, perceber quais os interesses das mesmas, assim como as suas ambições e perspetivas para o futuro³.

Importa referir as leituras e pesquisas bibliográficas feitas em torno da Intervenção Comunitária tendo como referência os seguintes autores: Maria Cruz (2006); Maria Coutinho (2004); Phillipe Ariès (1981); Rócio Gracia (2006); Hérica Salomão & Marilaine Martini (2007); Mercè Romans, Antoni Petrus, Jaume Trilla (2003); Rosa Lima (2003), e ainda documentos do Diário da República e do Instituto de Segurança Social.

³ Ver anexo (4) - Inquérito de diagnóstico

Após o diagnóstico inicial foi possível concluir que grande parte das crianças apreciava atividades de grupo e atividades de expressão corporal, mostrando-se disponíveis e motivadas para experimentar novas experiências.

O diagnóstico inicial foi determinante para compreender a necessidade de explorar competências de desenvolvimento pessoal e social por grande parte dos intervenientes:

Diagnóstico de interesses e motivações - I

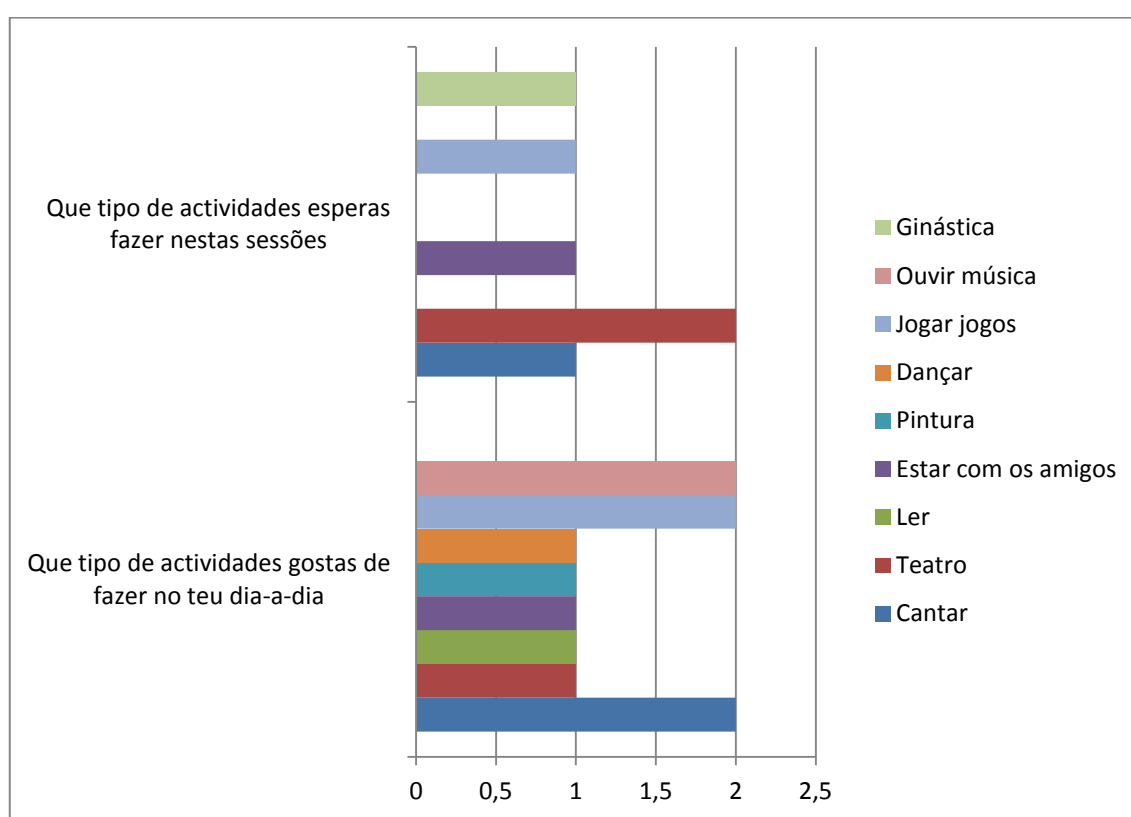


Tabela 3 – Diagnóstico de interesse e motivações I

Diagnóstico de interesse e motivações - II

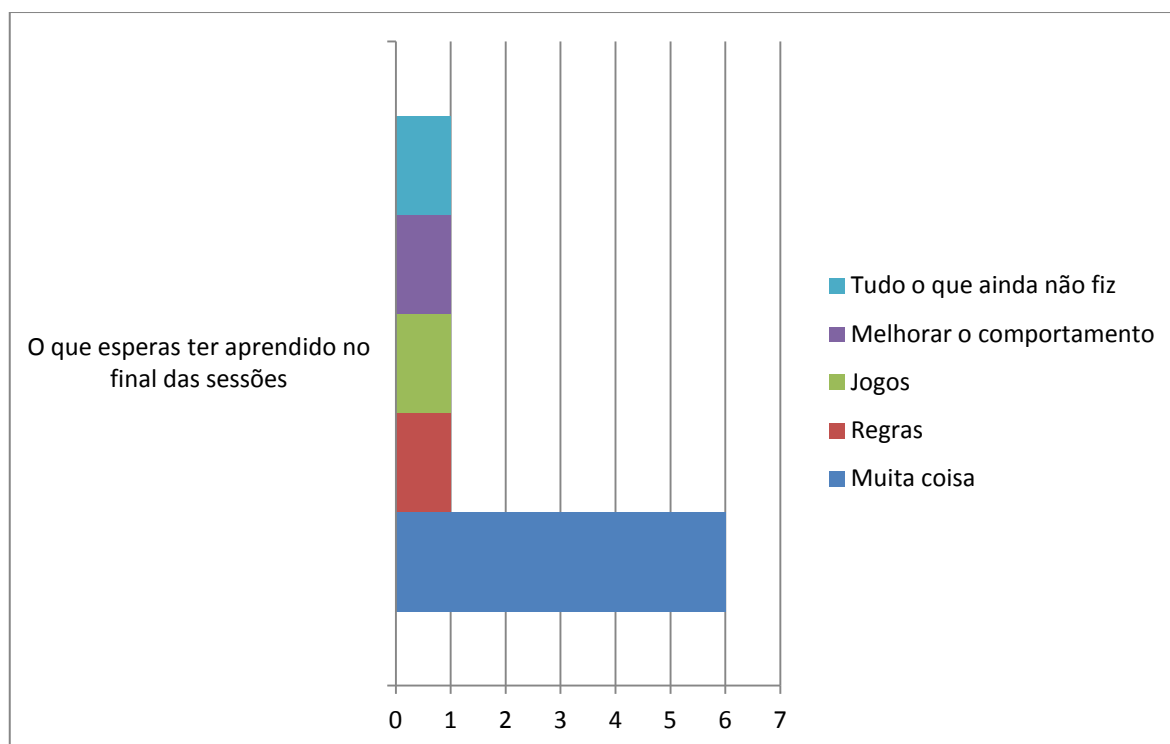


Tabela 4 – Diagnóstico de interesse e motivações II

2.8 Apresentação da Finalidade e Objetivos da Intervenção.

Os objetivos são muitas vezes associados ao conceito de finalidade, no entanto, estes dois não têm exatamente o mesmo significado. Desta forma é necessário compreender que o objetivo corresponde aquilo que se ambiciona atingir através de resultados facilmente quantificáveis. A definição clara dos objetivos é fundamental para facilitar o processo de atuação do investigador, no sentido de atingir mais eficazmente os resultados esperados. Já a finalidade corresponde à ação resultado de outra ação, que se atinge quando os objetivos são cumpridos (Gonçalves, 2008:1).

Dentro do conceito de objetivos, distinguem-se os objetivos gerais e específicos. Os objetivos gerais correspondem aos objetivos mais amplos e de longo alcance. Para atingir os objetivos gerais é necessário a delimitação de metas singulares, é a delimitação destas metas

que correspondem aos objetivos específicos. Todos os objetivos devem ser claros e exequíveis (2008:1).

Desta forma, a finalidade desta intervenção vai de encontro às metas que a valência do Catl-Acr se propôs. No caso de o projeto resultar a 100%, espera-se mudanças significativas na qualidade de vida e bem-estar das crianças/jovens e famílias.

O **objetivo geral** consiste em:

➤ Fornecer competências que vão de encontro ao desenvolvimento integral da criança/jovem, desenvolvimento esse que seja adequado aos seus mais variados contextos, tais como, pessoais, escolares e comunitários. E ainda promover espaços de participação e de aprendizagem.

Para a concretização deste objetivo é necessária a elaboração de **objetivos específicos** tais como:

➤ Desenvolver atividades que vão de encontro com as necessidades reais do público-alvo;

➤ Aferir as aprendizagens mais significativas, expectativas dos participantes;

➤ Identificar as potencialidades e constrangimentos do público-alvo;

➤ Conhecer as áreas de interesse dos intervenientes;

➤ Valorizar as capacidades, saberes e competências já existentes no sentido de

promover a autoestima e a melhorar o autoconceito;

➤ Proporcionar uma ocupação produtiva dos tempos livres;

➤ Incentivar à participação ativa nas atividades;

➤ Promover momentos de reflexão sobre temas de interesse;

➤ Estimular a motricidade e o exercício físico;

➤ Sensibilizar para hábitos de vida saudáveis;

➤ Promover a criatividade;

➤ Fomentar as relações interpessoais;

➤ Valorizar a alegria de viver e o respeito pelo outro.

3. Enquadramento teórico da problemática de estágio

O enquadramento teórico tem como objetivo a apresentação de outros estudos ou teorias acerca do tema desenvolvido no projeto em questão, de forma a contribuir para uma intervenção mais completa e ajustada. Este enquadramento serve como base teórica de toda a intervenção.

3.1. O conceito de criança

As crianças de hoje, sendo um bem escasso nas sociedades ocidentais, merecem especial atenção, tornando-se cada vez mais importante a sua salvaguarda e proteção... (Cruz, 2006:3)

O conceito de criança nem sempre auferiu a visibilidade que se presencia nos dias de hoje, só a partir do século XX é que os estudos, sobre a importância da criança, começam a ganhar alguma evidência e tornando-se objeto de reflexão e tema de análise. (Cruz, 2006:4).

Na Antiguidade alguns pensadores tentaram compreender esta faixa etária, mas apenas de forma intuitiva, sem qualquer sustentação teórica ou prática o que poderá justificar alguns hábitos, como o desrespeito e desvalorização da pessoa, criança, assim como o uso do infanticídio.

Avançado no tempo verificamos que este processo de conhecimento da criança, continua, na idade média a ser muito limitado, onde a criança é olhada como um potencial adulto, capaz de produzir trabalho, passando assim a força ativa, logo após o processo de aprendizagem precoce de uma profissão. Esta prática, recorrente nesse período, apresentava-se, aos olhos dos pensadores da época, como uma medida justa e adequada uma vez que era a forma de sustentação e sobrevivência familiar. (Ariès, in Almeida, 2005:3).

Ao longo do século XVII emerge uma nova viragem nos conceitos anteriormente difundidos e, é através dos Clérigos e Humanistas que se inicia a expansão da ideia que separa os diferentes períodos do ciclo de vida, ou seja, inicia-se aqui, a separação entre o conceito de criança, adolescente e adulto. O reconhecimento e a aceitação deste novo conceito, “criança”, introduz mudanças significativas na forma de gerar, criar e olhar este período designado por infância, emergindo assim, a noção de inocência associada a pureza angelical e fragilidade física e mental. (Cruz, 2006:4).

Mais recentemente e na atual conjuntura das sociedades modernas, que despoleta mudanças constantes, marcadas por desafios crescentes, o emergir das tecnologias de informação e comunicação e, o seu impacto no progresso e desenvolvimento económico e tecnológico das sociedades fez surgir a necessidade de olhar e repensar o processo de crescimento e desenvolvimento do ser humano, reconhecendo-lhe direitos e deveres, atribuindo-lhe desde da nascença o estatuto de cidadão. Por outro lado a necessidade de formação mais atualizada dos cidadãos, numa lógica de maior desenvolvimento, riqueza, qualidade de vida e autonomia (Day 2001; Nóvoa 2009:47) foi o mote para o emergir do novo paradigma de desenvolvimento, sustentado no progresso tecnológico, no conhecimento e na aprendizagem, relacionada com a visão de McLuhan, citado por Meirinhos (2006:54). O reconhecimento do papel informado, ativo, conhecedor e interventivo do cidadão fez prolongar o timing de dependência dos adolescentes e jovens nas famílias, podendo, esta situação apresentar-se como geradora de conflitos e constrangimentos (Cabral, 1994, in Almeida, 2005:4).

Retomando o papel da criança na atualidade não podemos deixar de identificar uma situação paradoxal, por um lado o conceito de criança, vista como ser frágil, inocente e dependente, que gerou a necessidade de criar campanhas em sua defesa. Passando assim a ser respeitadas, amadas, protegidas e desejadas como nunca tinha acontecido, noutros tempos, por força do reconhecimento fundamentado do seu direito de cidadão, mas também por as leis que emergiram em sua defesa e proteção. Por outro lado, verificamos que o mesmo sistema político que decreta leis de defesa e proteção das crianças e jovens, não fornece os apoios necessários para que as famílias possam ser ajudadas economicamente, ou na forma de assistência e apoio social e parental. A falta de apoio é gerador de grandes constrangimentos para as famílias mais carenciadas, repercutindo-se nalguma precaridade na formação pessoal, social e académica das crianças e jovens e na redução significativa dos nascimentos. No entanto, e fruto desta nova imagem e conceito da criança e dos seus direitos emergiram leis no sentido de garantir o bem-estar, assim como, o seu desenvolvimento pessoal, emocional, social, cognitivo e motor, comparativamente com outras épocas atrás já mencionadas. (Qvortrup, 2000 in Almeida, 2005:4).

Ao longo da história alguns autores foram determinantes, na viragem da imagem da criança, na evolução e na compreensão do seu processo de crescimento, desenvolvimento e de aprendizagem, neste sentido, destaca-se Jean Piaget (1896 – 1980) com a teoria do desenvolvimento e Freud (1876) com a teoria da psicanálise. Contudo, a mais importante mudança ideológica acontece com a aprovação pela Assembleia das Nações Unidas da

Convenção dos Direitos da Criança em 1989, na qual a mesma passa a ter estatuto de pessoa, com direito à individualidade, personalidade, proteção e liberdade (2006:5-6).

Artigo 19.º da Convenção dos Direitos da Criança:

Estados Partes tomam todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educativas adequadas à protecção da criança contra todas as formas de violência física ou mental, dano ou sevícia, abandono ou tratamento negligente; maus tratos ou exploração, incluindo a violência sexual, enquanto se encontrar sob a guarda de seus pais ou de um deles, dos representantes legais ou de qualquer outra pessoa a cuja guarda haja sido confiada.

Este novo desenho social de infância apenas adquiriu visibilidade no final do século XX, o facto de serem transformações muito recentes faz com que estas ainda não estejam inteiramente fixadas, persistindo comportamentos que colocam em risco as crianças do século XXI (Cruz, 2006:7).

Desta forma surge a necessidade do desenvolvimento de políticas de proteção à infância. Atualmente, o apoio social a menores reparte-se em três vertentes, a primeira na Proteção às Crianças e Jovens em geral; a segunda na Proteção às Crianças e Jovens em Perigo, que surge através da Lei nº 147/99, de 1 de Setembro – Lei de Proteção a Crianças e Jovens em Perigo; e ainda, a terceira no Apoio a Menores Delinquentes através da Lei nº 166/99, de 14 de Setembro – Lei Tutelar Educativa (Diário da Republica, 1999).

De acordo com a Constituição da Republica, artigo 69º nº 1:

As crianças têm direito à protecção da sociedade e do Estado, com vista ao seu desenvolvimento integral, especialmente contra todas as formas de abandono, de discriminação e de opressão e contra o exercício abusivo de autoridade na família e nas demais instituições.

Tendo em conta as constantes transformações que vivemos no mundo atual, a criança vive a sua infância de acordo com as circunstâncias em que se encontra inserida, desta forma, não se pode considerar a infância por si só, mas sim uma infância integrada no mundo social, cultural e infantil de cada criança, valorizando a classe social, o grupo étnico, o género entre outras características determinantes (Qvortrup, 2000 in Almeida, 2005:4).

3.2. O papel da família e a educação para os valores

Atualmente a família depara-se com dois tipos de pressões, a gestão do tempo e a gestão dos recursos, tanto um como outro são cada vez mais escassos, comprometendo assim a estabilidade e levando à diminuição de nascimentos.

Ainda assim, a família é um tema de importante significado quando se aborda o assunto das crianças. Neste sentido, a família representa um núcleo basilar da sociedade e mais propriamente da criança. Para que a criança exista é necessário que haja alguém que se disponibilize pelo seu cuidado, proteção, apoio e alimentação desde do nascimento. É através destas interações entre a criança e o seu cuidador que são efetuados os mecanismos de vinculação essenciais à sobrevivência e ao desenvolvimento da mesma (Trigueiros, 1998, in Almeida, 2005:5). As crianças estão dependentes dos seus contextos e experiências sociais (Bronfenbrenner, 1979;1986;1992, in Almeida, 2005:6) e, é através dessas experiências que a criança “seleciona, modifica e cria” a sua ideia de realidade (Almeida, 2005:6). É de salientar que as crianças também se desenvolvem e sentem satisfação quando integradas na vida do adulto, no entanto, hoje em dia devido às limitações de tempo, disponibilidade e complexidade da vida dos adultos, torna-se cada vez menos frequente esta partilha entre adulto e criança (2005:6).

É na família que se experiencia a satisfação e a insatisfação e que se aprende a lidar com problemas de acordo com a cultura em que está inserida. A família é ainda fundamental para a adaptação biossocial, além de ser uma organização idealmente estável, autoritária mas ao mesmo tempo de aberta comunicação, onde os membros se apoiam entre si e, onde existe sensibilidade para desvendar qualquer mal-estar ou comportamento menos próprio (Malhado e Neto, 2004 in Almeida, 2005:5).

Maria Cruz (2006:9), no seu artigo denominado “Menores em Risco/Perigo uma Responsabilidade Coletiva”, refere que atualmente destacam-se variadas formas de família, tais como, as famílias monoparentais, reconstruídas, celibatárias, em coabitação, referindo ainda, a família tradicional, que assenta mais na sua unidade produtiva e reprodutora, em contrapartida com a família atual que se foca principalmente na autonomia e individualidade dos seus constituintes.

Hoje, com as famílias nucleares, surge outro problema que se prende com o facto de já não ser tão frequente o convívio externo, como por exemplo, com os vizinhos. Esta pouca participação na vida de grupo restringe as relações da criança ao espaço da escola e da família, que muitas vezes já é constituída por poucos componentes (Almeida, 2005:6). Com o

aumento das famílias nucleares também se tem verificado um aumento do número de crianças que experienciam a situação de pais separados, aliada a esta situação e ao tempo de trabalho que os pais são obrigados a cumprir, a gestão do tempo das crianças está comprometida, sendo que estas estão cada vez mais envolvidas com atividades eletrônicas e cada vez menos com interações sociais e atividades motoras (Neto, 1994, in Almeida, 2005:7). Desta forma é importante acentuar a importância das atitudes parentais na evolução lúdica e motora das crianças (Cratty; Kooij e Hurk, in Almeida, 2005:7).

Também o conceito de família tem sofrido alterações significativas com o passar do tempo, no passado a família assentava sobre a autoridade dos pais, já hoje em dia, esta mesma autoridade passa progressivamente a contar com a intervenção dos filhos (Cabral, 1994, in Almeida 2005:8).

Para Maria Coutinho (2004:55), o bom desenvolvimento das crianças está relacionado com o contexto familiar no qual esta cresce e se desenvolve, este mesmo desenvolvimento está interligado com os padrões de interação entre ‘pais – criança’, tipos de experiências proporcionadas pela família e ainda com a satisfação dos cuidados básicos. Estes cuidados são primordialmente satisfeitos pela família, mais particularmente pelos pais. Desta forma, estes assumem a responsabilidade de educadores dos seus filhos, transmitindo os modelos de comportamento, de socialização e de disciplina.

A família assume um papel funcional ou disfuncional, as primeiras operam por comunicações claras, estabelecimento de limites, alianças sólidas entre os intervenientes, sendo flexíveis a padrões de comportamento alternativos. Por outro lado, as famílias disfuncionais são incapazes de assegurar as suas funções, a comunicação é confusa, não existe flexibilidade à mudança e os limites são ambíguos (Cruz, 2006:11-12). A melhor forma de conseguir o sucesso das relações familiares passa por apostar em relacionamentos saudáveis, baseados numa boa comunicação, demonstrando disponibilidade para ouvir, respeito pelas diferenças, paciência e não esquecer dos afetos que são fundamentais para um bom entendimento (Freirei, 1997 cit in Salomão; Martini 2007:5).

Em todo o caso é preciso compreender que nem sempre a família educa da forma que gostaria, algumas vezes por motivos económicos, outras vezes por falta de tempo, ou até pela incapacidade de aceitar as diferenças entre os pares, no entanto, apesar de todas estas possíveis limitações é importante apostar na presença e no acompanhamento parental de forma a evitar o síndrome chamado “Ninho Vazio” no qual as crianças se sentem desamparadas (Deslandes, 2005:9). A educação é então aliada ao desenvolvimento humano,

sendo “fenómeno transgeracional”, influenciado por todo o contexto micro e macro do indivíduo (García, 2006:20).

A ausência familiar é geradora de perturbações no modo como as crianças assimilam os valores (Sociedade Brasileira de Pediatria). É ainda na família que se aprende a enfrentar o futuro, onde se forma a construção do indivíduo, onde se aprende as competências básicas de socialização e onde devem ser saciadas as necessidades básicas (cuidar, proteger, educar, socializar e orientar). Na família predominam as “aprendizagens do coração” baseadas no afeto e na cumplicidade. A todas estas aprendizagens dá-se o nome de “Socialização Primária” (Carneiro, 2009: 23). *Todo o acto educativo que se pretenda proporcionar de uma alteração na percepção da realidade ou de uma modificação no estágio de consciência é uma educação para valores* (2009:20).

No artigo denominado “O lugar dos valores na educação – Uma aprendizagem social” de Roberto Carneiro (2009) o autor revela a importância da herança de valores duráveis e a necessidade dos mesmos serem transmitidos nos mais variados contextos frequentados pelas crianças, fala-se de valores como a honestidade, lealdade, democracia, solidariedade entre outros.

Por último, cabe realçar que os pais devem compreender e aprender a importância do desempenho dos seus papéis e tarefas, no sentido de proporcionar o sucesso do desenvolvimento integral da criança.

3.3. Competências parentais

A finalidade última dos pais é tornar os filhos adultos integrados nos seus contextos e na sua respetiva cultura. É através dos comportamentos dos filhos que se poderá avaliar como estão a ser desempenhadas as competências parentais, no entanto, os pais por serem pais não adquirem conhecimentos sem os procurarem. É fundamental a formação parental para uma melhor compreensão de todas as etapas do crescimento das crianças e jovens adultos, esta procura de respostas deve ser alargada à comunidade onde estão inseridos, através de professores, amigos ou instituições existentes para o efeito (García, 2005:24).

A dificuldade de compreender e lidar com certas etapas da vida das crianças pode ser grande, contudo, o isolamento social, de forma geral, só agrava as situações, complicando o desempenho dos pais nas suas tarefas (2005:25). Os pais ao manterem o controlo das suas vidas terão mais facilidade em gerir o comportamento dos filhos, então serão crianças mais

ajustadas. Quando este controlo está comprometido, torna-se mais difícil exigir o controlo dos filhos (2005:25).

As mudanças socioculturais com que as sociedades têm vindo a ser confrontadas dificultam o papel dos pais para encontrar respostas no sentido de colmatar as necessidades dos filhos. Neste sentido destacam-se as novas técnicas de apresentação, mais particularmente as televisivas que transmitem mensagens irrealistas aos jovens, jovens esses que são espectadores cada vez mais assíduos de programas que fazem propaganda a novos valores e padrões sociais que fomentam o consumismo, o individualismo, os excessos tanto de substâncias nocivas à saúde como o excesso de liberdade. Esta situação confunde os pais que se vêm cada vez mais pressionados pelos filhos no sentido de permitirem esta vida utópica. Esta pressão está muitas vezes na causa dos desentendimentos e conflitos entre pais e filhos (2005:28).

Importante no meio de tanta dualidade é fomentar a importância do “ser” em detrimento do “ter”, muitas vezes, os pais compensam a falta de tempo, paciência, ou compreensão com objetos de desejo dos filhos, no entanto, este comportamento passa a mensagem de que é mais importante possuir coisas do que ser alguém devidamente estruturado, com valores e bons princípios. Desta forma os pais devem garantir que definem as suas regras com algum rigor, pois as crianças necessitam de uma autoridade adulta que oriente as suas condutas (2005:29).

O estabelecimento de fronteiras claras desde tenra idade é imprescindível para o sucesso do relacionamento entre pais e filhos, esta tarefa tem como finalidade o reconhecimento e a coexistência harmoniosa com as outras pessoas (2005:34).

Em síntese, as dificuldades muitas vezes sentidas pelos cuidadores no exercício das competências parentais está relacionada com o lugar que a criança ocupa na família. É importante que a criança saiba compreender que nem sempre pode ter tudo o que quer e que no final de contas quem detém o poder de decisão são os pais. Quando não é explicado à criança esta situação, a mesma fica com a liberdade de tomar decisões acerca do que quer, sendo muito mais difícil estabelecer uma relação saudável entre a criança e os familiares (2005:33).

3.4. A importância das atividades lúdicas no desenvolvimento da criança

O centro de atividades de tempos livres, além da vertente de apoio ao estudo, também desenvolve atividades lúdicas. Salomão, Martini & Jordão (2007), no artigo denominado “A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino

não direcionado”, defendem que estas atividades lúdicas são “fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia”, no sentido em que os indivíduos têm a possibilidade de desenvolver capacidades como a atenção, memória e imaginação, além de proporcionar uma aprendizagem espontânea, estimular a criatividade e sociabilização (Oliveira, 1985, cit in Salomão et al, 2007:2). Neste sentido, considera-se importante o papel da educação intencional, porém a criação artística tem um papel significativo pois é um ato exclusivo da criança (Salmoão et al, 2007:3).

O lúdico promove ainda o rendimento escolar, conhecimento, fala, pensamento e sentimento, além de poder ser utilizado como uma estratégia de ensino aprendizagem. Freire (1997) no livro, “*Professora sim, Tia não*” citado em Salomão et al (2007), realça a componente fundamental da capacidade afetiva e intuitiva na edificação do conhecimento.

Em jeito de conclusão, pais e educadores devem valorizar esta questão do lúdico, referindo que é através dele que se experienciam práticas “inteligentes e reflexivas”, desenvolvidas com “emoção, prazer e seriedade”, de forma a ser uma porta para a descoberta de si e do outro. São ainda experiências que podem ser úteis na vida das crianças e ao mesmo tempo experiências que poderão proporcionar “prazer no acto de aprender”(2007:16)

3.5. O papel do educador social

No artigo de Jaume Trilla (2003:115-116), denominado “O universo da educação” são enumeradas algumas das principais funções do educador social, das quais se destacam as seguintes: “Função detetora e de análise de problemas sociais e suas causas; Função recreativa; Função de animação grupal comunitária; Função relacionante e dialogante com os educandos; Função formativa, informativa e orientadora”, entre outras.

O mesmo autor refere que quando um educador se encontra a exercer funções num meio interno, que é o caso, deverá:

Elaborar projectos educativos direccionados ao grupo com o qual trabalha; Estudar programas educativos de integração social; Envolver as famílias dos destinatários; Supervisionar e avaliar os objectivos alcançados e ainda, Colaborar com a equipa da instituição e se possível coordenar actividades com instituições que ofereçam serviços similares (2003:118-119).

3.6. As respostas sociais – Centro de atividades tempos livres

Com o intuito de apoiar as famílias a fornecer uma solução integrada de cuidados, de forma a promover o desenvolvimento pessoal e social da criança num ambiente seguro, surgem as respostas sociais para a Infância e a Juventude, Crianças e Jovens.

Neste caso, aborda-se a resposta social denominada Centro de Atividades de Tempos Livres, estes Centros, segundo o Instituto de Segurança Social, têm como objetivos:

Criar um ambiente propício ao desenvolvimento de cada criança ou jovem, promovendo a expressão, a compreensão e o respeito mútuo;

Promover as relações sociais em grupo;

Favorecer a relação entre família/escola/comunidade/estabelecimento, para um melhor aproveitamento e rentabilização de todos os recursos;

Proporcionar actividades de animação cultural que a criança pode escolher e nas quais participa voluntariamente, tendo em conta as características dos grupos e tendo como base o respeito mútuo;

Melhorar a situação social e educativa, e a qualidade de vida das crianças;

Promover a interacção e integração das crianças com deficiência, em risco e em exclusão social e familiar. (ISS, I.P, 2011)

4. Enquadramento metodológico do estágio

No enquadramento metodológico procura-se clarificar aspetos referentes com a metodologia utilizada que orientou todas as fases de implementação do projeto.

4.1. Apresentação e fundamentação da metodologia de intervenção

Tendo em conta que a construção social na orientação construtivista e crítica de Kincheloe (2006) esteve na base do desenvolvimento deste estudo, a escolha da metodologia recaiu numa investigação de paradigma de tipo qualitativo por valorizar técnicas interpretativas que procuram descrever, descodificar, traduzir e dar significado aos processos e fenómenos, que ocorrem naturalmente no mundo social (Bardin 2004), permitindo uma compreensão mais aprofundada da realidade dos contextos. Além disso, o contacto com todos os colaboradores do CATL e as pesquisas de tipo qualitativo efetuadas tornaram o projeto pertinente.

Ao longo da implementação do projeto, como já foi referido, o paradigma definido por excelência foi o qualitativo, no entanto, no processo de avaliação, através da análise estatística e do registo contínuo de atividades foi necessário recorrer ao método quantitativo. Estes dois métodos permitiram um conhecimento aprofundado e uma análise meticulosa sobre a instituição e seus variados contextos.

4.2. Metodologia qualitativa e Metodologia quantitativa

Estes dois paradigmas da investigação surgem com maior evidência no século XX, gerando alguma polémica por serem dois paradigmas dominantes e, ao mesmo tempo, conflituosos entre si.

A pesquisa quantitativa busca leis explicativas; já a pesquisa qualitativa busca uma descrição extensa de algo. A pesquisa quantitativa mede aquilo que considera ser uma realidade estática com o intuito de produzir ou descobrir leis universais. A pesquisa qualitativa é uma exploração do que é compreendido por uma realidade dinâmica. Postula-se que aquilo que é descoberto nesse processo não é necessariamente universal, e portanto, replicável (McKereghan,1992).

Apesar desta disputa entre os dois paradigmas, atualmente já se começa a aceitar que cada paradigma é importante para determinado tipo de investigação/intervenção, sendo que,

os dois acabam por se complementar, fornecendo assim uma investigação mais completa e fiel à realidade em causa. Segundo Fernandes (2009:24) citado em Silva (2011:50): “O ideal é a aplicação de ambas, desta forma, o investigador conseguirá, além de uma melhor compreensão da realidade, ter a oportunidade de fazer o cruzamento das conclusões das diferentes análises”.

O modelo qualitativo assume o paradigma construtivista e parece ser o paradigma por excelência, tendo cada vez mais adeptos, particularmente na área social e da educação. Bogdan e Biklen (1994:68) definem cinco características essenciais deste modelo:

- 1- A fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados;*
- 2- Os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo;*
- 3- Os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados;*
- 4- A análise dos dados é feita de forma indutiva;*
- 5- O investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.*

As técnicas e os métodos utilizados neste modelo devem garantir a absorção da realidade social no ponto de vista dos intervenientes, alvo da investigação/intervenção. Assim, dá-se preferência a métodos como a observação, inquéritos, análise documental entre outros (Silva, 2011:51).

Por outro lado, o modelo quantitativo insere-se no paradigma positivista, representando a defesa da unidade das ciências. Este modelo procura comprovar teorias, obter dados que confirmam ou desmentem hipóteses e ainda criar padrões generalizados de fenómenos e comportamentos (Bogdan e Biklen, 1994). Percebe-se assim que a investigação quantitativa destina-se à produção de propostas universalizáveis consequentes de um processo empírico, hipotético-dedutivo e estatisticamente evidenciado.

Portanto as técnicas e métodos usados neste modelo são de natureza experimental e previamente estruturados, como por exemplo, inquéritos por questionário, entrevistas estruturadas e observação estruturada, sendo que o papel do investigador aqui é de distanciamento (Silva, 2011:51).

4.3. Seleção do Método e das Técnicas de Investigação/Intervenção

Antes de desenvolver este tema é de especial importância diferenciar os conceitos de método e técnicas.

O método consiste num conjunto de regras estipuladas para desenvolver uma experiência de modo a produzir conhecimento, corrigir ideias pré-estabelecidas e ainda adaptar novos conhecimentos aos pré-existentes. É um caminho para chegar à compreensão de fenómenos, permitindo distinguir o conhecimento científico de outro tipo de conhecimento (Queirós,1994:2).

Quanto às técnicas, são os processos práticos necessários para por em curso o método, desta forma têm como finalidade a recolha e o tratamento da informação (1994:3). Resta referir que tanto os métodos como as técnicas complementam-se de acordo com as necessidades metodológicas.

Neste projeto foram utilizados diferentes métodos no sentido de aprofundar o conhecimento de todos os contextos de intervenção. Além dos métodos foram aplicadas variadas técnicas de forma a complementar os métodos.

Ao dar início ao estágio tornou-se desde logo fundamental a aplicação do método qualitativo e experimental e de técnicas como inquéritos, observação participativa e não participativa, análise documental, conversas informais, no sentido de iniciar o diagnóstico de necessidades da população-alvo, identificar as motivações e expectativas tanto das crianças como das animadoras e da Assistente Social, mas também, para posterior fundamentação metodológica. Este diagnóstico foi alicerçado através da análise documental, tanto de documentos internos fornecidos pela instituição, como também de artigos e bibliografia específica da área em questão, da observação direta não participante e participante, realizada nas conversas formais e informais com as crianças, animadoras e assistente social e ainda através de um inquérito aberto destinada aos participantes de modo a compreender quais os seus interesses, motivações e expectativas.

4.4. Investigação-ação e Investigação-ação participativa

A metodologia de investigação-ação (I.A.) emergiu das ciências médicas por volta do século XX, no entanto, é nos anos quarenta que são desenvolvidos dois programas de investigação nomeadamente no domínio da psicologia social (Quintas, 1994, cit in Fernandes, 2006:71). Kurt Lewin foi um dos grandes mentores desta metodologia, direcionando a sua

investigação sobre o campo da psicologia social no Centro de Investigação para a Dinâmica de Grupos da Universidade de Michigan. A sua investigação debruçou-se principalmente sobre o comportamento dos indivíduos e da importância do contexto social para a compreensão dos mesmos, realçando a noção de objetividade, validade e credibilidade desta metodologia (Grabauska e Bastos, 1998 cit in Fernandes, 2006:71).

Em Inglaterra, após a 2ª guerra mundial, foi desenvolvida uma perspectiva diferente no âmbito da I.A. No instituto de Tavistock, foi desenvolvida uma versão de I.A., que atuava no estudo de desordens psicológicas e sociais dos veteranos de guerra. Lewin e Tavistock destacam-se assim por serem os inspiradores de uma grande corrente de investigação-acção. Contudo só nos anos noventa e após a sua marginalização, é que se verificou o crescimento da credibilidade da metodologia da I.A nas ciências da educação e outras áreas.

No campo de ação da investigação socioeducativa destacam-se várias metodologias tais como a: Investigação-ação, Investigação participativa e a Investigação colaborativa/cooperativa. Tal como o nome do trabalho indica apenas se vai abordar a metodologia da I.A. A I.A. é uma metodologia de pesquisa pós-positivista, situada entre as metodologias quasi-experimentais e as metodologias qualitativas. Enquadra-se no campo do construtivismo, caracterizada pela utilização de conceitos teorias, linguagens, técnicas e instrumentos, com o objetivo de alcançar uma mudança na ação e uma maior compreensão da investigação. Neste sentido a finalidade da I.A. é dar resposta aos problemas e interrogações existentes nos diversos âmbitos de trabalho, promovendo uma reflexão sobre a realidade e uma transformação da mesma, *transformar a realidade e produzir os conhecimentos que dizem respeito às transformações realizadas* (Hugon & Seibel, 1988, cit in Barbier, s.d.).

Esta metodologia implica um questionamento reflexivo em conjunto, das realidades sociais, tanto do ponto de vista dos participantes bem como da própria compreensão das práticas e situações nas quais se desenvolve a realidade analisada, com o intuito de otimizar, melhorando a racionalidade e a justiça das próprias práticas sociais ou educativas (Kemis, McTaggart, 1988, cit in Matos, 2004:5). Na maioria das vezes a I.A. é uma metodologia que implica a participação, desta forma, é uma metodologia de carácter participativo, em que se tornam agentes de mudança tanto os que por ela são atingidos como os que se encontram envolvidos (Dick, 2000:2). Ao contrário da maioria dos outros tipos de investigação, na I.A. os investigadores além de observarem, também são participantes ativos e agentes de mudança, agindo como facilitadores.

O investigador deve ainda integrar-se na dinâmica do terreno assistindo ao que nele se desenvolve, para que recolha dados, evidências, conheça as opiniões e realize observações durante todo o processo de investigação:

A investigação-acção valoriza métodos qualitativos e interpretativos, centra-se na experiência vivida pelos participantes e na construção de conhecimento, participativa, colaborativa e crítica própria do modelo sócio construtivista, assentes em propósitos de auto conhecimento, emancipação e transformação das práticas (Ribeiro, 2005:146).

No processo de I.A. alterna um “processo de investigação em espiral”, ou seja, ciclos dentro de ciclos em espiral de planificação, uma vez que a recolha da informação serve para rever as questões iniciais que, sujeitas a um processo de reflexão, desencadeiam procedimentos de reformulação e de nova planificação da ação. A informação produzida pela reformulação é geradora de novas hipóteses que poderão alterar o quadro inicial. Esta metodologia poderá impor uma abordagem multidiferencial, de forma a dar resposta à complexidade das realidades estudadas (Barbier, 1997, cit in Fernandes, 2006:47).

A I.A. tem como principais características o duplo objetivo da ação e da investigação, ou seja, a ação no sentido de atingir a mudança da realidade analisada e a investigação de forma a ampliar os conhecimentos e a compreensão por parte de quem investiga (Dick, 2000:2), tendo assim como função a melhoria da prática tanto no campo de ação como no campo da investigação, de forma a obter melhores práticas e consequentemente melhores resultados, facilitando as mudanças necessárias tanto a nível dos participantes como dos grupos envolvidos.

O investigador, ao aplicar esta metodologia tem que compreender a singularidade de cada grupo social, contrariando assim a reprodutibilidade e o reducionismo da investigação (Checland,1981, cit in Fernandes, 2006:48). Desta forma o investigador parte para a ação com o intuito de obter conhecimento.

A metodologia de I.A. é composta por quatro fases principais, como apresenta o autor Pérez Serrano (1994) citado por Fernandes (2006:6):

1. *Diagnosticar ou descobrir uma preocupação temática, ou seja, problema;*
2. *Construção do plano de acção;*
3. *Proposta prática do plano e observação de como funciona;*
4. *Reflexão, interpretação e integração dos resultados. Replanificação.*

Além destas fases outros autores tais como Santos (2004) e Baskerville (1999) citados em Fernandes (2006:7) referem as seguintes particularidades:

Desenvolve-se de forma cíclica ou em espiral, consistindo na definição do âmbito e planeamento, antes da acção, seguida da revisão, crítica e reflexão;
Facilita um misto de capacidade de resposta e de rigor nos requisitos da investigação e da acção;
Proporciona uma ampla participação geradora de responsabilidades e envolvimento;
Produz mudanças inesperadas e conduz a processos inovadores.

A metodologia privilegia de um conhecimento da realidade pela flexibilidade e ajustamento aos contextos, num desenho aberto à emergência, num processo descritivo e interpretativo dos dados, tendo em conta a análise e crítica de todo o processo a partir do qual se extrairão as conclusões.

Esta metodologia de investigação, pelas características acima referidas, apresenta-se como uma vertente dinâmica e inovadora pelo seu potencial teórico-prático, que permite que a investigação-acção acrescente conhecimento ao fenómeno investigado.

Elliott citado por Máximo-Esteves (2008:18) despertou especial atenção e interesse, por definir a I.A. como um processo de procura do conhecimento da realidade social, no sentido de adequar estratégias para garantir a melhoria da intervenção e respetiva transformação dessa mesma realidade.

Cohen e Manion citado por Máximo-Esteves (2008:19) alertam, para o facto de as perspectivas de investigação mais tradicionalistas não considerarem a investigação-acção como uma metodologia com base científica. Alegam neste sentido que os princípios que a sustentam entram em conflito com a perspectiva de investigação mais tradicional, pela articulação entre teoria e prática, imprecisão de instrumentos usados e pela impossibilidade de generalização dos dados obtidos. E ainda a dualidade de critérios que podem estar subjacentes a quem a utiliza: como um processo de investigação rigoroso, ou como uma estratégia de facilidades e de ilusão científica.

Como estratégia metodológica, a investigação-acção é relativamente recente, pouco falada e com alguns conflitos na definição epistemológica, resultantes das variadas designações a ela atribuídas. É nesta linha que Cohen e Manion citado por Máximo-Esteves (2008) referem a dificuldade da definição do termo investigação-acção, pelo seu uso diversificado e pelos vários cenários onde ocorre, potenciando oposições e contra correntes.

Assiste-se, no entanto, a vários autores, como Bogdan e Biklen (1994) partidários desta corrente metodológica, que defendem a I.A. como um processo de sistematização com procedimentos metodológicos assentes na compreensão e conhecimento da situação, com o objetivo de desenvolver mudanças sociais.

Já Kemmis e McTaggart citado por Vasconcelos (2006:227) objetivam a ideia fulcral da investigação-acção ao defini-la como:

A investigação acção é uma forma de indagação introspectiva colectiva empreendida por participantes em situações sociais com o objectivo de melhorar a racionalidade e a justiça das práticas, sociais ou educativas, assim como a sua compreensão destas práticas e das situações em que estas têm lugar.

De forma a obter toda a informação necessária que pudesse fundamentar a prática optou-se por um design de Investigação acção e neste caso uma Investigação acção participativa (IA). Esta metodologia reflete sobre os valores e a adequação dos procedimentos na produção do conhecimento, encontra-se ainda inserida num paradigma alternativo que tem como objetivo aproximar os leigos dos detentores de saberes especializados. A Justiça social e o Desenvolvimento são duas preocupações-chave, que se aliam à democracia participativa e à responsabilidade social (Lima, 2003:318-319). Trata-se de uma metodologia que procura a produção de conhecimento, através da aprendizagem (aprender com os outros e aprender a aprender), esta mesma busca pelo conhecimento vai de encontro ao seu objetivo que é a resolução de problemas. Entramos aqui nas, vantagens da utilização da IAP que passam pela flexibilidade e adequação das estratégias, dos instrumentos e dos modos aos respetivos contextos e objetivos (2003:318-319).

Peter Reason e Hilary Bradbury (2001) cit in Lima (2003:321) definem IAP da seguinte forma:

Processo democrático, participativo, que diz respeito ao desenvolvimento do saber prático para propósitos humanos dignos, (...) procura juntar a acção e a reflexão, a teoria e a prática, de forma participada, na procura de soluções para questões importantes para as pessoas, (...)

Os pressupostos metodológicos da IAP, passam por considerar cada indivíduo como protagonista central no processo de construção do(s) cidadão(s), compreendendo que todo o ser humano produz conhecimento útil para a reorganização e condução da sua vida, valoriza

ainda a realidade específica de cada indivíduo de forma a entender o que lhe é familiar e como se constrói a sua aprendizagem, passando pela busca da participação e da tomada de decisões, de forma a favorecer a aprendizagem e a responsabilização (2003:318).

Os princípios orientadores da IAP enfatizam o papel de investigador coletivo, papel esse, que passa pela busca de outros olhares, outras compreensões, através do trabalho cooperativo de todos os implicados. A capacitação e emancipação de todos os indivíduos e dos grupo, e ainda, a criação de condições de participação e de responsabilização são também princípios da IAP (2003:319-320).

Na IAP parte-se da realidade que se vive para aquilo que se deseja, analisando quais os recursos e constrangimentos e quais as alternativas de forma a atingir o objetivo final. Tal como no nome diz, a participação tem um fator fundamental nesta metodologia, o trabalho deverá ser cooperativo desde do início do projeto e em todas as fases do mesmo, desde do diagnóstico de necessidade até à avaliação final (2003:321 e 323). A aplicação desta metodologia teve sempre em conta as crianças/jovens para as quais as atividades se destinavam, sendo que todas as atividades eram realizadas com a participação ativa de todo o grupo no sentido de lhes proporcionar liberdade de intervenção, participação, mas ao mesmo tempo fomentar a autonomia das mesmas.

Este *design* revelou-se o mais adequado, tendo possibilitado o verdadeiro conhecimento do público-alvo e seu meio envolvente, contribuindo para a participação ativa de todos os intervenientes, tanto nas atividades propostas como no estímulo das relações interpessoais. Foi este mesmo sucesso que permitiu a sustentabilidade deste projeto.

4.5. Plano de tratamento e análise de dados

A avaliação é um elemento fulcral num projeto de investigação ou intervenção, segundo Michael Scriven (1991:2), esta determina o valor de um processo ou o que dele resultou. Para que a avaliação seja algo fiável tem que possuir objetividade, ser aceite como válida e ainda ter características que a credibilizem nos processos utilizados. A avaliação procura o saber com a finalidade de obter informações sobre o objeto avaliado, com a finalidade de ajudar no desenvolvimento do projeto e ainda de considerar os seus resultados.

Na avaliação de projetos existem cinco aspetos a ter em conta:

- 1- O objeto da avaliação – projeto que se pretende avaliar;
- 2- O design da avaliação – planeamento da avaliação;

3- Os instrumentos a serem utilizados – os mais usuais são entrevistas, questionários e observação direta;

4- Os critérios de apreciação – Os dados devem ser interpretados para que os resultados obtidos sejam claros;

5- A comunicação dos resultados – Esta comunicação deve ser extensível a todos os que nela têm interesse (responsáveis e participantes) de forma verbal ou através de um relatório (1991:14).

Seja qual for o tipo de avaliação, esta deverá ser sempre transversal ao projeto, neste caso, a avaliação foi efetuada em três momentos:

1 - No início da intervenção, através da observação, análise documental, aplicação de um inquérito por questionário e conversas informais;

2 - Ao longo do projeto ou avaliação contínua, através do diário de bordo e narrativas críticas;

3 - No final do projeto, através do uso de outro inquérito por questionário (1991).

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005:163), a **Observação** corresponde à análise da realidade no momento em que ocorrem os fenómenos, através da proximidade do investigador com o público-alvo no seu contexto. Na observação devem ser respondidas as seguintes perguntas: “ Observar o quê? Em quem? E como?”.

A observação divide-se em três momentos, o primeiro consiste na elaboração de um instrumento capaz de testar as hipóteses; o segundo corresponde à aferição do instrumento de observação e o terceiro momento refere-se à recolha dos dados. No que respeita à sua realização, existem dois tipos de observação, a observação direta, na qual se usufrui da presença física do investigado e a observação indireta que é executada através de um intermediário. No que respeita à observação direta, esta pode ser participante ou não participante (2005:181).

Relativamente a este projeto foram utilizadas tanto a observação não participante, que se verificou numa fase inicial do diagnóstico de necessidades, em que se manteve o distanciamento de forma a não interferir no contexto institucional. E participante nas fases seguintes, permitindo que fossem estabelecidos e aprofundados laços de companheirismo, cumplicidade e confiança entre todos os intervenientes do projeto (2005:181).

A **Análise documental** é uma técnica fundamental pois é a base do trabalho de investigação, segundo Albarello (1997:30) *a pesquisa documental apresenta-se como um método de recolha e de verificação de dados: visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não, e, a esse título, faz parte integrante da heurística da investigação.* Esta análise deve

compreender três fases fundamentais, a primeira que corresponde à crítica interna do documento, através da sua leitura e interpretação; a segunda que se refere à crítica externa, na qual se examinam os aspetos materiais do documento em si; e, a última, que é relativa à crítica do conteúdo, no qual se confirma ou desmente a informação relatada no documento.

A análise documental manifestou-se transversal a todo o projeto, tendo-se revelado protagonista na contribuição para a base bibliográfica do mesmo, permitindo assim uma contextualização mais fiável e fundamentada.

O **Inquérito por questionário** consiste numa sequência de perguntas dirigidas a um conjunto de indivíduos de forma a recolher informação sobre os mesmos ou sobre os seus contextos (Almeida & Pinto, 1995:70).

Neste projeto o inquérito por questionário foi utilizado em dois momentos distintos. O primeiro foi aplicado na avaliação inicial e tinha como objetivo compreender as expectativas e motivações dos participantes assim como os seus gostos e interesses. O segundo foi aplicado na fase final, em grande grupo e com o objetivo de um balanço apreciativo das atividades realizadas durante os meses de estágio.

Estes dois momentos permitiram avaliar a satisfação do público-alvo, sendo que este esforço de aplicação dos questionários baseou-se numa relação de confiança entre todos os membros, sendo claro que estariam à-vontade para expressarem os seus pareceres críticos de forma a usufruírem da responsabilidade de serem elementos fulcrais do projeto, com voz ativa ao longo do decurso do mesmo.

As **Conversas informais** são fundamentais para recolha de informações verbais únicas e basilares. Neste caso, as conversas informais foram determinantes para completar a metodologia, tanto na fase de diagnóstico como ao longo da implementação do projeto, até à sua fase final.

As **Diário de bordo/Narrativas críticas** correspondem à descrição detalhada de todos os momentos do projeto, integrando todas as certezas e estranhezas do quotidiano. As narrativas críticas no projeto em questão foram desenvolvidas todos os dias do estágio e foram fundamentais para compreender a evolução das intervenções, o que tem sucesso e o que necessita de ser alterado ou reformulado de forma a manter o projeto pertinente e viável.

No tratamento dos dados é de referir que em qualquer projeto é recolhida uma grande quantidade de informação e, a importância da mesma dependerá da forma como essa informação for organizada e tratada. Neste projeto os dados recolhidos foram tratados de forma qualitativa através de um diagnóstico aplicado por análise documental; um inquérito na fase inicial de diagnóstico de necessidades; de um diário de bordo que foi testemunho das

atividades realizadas ao longo do estágio, no qual se avaliou todos os momentos da intervenção através de narrativas críticas; observação participativa e não participativa; conversas informais; e ainda, no final das sessões um inquérito final. Os dados foram tratados de forma quantitativa, através de gráficos e tabelas realizadas pela estagiária no programa Excel.

4.6. Identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo.

Na elaboração deste projeto foi essencial o uso a recursos materiais, físicos e humanos. Estes recursos são responsáveis pela efetiva implementação e conclusão do projeto.

Recursos Materiais

Os recursos materiais compõem-se pelos equipamentos utilizados na implementação do projeto.

- Computador;
- Impressora;
- Papel;
- Retroprojeter;
- Cartolina;
- Canetas;
- Balões;
- Cd's de música;
- Livros;
- Post-ti's;
- Régua;
- Tesoura;
- Ovo crú;
- Canetas de acetato;
- Camara de filmar;
- Lápis
- Borrachas
- Cola;
- Cartões coloridos;
- Caixa de sapatos;
- Guaches;
- X-acto;
- Movie maker;

Recursos Físicos

Referem-se à localização geográfica onde ocorre a implementação do projeto.

- Instalações do Centro Cultural e Social de Santo Adrião.

Recursos Humanos

Os recursos humanos representam todos os indivíduos que colaboram no projeto e constituem o seu principal foco.

- Responsável do projeto;
- Crianças que frequentam o CATL;
- Acompanhante de estágio e ainda as animadoras do CATL.

No que concerne aos recursos resta salientar que a instituição sempre se mostrou disponível para fornecer os recursos necessários à implementação das atividades planeadas.

Limitações do processo

Ao longo de todo o estágio surgiu a necessidade de adaptar o projeto às contingências que iam surgindo, desta forma as limitações mais significativas prenderam-se com:

1- Dificuldade de juntar todas as crianças abrangidas pelos serviços do CATL, isto devido aos seus horários divergentes. Contudo foi possível juntar um grupo fixo de 7 crianças/jovens.

2- Outra limitação tem a ver com o escasso tempo das sessões, apesar de serem de uma hora, muitas vezes verificou-se a necessidade de se prolongar por mais tempo.

3- A entrada de elementos estranhos ao grupo, numa fase em que este já estava bastante coeso, foi uma limitação que tinha como efeito a destabilização da sessão e do grupo, esta limitação foi posteriormente resolvida, quando deixaram de frequentar as sessões pessoas externas ao grupo.

4- A falta de comparência dos encarregados de educação nas reuniões e nos atendimentos à família, revelou-se outra limitação para a qual não foi possível uma solução.

5- Por último no meu entender a maior limitação que se sentiu correspondeu ao problema de saúde da estagiária, que a obrigou a interromper o estágio antes do tempo delimitado.

Ainda assim foi possível concluir com algum sucesso as atividades e os objetivos que foram propostos. De um modo geral o balanço é positivo e para grande parte das limitações foram encontradas alternativas igualmente eficazes e viáveis.

5. Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção

Tal como o nome indica, neste ponto será efetuada a apresentação e discussão do trabalho de intervenção, este ponto tem como intuito a exposição do conteúdo do trabalho do interventor.

5.1. Apresentação do trabalho de intervenção desenvolvido em articulação com os objetivos definidos

Como seria de esperar todas as atividades que foram desenvolvidas carregaram como objetivo a melhoria significativa da vida das crianças/jovens em causa e posteriormente dos seus contextos e das suas famílias. Para isso foram desenhadas atividades de acordo com essa finalidade.

Na fase de implementação foi desenvolvido aquele que é o grande pilar deste projeto, que consiste no atelier de desenvolvimento pessoal. Este atelier teve como intuito:

- Promover o conhecimento e relação interpessoal;
- Promover os valores da amizade;
- Aprofundar a educação para a saúde;
- Estimular a motricidade;
- Desenvolver a autoestima;
- Aperfeiçoar a concentração;
- Desenvolver os valores de cidadania;
- Estimular a criatividade;
- Incentivar à responsabilidade;
- Desenvolver as capacidades de comunicação e pensamento crítico;
- Promover o relaxamento e autocontrolo;
- Sensibilizar para o sentido grupo e de cooperação.

Para isto foram delineadas atividades que se prolongaram ao longo do estágio, no polivalente da instituição, durante uma hora, uma vez por semana.

Além do atelier também foram efetuados atendimentos às famílias; foram elaborados os Planos socioeducativos individuais dos membros do CATL; foi feita uma sessão de formação aos pais e encarregados de educação acerca da dificuldade de ser pai e mãe nos dias de hoje; e

ainda sobre alfabetização financeira para famílias. Além do que já foi referido, foi feito acompanhamento ao estudo, nas horas de estudo, às crianças que frequentam o CATL.

5.2. Atividades planeadas

Atividades realizadas no atelier de desenvolvimento pessoal⁴:

| Atividade | Objetivo | Desenvolvimento | Avaliação (Diário de bordo) |
|--------------------|--|--|--|
| Aquecimento | - Estimular a motricidade; | O aquecimento desenvolvia-se no início de todas as sessões durante cerca de 10 minutos. | O aquecimento foi algo definido desde do início, correu sempre como esperado. Ao longo do tempo os participantes já o faziam sem necessitarem de indicações. |
| Jogo Da Comichão | - Promover o conhecimento e relação interpessoal; | Os participantes sentam-se em círculo. O Animador explica as regras e inicia a atividade. Um dos participantes inicia a atividade dizendo o seu nome e indicando um local do corpo onde tem comichão. O elemento sentado à sua direita, repete em voz alta o nome do colega ao mesmo que começa a coça-lo no local onde este referiu ter comichão. Seguidamente, diz o seu nome e indica também um local do corpo onde tem comichão. A atividade prossegue, sempre pela direita, até todos se terem apresentado. | Esta atividade correu bem, os participantes inicialmente mostraram alguma inibição em tocar nos companheiros do grupo, mas após algum tempo ficaram todos mais desinibidos, tornando-se um momento muito divertido para todos. |
| O Amigo Imaginário | - Desenvolver as capacidades de comunicação e pensamento | Os participantes sentam-se em círculo. O Estagiário apresenta ao grupo um balão com um rosto desenhado, explicando que o | O jogo do amigo imaginário propiciou a trocas de ideias sobre a amizade e os valores que são necessários para se |

⁴ Ver anexo (6) - Planeamento das atividades

| | | | |
|----------------------------|--|--|---|
| | <p>crítico; - Sensibilizar para o sentido grupo e de cooperação; - Promover os valores da amizade.</p> | <p>balão irá representar um “Amigo Imaginário”. Este “Amigo Imaginário”, representará o que cada um dos participantes considera ser importante num Amigo. O dinamizador inicia a atividade atirando o balão a um dos participantes, que começa por dizer se o seu “Amigo” é masculino ou feminino, que características físicas e psicológicas possui, como se relaciona consigo, etc. O estagiário pode pedir aos participantes que “conversem” com esta personagem, falando um pouco de si próprios, durante um tempo limitado. O participante atira depois o balão a um outro elemento do círculo. A atividade termina quando todos tiverem apresentado o seu “Amigo”.</p> | <p>ser amigo. Foi uma atividade muito rica e apreciada pelos participantes.</p> |
| <p>Jogo do quem é quem</p> | <p>- Promover o conhecimento e relação interpessoal;</p> | <p>O grande grupo está sentado em círculo, é escolhido um elemento do grupo que se senta no meio do círculo e seguidamente é vendado; Depois de o elemento escolhido estar vendado um dos colegas senta-se em frente dele. O elemento vendado deverá identificar o outro colega apenas com o toque nas mãos cara, cheiro, cabelo.</p> | <p>O jogo serviu para aproximar os elementos do grupo, além de divertido todos os participantes conseguiram descobrir o seu parceiro.</p> |
| <p>Jogo da autoestima</p> | <p>- Promover o conhecimento e relação interpessoal; - Promover os valores da amizade; - Desenvolver a autoestima.</p> | <p>O dinamizador divide a turma em dois subgrupos que se irão situar frente a frente na sala. Cada grupo escolhe um colega da equipa contrária e, durante algum tempo, combina entre si alguns elogios que possam identificar de forma subtil o elemento escolhido. Através do seu porta-voz, vão</p> | <p>Durante a atividade da autoestima sentiu-se alguma vergonha tanto por parte dos que estavam a elogiar como dos que eram elogiados. Os elogios baseavam-se maioritariamente em aspetos físicos, havendo necessidade de refletir</p> |

| | | | |
|---|---|--|---|
| | | <p>indicando em voz alta as características do colega escolhido.</p> <p>Cabe ao grupo contrário adivinhar, e com o menor número de elogios possível, “quem é quem?”</p> | <p>sobre outras características mais profundas.</p> |
| <p>Jogo dos talentos</p> | <p>- Estimular a criatividade.</p> | <p>Os formandos sentam-se em grupo e cada um apresenta, em poucos minutos, algo ao grande grupo, uma música, uma história ou até uma pequena dança. O grupo terá o dever de incentivar a aplaudir cada apresentação, mostrando apoio.</p> | <p>No jogo dos talentos os dois grupos optaram por fazer uma representação. O primeiro abordou o tema do racismo e o segundo abordou o tema da família. Neste segundo grupo o tema da família foi muito baseado na violência entre pais e filhos e não tanto nos aspetos positivos da mesma, surgindo assim a necessidade de aprofundar o tema e refletir sobre a importância da família.</p> |
| <p>Jogo: “Gostas de mim? Porquê?”</p> | <p>- Promover do conhecimento e relação interpessoal; - Promover os valores da amizade; - Desenvolver a autoestima.</p> | <p>Os participantes sentam-se em círculo, colocando-se o dinamizador, em pé, no centro, não existindo cadeiras vazias.</p> <p>Explica ao grupo a dinâmica da atividade, que consiste em dirigir-se a um dos participantes do círculo, perguntando: Gostas de mim? Obrigatoriamente, o formando deverá responder afirmativamente. Seguidamente, pergunta: Porquê? O participante deverá referir uma característica positiva da pessoa que se lhe dirigiu.</p> <p>Todos os formandos que se reconheçam nessa característica, obrigatoriamente deverão trocar de lugar.</p> <p>Ficará sempre um elemento de pé, que continuará a atividade.</p> | <p>O jogo correu bem, este jogo veio complementar os jogos anteriores feitos no sentido de estimular a autoestima e verificou-se melhorias significativas, tendo em conta que os participantes começam a distanciar-se das características físicas para definir uma pessoa e começam a utilizar conceitos mais profundos da pessoa.</p> |
| <p>Quebra-gelo / Clarificação de Valores</p> | <p>- Desenvolver as capacidades</p> | <p>Previamente, o dinamizador prepara um post-it com o nome</p> | <p>Devido à escassez do tempo o jogo correu bem</p> |

| | | | |
|----------------------|---|--|--|
| | <p>de comunicação; - Incentivar a responsabilida de.</p> | <p>de uma personalidade em número suficiente para cada um dos participantes. Os participantes sentam-se em círculo e o dinamizador cola um dos post-it nas costas de cada um deles. Explica ao grupo que no post-it que têm nas costas está escrito o nome de uma personalidade de diferentes áreas. Pede aos participantes que, sem ver nem retirar o seu post-it, tentem adivinhar o nome da personalidade que lhes foi atribuída. Para tal, podem apenas colocar questões aos colegas do grupo, enquanto circulam pela sala aleatoriamente. As perguntas devem ser elaboradas de tal modo que possam ser respondidas com “sim” ou “não”. Depois de identificada a personagem, o post-it será retirado das costas e colocado à frente. A atividade termina quando todos tiverem identificado a sua personagem.</p> | <p>mas não houve oportunidade de todos os elementos do grupo participarem.</p> |
| <p>O cubo mágico</p> | <p>- Promover o conhecimento e relação interpessoal; - Desenvolver as capacidades de comunicação.</p> | <p>Com o material indicado, o dinamizador faz um cubo em cartolina, escrevendo em cada uma das faces uma pergunta adequada à temática que se pretende explorar. Divide em dois grupos os participantes, que se sentam frente a frente. Cada participante, na sua vez, deve jogar o cubo para um dos elementos do outro grupo, sentados à sua frente. O participante que recebe o cubo, deverá responder à pergunta correspondente à face do cubo que ficou voltada para cima. Depois de todos terem jogado e</p> | <p>O jogo do cubo mágico destacou-se pela positiva. Foram desenvolvidos temas muito interessantes e algo pessoais, dando a possibilidade de criar alguma empatia entre os elementos que estavam empenhados em ajudar e em participar ativamente.</p> |

| | | | |
|---|--|--|---|
| | | <p>respondido, pode dar-se a possibilidade a quem quiser de responder a outras perguntas que não lhe tenham saído. Ou então, a atividade pode protelar-se até que todos tenham respondido a todas as questões.</p> | |
| <p>Quadro de valores</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver as capacidades de comunicação e pensamento crítico; - Desenvolver os valores de cidadania. | <p>O dinamizador distribui a cada um dos participantes uma grelha e informa que irá ler uma série de palavras soltas numeradas de 1 a 15.</p> <p>Em relação a cada uma das palavras, os formandos devem indicar, de acordo com a conotação que tem para si, se as entendem como positivas, negativas ou apenas neutras. Para isso, devem assinalar com um X a respetiva coluna na grelha que lhes foi entregue.</p> <p>O dinamizador deve ler as palavras de forma clara e num ritmo tal que apenas permita o registo da primeira impressão dos participantes.</p> | <p>Revelou-se uma atividade muito rica, todos os participantes contribuíram ativamente para o debate das palavras lançadas, havendo um confronto de ideias muito enriquecedor e positivo para a desconstrução de preconceitos e mitos.</p> |
| <p>Resolução de problemas (Droga)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Aprofundar a educação para a saúde; - Desenvolver as capacidades de comunicação e pensamento crítico; - Desenvolver os valores de cidadania; - Incentivar à responsabilidade. | <p>O Dinamizador apresenta um problema ao grupo e com a utilização da técnica de role play ou de debate ordenado com os participantes, explora as suas capacidades de argumentação.</p> | <p>Este jogo não foi desenvolvido com muito sucesso. Sentiu-se alguma falta de maturidade, tendo em conta que o assunto era o consumo de drogas. Os participantes de modo geral consideram que não é algo preocupante. Houve a necessidade de refletir mais aprofundadamente sobre este tema.</p> |
| <p>Jogo – Comunicação o além das palavras</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver as capacidades de comunicação; - Promover o conhecimento | <p>Expressão facial:</p> <p>Pede-se aos participantes que representem diferentes expressões faciais para que os restantes colegas adivinhem. O participante que adivinha, deve</p> | <p>O jogo correu bem, o grupo concluiu várias coisas, uma é que a forma como nos apresentamos diz muito sobre nós. E outra é que</p> |

| | | | |
|--------------------------|--|---|--|
| | e relação interpessoal. | explicar o significado daquela expressão e qual a postura mais indicada para aquela situação. | grande parte da comunicação não está nas palavras mas sim nas nossas expressões. |
| Jogo “O quadro” | - Desenvolver os valores de cidadania; - Promover o conhecimento e relação interpessoal; - Estimular a criatividade. | Contacto Visual: Mostrar aos participantes cartões com diferentes situações referentes aos tipos de contactos visuais, os participantes devem tentar acertar e explicar qual a diferença entre os diferentes tipos de contacto visual. Em roda é explicado aos participantes que terão de representar sem recorrer à oralidade um tema lançado pela educadora. Após este exercício serão feitos quadros estáticos com o conjunto dos participantes no meio da roda. Os quadros numa segunda fase poderão ter um movimento simples e numa fase seguinte poderão ter um som. | Este jogo foi feito com sucesso e os participantes demonstraram que estão providos de muita criatividade. Foi um jogo extremamente rico e revelador. |
| Conversas com o parceiro | - Desenvolver as capacidades de comunicação; - Promover o conhecimento e relação interpessoal. | Em pares, deverão manter uma conversa do seguinte modo: Cada parceiro, na sua vez, diz uma palavra até formar uma frase. | O jogo correu bem e os participantes além de frases conseguiram organizar uma história com princípio meio e fim com esta técnica. |
| Cair para trás e agarrar | - Promover o conhecimento e relação interpessoal; - Sensibilizar para o sentido de grupo e de cooperação; - Incentivar à responsabilida de | Os parceiros colocam-se a uma determinada distância, um atrás do outro, ambos virados para o mesmo lado. A pessoa que estiver a frente deixa-se cair para trás e é agarrada pela que está atrás de si. O parceiro da frente deve estar relaxado. Podem variar-se as distâncias dentro de um limite que ofereça segurança. | A atividade correu bem, todos os elementos conseguiram deixar-se cair para trás, uns após algum incentivo, outros mais facilmente. |
| Não me façam rir | - Aperfeiçoar a | Um dos elementos do grupo | Esta atividade foi |

| | | | |
|------------------------------------|---|--|--|
| | concentração. | põe-se sério e decide que não voltará nem a rir nem a sorrir. Um outro elemento tenta mudar esse estado de espírito. Os parceiros mudam quando o primeiro rir ou sorrir. | bastante divertida causando um momento de descontração e riso por parte de todos os elementos. |
| Anúncios | <ul style="list-style-type: none"> - Sensibilizar para o sentido de grupo e de cooperação; - Estimular a criatividade; - Desenvolver a autoestima. | Cada um redige um anúncio a descrever-se e a vender-se como amigo. Fixar as razões porque alguém nos compraria de preferência a um outro amigo qualquer. Colocam-se os anúncios numa caixa, passa-se esta em volta, lê-se um de cada vez e tenta adivinhar-se quem o escreveu. | O jogo dos anúncios correu melhor do que o esperado. Os anúncios foram extremamente reveladores. Todos os participantes souberam apontar motivos positivos para que alguém os “comprasse”. |
| Fantasias do mestre e do discípulo | <ul style="list-style-type: none"> - Estimular a criatividade; - Desenvolver a autoestima; - Desenvolver as capacidades de comunicação e pensamento crítico; | Dois a dois sentam-se um à frente do outro, de olhos fechados. Cada pessoa pensa na sua carreira escolar e recorda o “pior professor que já teve” fazendo uma síntese dos comportamentos que o mesmo professor tinha. Os parceiros abrem os olhos e, à vez, falam a esse pior professor, usando o “par” como alvo, dizendo tudo o que não ousaram dizer pessoalmente. Proceda-se da mesma maneira para o “melhor professor” Verificar qual o impacto da experiência. | Esta atividade despertou alguma confusão no grupo. Notou-se alguma dificuldade de aceitar pontos de vista diferentes o que gerou troca de palavras menos agradáveis. Ainda assim foi positivo para que os participantes compreendessem que apesar de opiniões divergentes as pessoas precisam de se respeitar. |
| Faz-de-conta | <ul style="list-style-type: none"> - Estimular a criatividade; - Promover o conhecimento e relação interpessoal; | Em pares e sem falar, caminhar da ponta da sala à outra ponta, representando várias situações: Como se estivessem apaixonados; Como se estivessem a ser perseguidos; Como se estivessem tristes; Como se estivessem a planear alguma asneira; Como se estivessem felizes; (...). | Nesta atividade surgiram algumas dificuldades por parte de alguns elementos mais envergonhados e reservados. Dificuldades que foram lentamente ultrapassadas ao acompanhar o desempenho dos elementos mais extrovertidos. |
| Criatividade | <ul style="list-style-type: none"> - Estimular a | Representar, aos pares, situações | Nesta atividade todos |

| | | | |
|--------------------|--|--|---|
| | <p>criatividade; - Promover o conhecimento e relação interpessoal;</p> | <p>com vários temas, cada representação terá que incluir obrigatoriamente palavras previamente fornecidas ao grupo.</p> | <p>tiveram o mérito de engendrar alguma coisa totalmente nova para apresentar ao grupo. Notou-se uma grande evolução no que respeita à-vontade dos elementos.</p> |
| Veneno | <p>- Estimular a criatividade; - Estimular a motricidade;</p> | <p>Um jogador voluntário, coloca-se de pé, com as mãos para a frente de palmas para baixo e dedos abertos. Os outros jogadores têm que segurar um dedo daquele que se voluntariou. Este jogador, terá que contar uma história onde terá que incluir a palavra “Veneno”. Esta palavra é o sinal para os outros jogadores soltarem os dedos e fugirem. O primeiro jogador a ser apanhado é o que fica de pé a contar a próxima história.</p> | <p>A atividade decorreu como estava previsto, os participantes conseguiram engendrar histórias bastante criativas para entreter os amigos que tentavam estar apenas atentos à palavra veneno.</p> |
| Palavras em cadeia | <p>- Aperfeiçoar a concentração</p> | <p>Os jogadores sentam-se em roda de costas uns para os outros. Um jogador começa por escrever uma palavra com o dedo nas costas de outro jogador. A palavra é posteriormente passada para todos os jogadores na roda. No fim compara-se a palavra final com a palavra inicial.</p> | <p>Os participantes na sua maioria sentiram alguma dificuldade em compreender o que lhes era escrito nas costas. Contudo, após algumas tentativas alguns conseguiram acertar na palavra.</p> |
| Autoestima | <p>- Sensibilizar para o sentido de grupo e de cooperação; - Estimular a criatividade; - Desenvolver a autoestima.</p> | <p>O dinamizador explica a atividade, que consiste em reconhecer qualidades positivas nos membros do grupo. Os participantes estão sentados em círculo. O dinamizador pede a um voluntário que inicie a atividade dizendo o nome de: - Uma flor e um animal que lhe lembre a pessoa que está sentada à sua direita; - Uma qualidade que aprecie na pessoa que está sentada à sua esquerda; (...)</p> | <p>Atividade da autoestima começa a ser um assunto mais simples para os elementos do grupo. Estes revelam uma maior capacidade para falarem sobre os outros sem vergonha, manifestando sentimentos positivos. Nota-se uma evolução se compararmos com o primeiro momento em que este exercício foi feito.</p> |

| | | | |
|---|--|---|---|
| <p>Comunicação o interpessoal</p> | <p>- Desenvolver as capacidades de comunicação e pensamento crítico; - Aperfeiçoar a concentração.</p> | <p>O dinamizador coloca os formandos em círculo indicando-lhes que não poderão falar nem fazer perguntas. A tarefa que cada um dos participantes terá que executar será ouvir o “segredo” que lhe contam e transmiti-lo, ao ouvido, ao colega seguinte. A atividade deve realizar-se sem interrupções. O dinamizador conta ao 1º elemento do círculo um “segredo”, por exemplo: “O João, hoje de manhã, foi tomar banho antes de apanhar o autocarro para ir para a escola. Ao entrar na banheira, escorregou no tapete, caiu ao chão, partiu uma perna e teve de ir para o hospital, ficando internado”. O “segredo” vai passando de ouvido em ouvido até chegar ao último elemento. Este diz em voz alta o que ouviu. O 1º elemento diz qual foi o “segredo” inicial, comparando-se com o que chegou ao fim do círculo.</p> | <p>Este exercício foi bastante esclarecedor, só depois de várias tentativas é que a mensagem passou corretamente. Um dos elementos do grupo mostrou-se muito surpreendido com o desvirtuar da informação de pessoa a pessoa e que pode determinar a completa inversão do sentido da mensagem.</p> |
| <p>Troca de segredos</p> | <p>- Promover o conhecimento e relação interpessoal; - Desenvolver as capacidades de comunicação.</p> | <p>Cada um deve escrever no pedaço de papel que recebeu alguma dificuldade que encontra no relacionamento com os outros e que não gostaria de expor oralmente. Cada um deve despistar a própria letra e todos os papéis devem ser dobrados da mesma forma. O coordenador da dinâmica recolhe e mistura os papezinhos. A seguir, são sorteados os papezinhos entre os participantes da dinâmica e cada um assume o problema que estiver descrito no papel que pegou. Deve ler o problema em voz alta, e explicar como se o problema fosse seu e propor uma</p> | <p>Este jogo foi muito positivo, nota-se que os elementos do grupo já se sentem integrados e compartilham sem medos algumas coisas mais íntimas. É um bom indicador sobre a coesão do grupo.</p> |

| | | | |
|-------------------------------|--|--|---|
| <p>Jogo cuidando do ninho</p> | <p>- Incentivar a responsabilida de.</p> | <p>solução. Não se deve permitir debates nem perguntas.</p> <p>Marcar os ovos previamente: uma cor para o sexo feminino, outra para o sexo masculino. Distribuir 1 ovo por participante e explicar que ele simboliza um recém-nascido que será cuidado pelo jovem a quem o ovo calhou. Estimular os adolescentes a personalizarem o seu ovo, pintando-lhe um rosto. Estabelecer o compromisso de levarem o seu ovo a todos os lugares a que forem, até à próxima sessão (ou seja, uma semana) Na próxima sessão deverão trazer o ovo. Anotar os depoimentos e as histórias ocorridas com o ovo e com o participante.</p> | <p>Este jogo foi um desafio de uma semana, correu muito bem, todos os participantes se comprometeram em cuidar do ovo. No final da semana apenas dois elementos partiram o ovo, sendo que um dos elementos arranhou um novo ovo. Quando confrontados com a perda do ovo os dois elementos mostraram-se muito perturbados por estes se terem partido, e um deles chorou, porque já o sentia da família. “Fiquei triste quando o ovo partiu, já lhe tinha arranjado uma família”.</p> |
| | <p>Relaxamento</p> | <p>- Promover o relaxamento</p> | <p>O relaxamento era feito no final de todas as sessões durante cerca de 10 minutos.</p> |

Quadro2 – Atividades desenvolvidas no atelier

Elaboração dos planos socioeducativos individuais

A elaboração dos Planos socioeducativos individuais das crianças que frequentam o CATL foi efetuada com a colaboração das animadoras responsáveis pela valência em questão. Estes planos constituíram um bom instrumento para compreender mais acerca da história individual de cada indivíduo, compreendendo melhor quais as principais necessidades dos mesmos, e como desenvolver um plano que dê resposta a essas mesmas necessidades. Esta colaboração foi também determinante para compreender como desenvolver um plano semelhante no futuro.

Sessão de formação aos pais e encarregados de educação

Como estava planeado desde do início foi efetuada uma sessão de formação aos pais e encarregados de educação com os seguintes temas: “ As dificuldades de ser pai e mãe nos dias de hoje e Alfabetização financeira para famílias”. Esta sessão de formação foi planeada e dinamizada através de um power point e de um vídeo feito com a colaboração das crianças e jovens.

Nesta sessão participaram 9 encarregados de educação, o balanço feito foi positivo, todos os participantes avaliaram a sessão como “boa”, houve momentos de diálogo e partilha de opiniões. No final da sessão os encarregados de educação fizeram questão de pedir que fosse feita outra formação com o tema de Bullying.

Caixa de Reclamações

Foi efetuada uma caixa na qual se informou às crianças e jovens que a partir daquele momento aquela seria a caixa das reclamações e que poderiam sempre que quisessem reclamar sobre qualquer assunto, escrevendo num papel e colocando-o na caixa. O papel poderia ser anónimo ou não.

Ao longo do estágio foram colocadas na caixa algumas reclamações que posteriormente foram debatidas e solucionadas em grupo.

5.3. Atividades não planeadas

Atendimento às famílias

Ao longo do estágio houve a oportunidade de acompanhar o atendimento a algumas famílias. Esta oportunidade surgiu após uma conversa com a acompanhante de estágio, que desde logo se mostrou recetiva ao meu pedido. Ao longo do estágio este atendimento às famílias revelou-se importante para envolver os pais no desenvolvimento dos filhos que frequentam o CATL. Além disso, este atendimento serve para compreender a situação familiar e despistar algum problema que possa estar afetar a criança.

Nesta experiência de atendimento é de realçar a dificuldade em responsabilizar os pais pela educação das crianças, muitas vezes se tornou uma luta inglória em que sempre se tornava necessário contactar entidades superiores para dar resposta às situações.

Contudo, tornou-se uma experiência fundamental para estreitar os laços e fomentar a confiança entre a estagiária e os pais/encarregados de educação.

Acompanhamento ao estudo

O acompanhamento ao estudo foi uma das atividades desenvolvidas todos os dias e mais intensivamente na altura de testes. Este acompanhamento era efetuado na sala do CATL, e tinha como objetivo apoiar as crianças e jovens a fazer os deveres e a estudar para os testes. Neste acompanhamento algumas crianças mostravam maior dificuldade do que as outras, tendo assim um acompanhamento mais individualizado.

O apoio ao estudo durava cerca uma hora e era um momento fundamental pois grande parte das crianças não tinha esse apoio em casa.

5.4. Evidenciação de resultados obtidos.

Ao longo da implementação de todo o projeto foi efetuada uma análise apreciativa das atividades colocadas em prática que pressupõem necessariamente a avaliação. A avaliação é fundamental quando se pensa em desenvolver um projeto de intervenção. Segundo Boutinet (1996:267) a avaliação deve acompanhar qualquer prática, não só no final de cada intervenção mas através de avaliações pontuais que vão consciencializando o interventor sobre o sucesso, ou não, das práticas implementadas.

Como já foi referido anteriormente, neste projeto foram utilizados vários instrumentos metodológicos que possibilitaram a avaliação dos resultados obtidos em cada atividade desenvolvida. Estes resultados têm como finalidade compreender o sucesso ou fracasso das atividades e o impacto que estas exerceram nos elementos aos quais se destinavam. A avaliação deste projeto teve sempre como desígnio o aperfeiçoamento do mesmo. Desta forma, os instrumentos utilizados possibilitaram a aferição de conclusões e resultados específicos acerca da cada atividade.

Tal como foi exposto na apresentação das atividades, a avaliação intermédia foi realizada através de narrativas críticas que se encontram expostas no diário de bordo desenvolvido, permanecendo então a necessidade de apresentar a avaliação final do projeto.

Como forma de executar uma avaliação geral e final do atelier foi efetuado um inquérito a todos os participantes⁵. Este inquérito foi constituído por perguntas de resposta aberta e perguntas de resposta fechada. Inicialmente apresentam-se em forma de tabela e esquema as respostas de formato fechado. De forma a manter o anonimato dos participantes as tabelas estão organizadas da letra A à letra G, sendo que cada letra representa um participante.

A primeira pergunta fechada corresponde à avaliação quantitativa do atelier, cada elemento avaliou de 1 a 5, sendo que o número 1 corresponde a “Nada satisfeito” e o 5 corresponde a “Totalmente satisfeito”. Tal como apresenta a tabela seguinte dos 7 participantes 4 avaliaram o atelier com 4 valores e 3 com 5 valores. Desta forma a média destes valores é de 4.

⁵ Ver anexo (5) – Inquérito de avaliação final

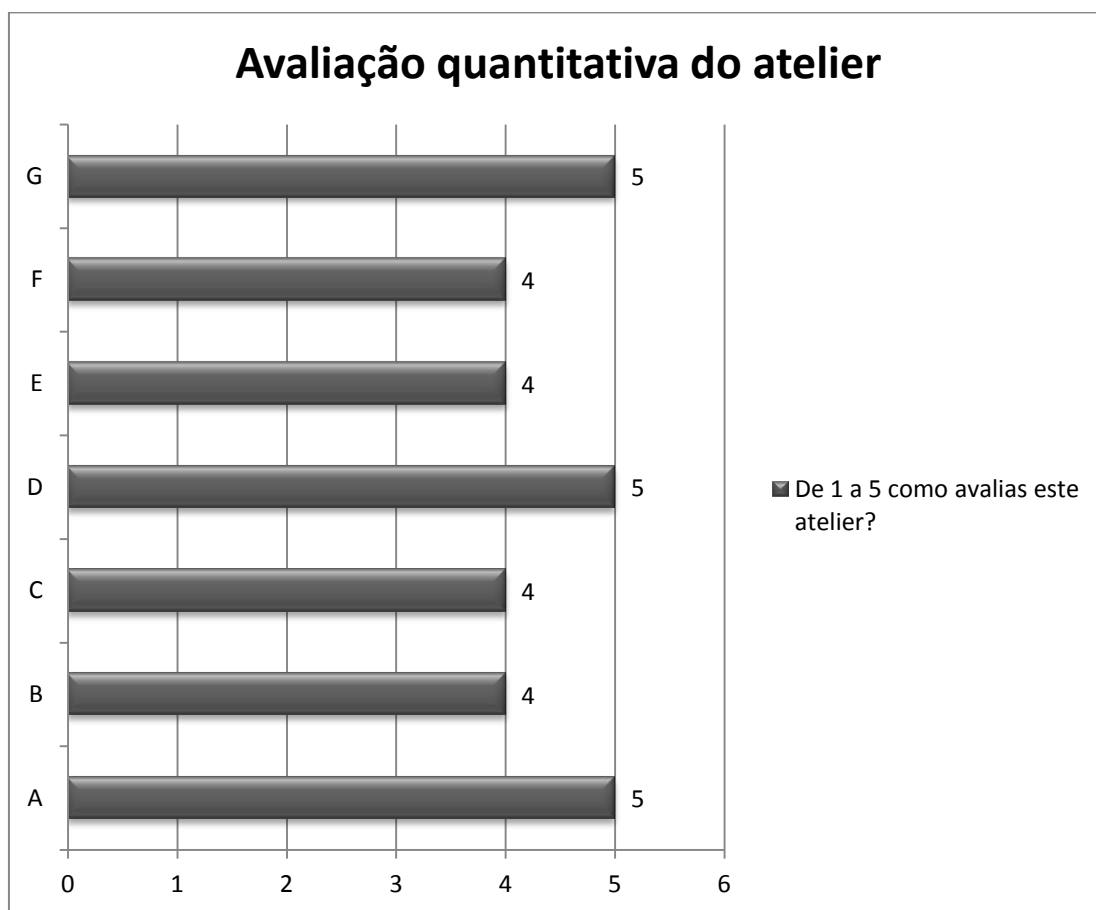


Tabela 5 – Avaliação quantitativa do atelier.

No inquérito destaca-se uma pergunta relacionada com o que os elementos gostaram mais no atelier. Na ilustração1 pode verificar-se a resposta dada por cada um dos elementos. De forma geral os participantes gostaram das atividades desenvolvidas, da música e da companhia dos elementos do grupo.

O que gostei mais:

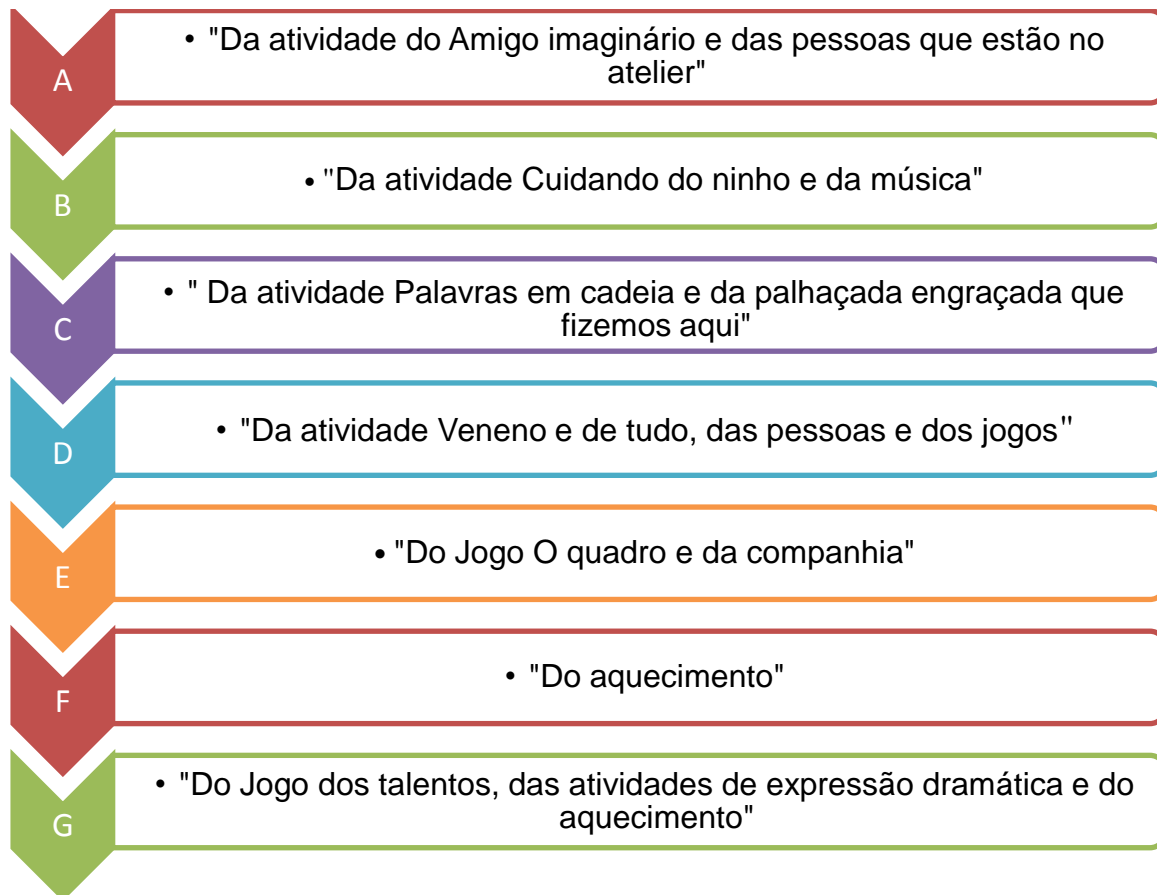


Ilustração 1 – O que gostei mais

Por outro lado foi feita também uma pergunta no sentido de compreender o que cada elemento gostou menos e verificam-se os resultados da resposta na Ilustração2. Nesta pergunta foram evidenciadas algumas atividades que alguns elementos não gostaram tanto de realizar, ainda assim 3 dos participantes afirmam ter gostado de tudo.

O que gostei menos:

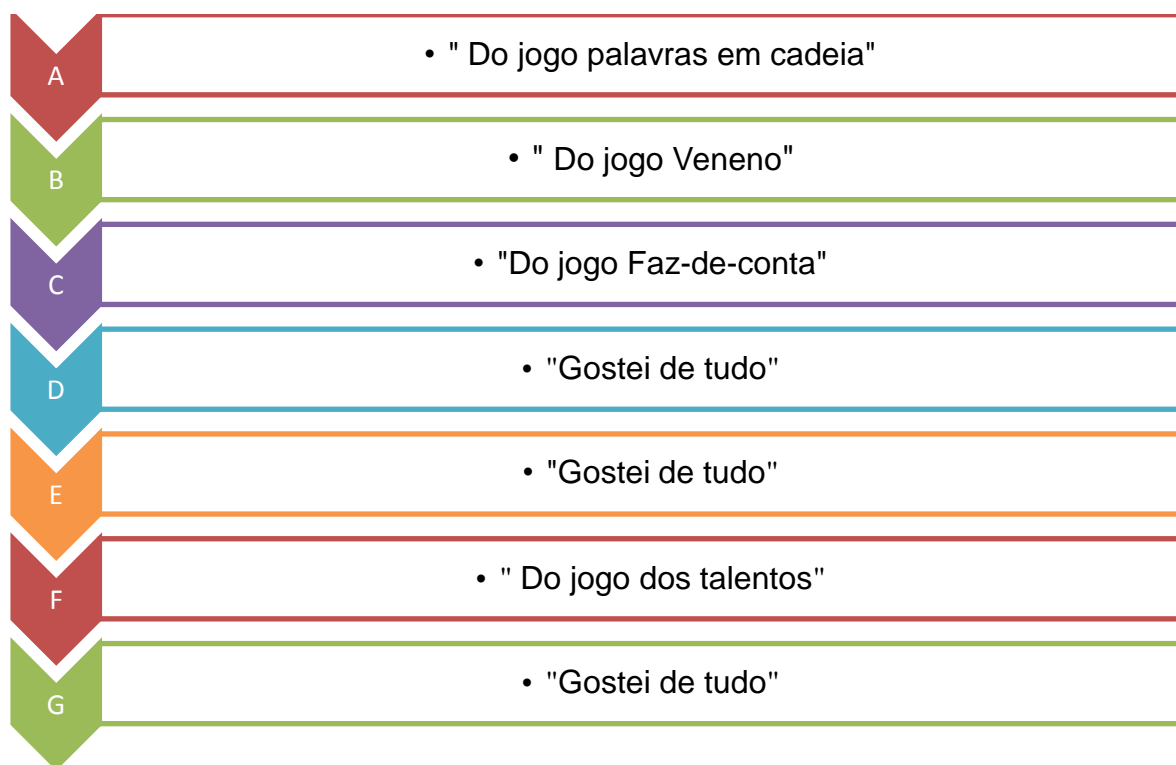


Ilustração 2 – O que gostei menos

Passando agora para a questão aberta, a pergunta feita foi a seguinte: “ O que aprendes-te ao longo deste atelier?”. As respostas dadas foram bastante reveladoras, os elementos evidenciaram a importância da responsabilidade, o respeito pelos outros, a autoestima melhorada, a necessidade de serem solidários e ajudar o próximo. Foi feita referência à importância de saber lidar com as pessoas apesar das diferenças. Alguns elementos fizeram alusão aos laços que fizeram como grupo e ao valor da amizade.

Tendo em conta as respostas apresentadas torna-se importante condensar o conteúdo em categorias para haver uma melhor perceção do que os participantes consideraram como uma mais-valia do atelier. Neste sentido, criaram-se as seguintes categorias, 1- Valor da amizade e das Relações interpessoais; 2- Cidadania; 3- Autoestima; 4- Comunicação; 5- Responsabilidade e 6- Sentido de grupo e cooperação.

1- Valor da amizade e das Relações interpessoais

Nesta categoria dos 7 participantes 6 fizeram referência à aprendizagem de um novo conceito de amizade e da importância das relações interpessoais.

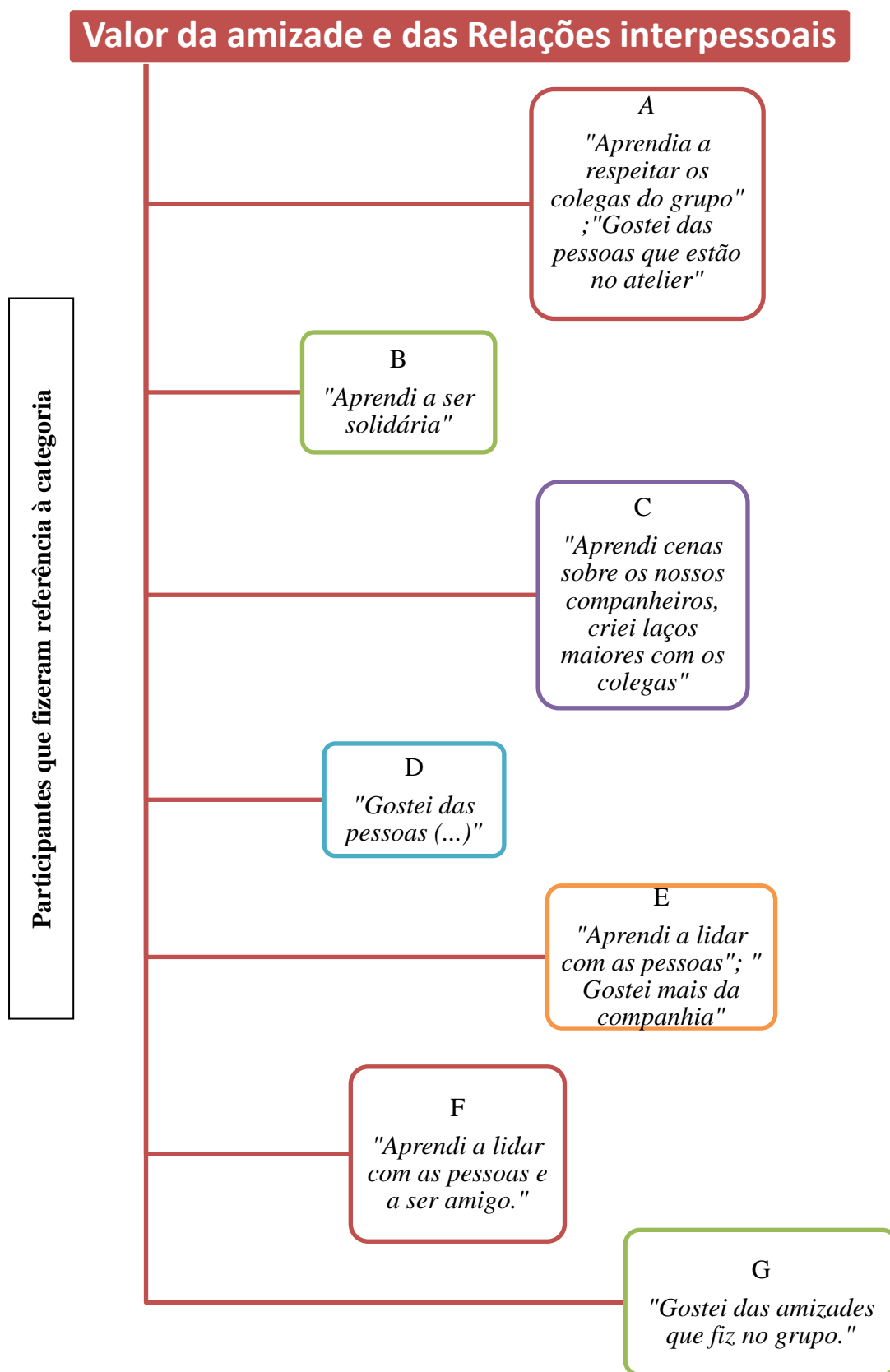


Ilustração 3 - Categoria Valor da amizade e relações interpessoais

2- Cidadania

Na categoria da sobre a consciência dos valores de cidadania, dos 7 participantes 3 referenciaram que o atelier lhes consciencializou para a importância dos mesmos.

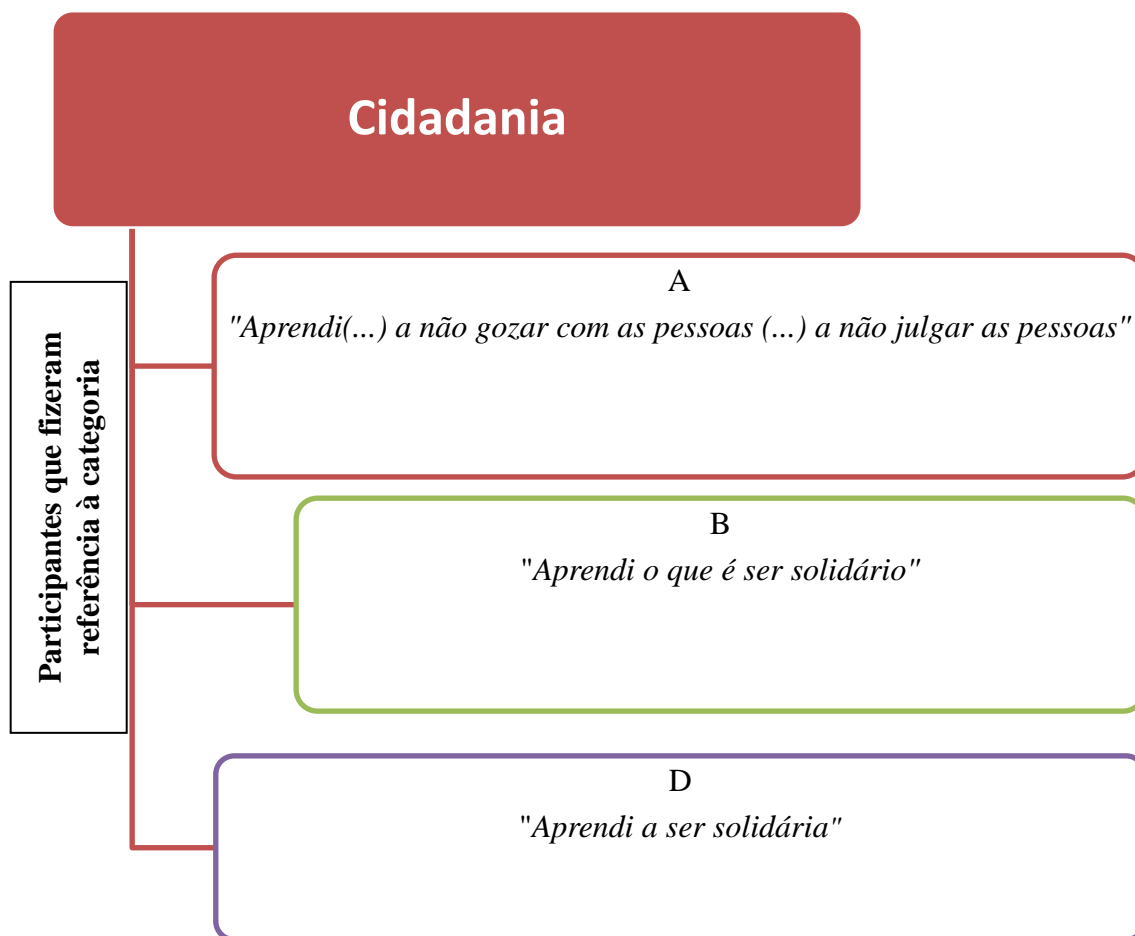


Ilustração 4 - Categoria cidadania

3- Autoestima

Nesta categoria dos 7 participantes 2 referiram que o atelier foi essencial na melhoria da sua autoestima.

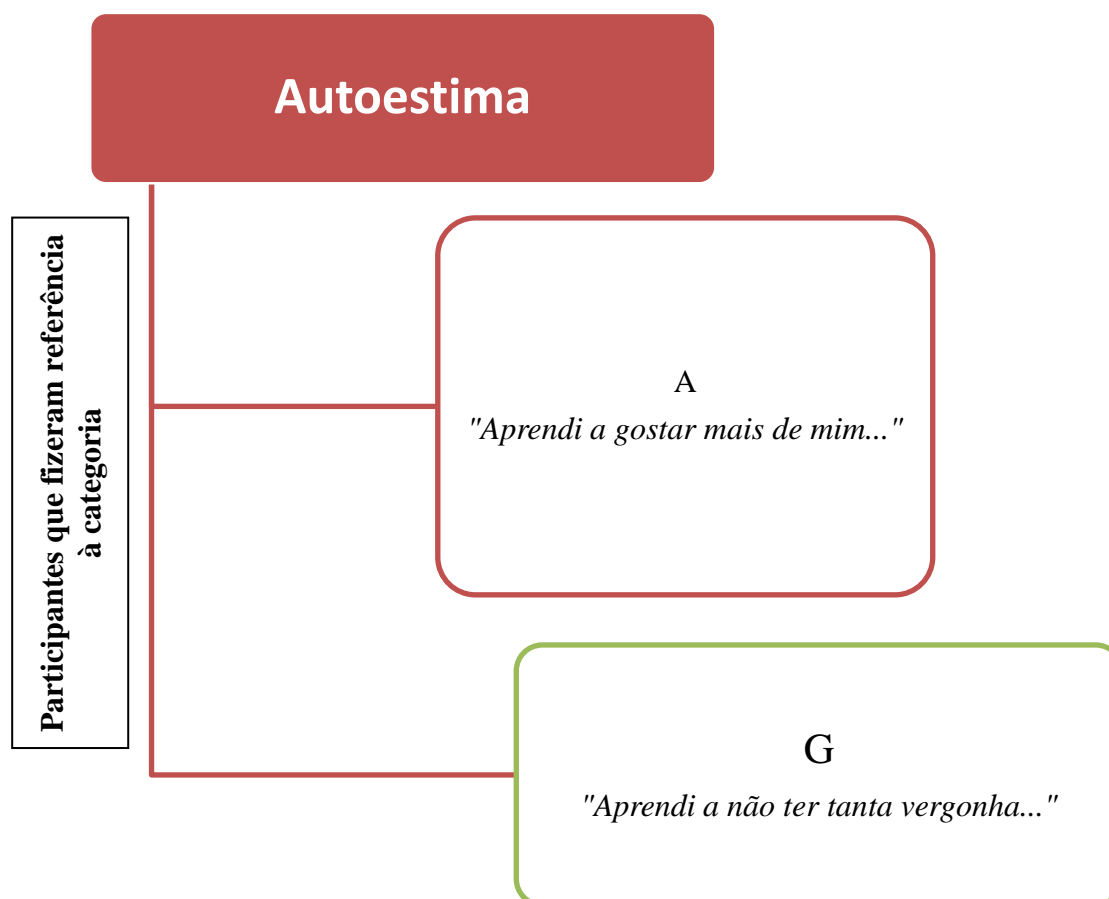


Ilustração 5 - Categoria autoestima

4- Comunicação

Na categoria sobre a melhoria das capacidades de comunicação dos 7 participantes 2 fizeram referência a este ponto como uma coisa que aprenderam com o projeto do atelier.

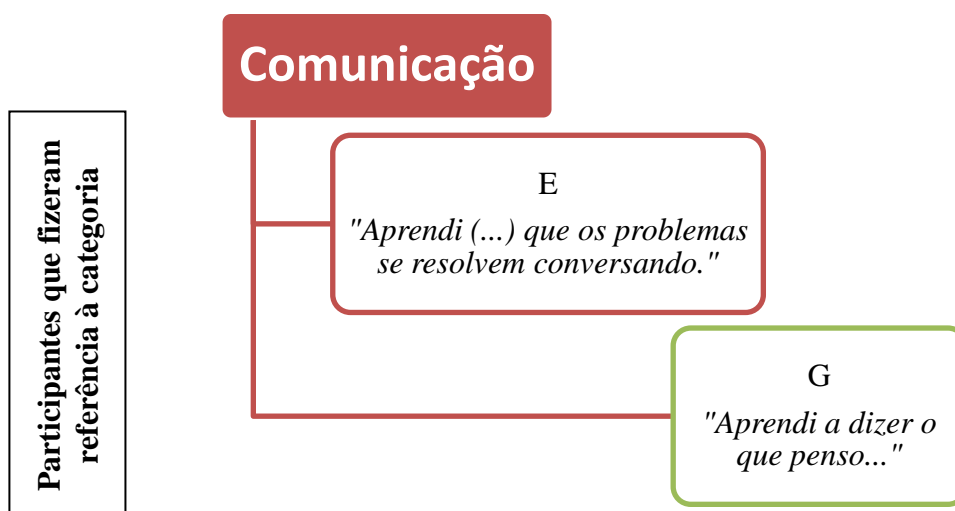


Ilustração 6 - Categoria comunicação

5- Responsabilidade

Nesta categoria acerca da nova consciência de responsabilidade dos 7 participantes 1 referiu que foi um ganho que arrecadou com a participação no atelier



Ilustração 7 - Categoria responsabilidade

6- Sentido de grupo e cooperação

Na categoria sobre o sentido de grupo e cooperação, dos 7 participantes 3 referiram que aprenderam a dar mais valor ao sentido do grupo e à ajuda ao próximo.

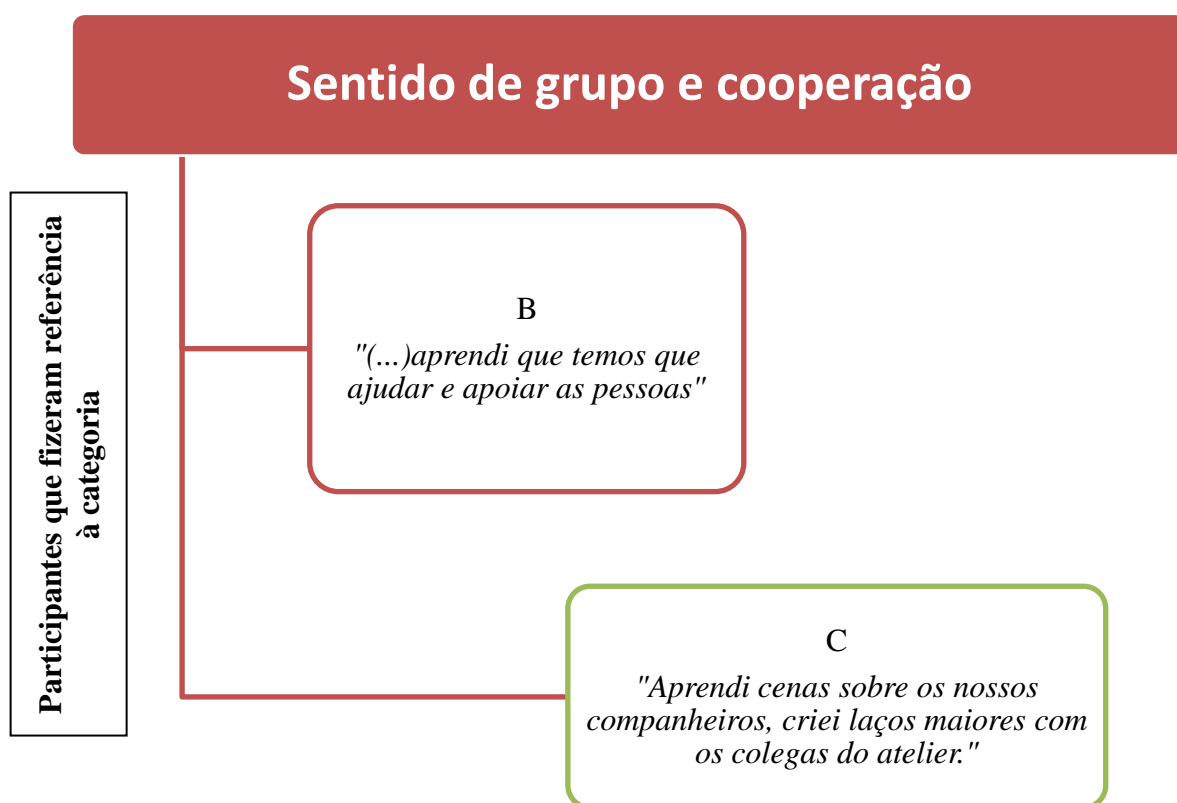


Ilustração 8 - Categoria sentido de grupo e cooperação

5.5. Discussão dos resultados em articulação com os referenciais teóricos mobilizados

Tendo em conta os objetivos estipulados pode considerar-se que ao longo de todo o projeto houve a preocupação de ir de encontro aos mesmos. O trabalho para o desenvolvimento integral e a criação de espaços de participação e aprendizagem foram premissas bases que acompanharam todo o projeto.

Considerando o atelier como lugar de desenvolvimento dos objetivos estipulados é importante referir que efetivamente foi criado um espaço promotor da ocupação produtiva dos tempos livres e de participação ativa. Ao longo da apreciação dos resultados destacam-se as categorias que foram apresentadas pelos participantes nas suas respostas. Categorias essas que se encontravam presentes nos objetivos estipulados tais como a promoção da autoestima, cidadania, comunicação, a responsabilidade e as relações interpessoais. Houve ainda respostas em que referiam o aquecimento como atividade favorita, sendo que o estímulo do exercício físico/motricidade também estava estipulado nos objetivos específicos. Os momentos de reflexão efetuados ao longo das sessões foram extremamente enriquecedores, ainda que não tivessem sido referidos. O estímulo à criatividade foi algo proposto diariamente em todas as atividades desenvolvidas e os hábitos de vida saudáveis foram levados em conta em algumas sessões específicas. Desta forma os resultados foram muito satisfatórios, a grande maioria das atividades desenvolvidas foram conseguidas com sucesso. O grupo de participantes mostrou sempre ao longo do projeto uma grande capacidade criativa, participativa e de iniciativa.

É ainda de salientar as respostas dadas no inquérito inicial, os gostos e interesses dos participantes foram sempre levados em conta na execução das atividades. A evolução da resposta do inquérito inicial relativa às expetativas (6 participantes responderam “muita coisa”) e as respostas dadas no inquérito final é evidente. No inquérito final os participantes refletem sobre as aprendizagens e são capazes de as transmitir como dados adquiridos, falando de temas complexos como a amizade, o respeito e a solidariedade.

As respostas às expetativas que os participantes tinham no início da intervenção comparadas com o resultado das suas intervenções finais são bastante animadoras como se destaca a seguir:

Participante A

- “O atelier correspondeu às expectativas”

Participante B

- “Inicialmente pensava que era secante, mas agora não”

Participante C

- “Achava que ia ser pior/ secante mas foi porreiro”

Participante D

- “Achava que ia ser divertido como está a ser”

Participante E

- “ Não esperava que fosse tão fixe”

Participante F

- “ Estava à espera que fosse como foi”

Participante G

- “Foi melhor do que eu estava à espera”

Tendo em conta que o desenvolvimento integral é algo que não se mede de forma objetiva foi necessária a criação de pequenos marcadores que pudessem revelar esse mesmo desenvolvimento, contudo, é preciso ter sempre em conta que nas ciências sociais e em trabalhos como o que se apresenta, não é possível atribuir um nível objetivo de mudança. Compreender que as pessoas são seres complexos, inseridos em contextos que estão em constante mutação é fundamental para perceber que nem sempre as mudanças são necessariamente fruto do trabalho desenvolvido. Ainda assim, tendo em conta todo o contexto em que decorreu a intervenção, os indicadores são favoráveis, ainda que, mais uma vez, pouco objetivos e de difícil medição.

É ainda importante referir a sessão de formação com os pais e encarregados de educação, o facto de ter sido apenas uma sessão, limitou a abrangência dos resultados pretendidos; no entanto, a sessão foi um marco positivo no estágio e teria o seu seguimento se não fosse o problema de saúde da estagiária.

Apesar de todos os altos e baixos sentidos em algumas atividades, o balanço final é bastante positivo, sendo de salientar a dificuldade de manter crianças e adolescentes

comprometidos e focadas numa atividade. Tudo isto foi possível com trabalho, reflexão sobre os dados recolhidos, capacidade de melhorar a ação das sessões seguintes, através de práticas de reflexão e análise dos conteúdos trabalhados e das situações observadas, ainda com a capacidade de reconhecer as falhas e pontos fracos que poderiam ser melhorados, foi possível atingir os objetivos inicialmente delineados.

6. Considerações Finais

Nesta etapa do relatório será efetuada uma reflexão final sobre o projeto “A verdade do ‘faz-de-conta’ no palco dos pequenos atores”, esta reflexão além de ser um parecer crítico, também pretende evidenciar o impacto do estágio a nível pessoal, institucional e de conhecimento na área de especialização.

6.1. Análise crítica dos resultados e das implicações dos mesmos

Como já foi referido na discussão dos resultados, de forma geral o projeto simetizou-se aos objetivos delineados inicialmente, tendo como premissa base ir de encontro com as expectativas e interesses das crianças e jovens que usufruíram da intervenção. As atividades realizadas foram implementadas com um alto nível de satisfação e sucesso, consequência de um trabalho árduo, empenho e dedicação por parte de todos os intervenientes. Todo este esforço mostrou-se fundamental na conquista da confiança dos participantes. O incentivo para a participação ativa foi tornando-se uma constante ao longo da intervenção sendo já um hábito ao qual os participantes não prescindiam e usufruíam com gosto.

O projeto contou com suas limitações e pontos fortes, sofreu modificações de acordo com as circunstâncias apresentadas pelo meio de intervenção e expôs soluções para situações inesperadas. Relativamente aos preditores de sucesso, são sempre muito subjetivos, sendo complicado prever com clareza os resultados obtidos, pois o trabalho efetuado com seres humanos implica a consciência da heterogeneidade, individualidade e constante mudança dos mesmos, tornando-se difícil quaisquer previsões, daí a importância da avaliação contínua para compreender o nível de adequação do projeto ao seu público-alvo.

A mais-valia que se revelou fundamental para o sucesso da intervenção, foi a capacidade de acolhimento, respeito, carinho e confiança, sentida pela estagiária por parte de todos os membros da instituição, possibilitando o bom ambiente em todas as etapas do projeto. Sem dúvida que as relações estreitas conseguidas com as crianças e jovens foram um ponto fundamental para que estas se sentissem bem e com vontade de continuar a participar nas atividades propostas. A paciência, a firmeza, a disciplina e as regras delineadas foram determinantes para que as atividades fossem concluídas com sucesso e para que as crianças e jovens no final do projeto se tenham sentido parte integrante do mesmo, não só como recetores mas como participantes ativos de um projeto que gerou sabedoria a todos os níveis e em todos os que nele puderam participar. O incentivo à participação e autonomia foi sempre

estimulado tendo em conta que na sociedade atual trata-se de uma questão de sobrevivência. A autonomia é um preditor de sucesso tanto nas esferas pessoais como nas esferas sociais de cada indivíduo. Ao alcançar a autonomia o indivíduo poderá construir o seu próprio caminho e seguir as suas próprias ideias, sem que tenha que andar à sombra de outras ideias e de outros caminhos traçados por outras pessoas. Acima de tudo pretendeu-se formar pessoas conscientes de si, das suas ideias, vontades, motivações, desejos, caminhos e ainda, pessoas conscientes dos outros e da sociedade em que se encontram inseridas.

6.2. Evidenciação do impacto do estágio: i) a nível pessoal; ii) a nível institucional; iii) a nível de conhecimento na área de especialização

Este projeto desenvolveu-se em torno de uma população de crianças e jovens em desenvolvimento, e tentou ao máximo através das atividades desenvolvidas trabalhar o indivíduo e acima de tudo formar cidadãos responsáveis, críticos e com valores. A esta tentativa chamo de educação. A educação acontece para pessoas tendo em conta a sociedade em que se quer viver. Atualmente existe um fosso evidente entre a família e todos os outros contextos de educação das crianças e jovens, dificultando este mesmo processo. A sociedade encontra-se orientada para políticas destinadas a produzir estratificação social e criação de elites. Tendo em conta a heterogeneidade das crianças de hoje em dia, é fundamental lutar no sentido contrário destas mesmas políticas e oferecer igualdade de oportunidades a todos.

Como seria de esperar todos estes meses em que me dediquei a esta causa, representaram um marco considerável tanto a nível pessoal como a nível profissional. Esta oportunidade de desenvolver o projeto “ A verdade do “faz de conta” no palco dos pequenos atores” foi extremamente enriquecedora. A nível pessoal posso referir que este projeto despertou em mim a sensibilidade para criar e desenvolver ideias que além de terem uma finalidade educativa também apresentem um carácter de lúdico e divertido. O dia-a-dia com este grupo de crianças e jovens, o conhecimento das suas histórias de vida e dos seus percursos revelou o desejo de fazer mais e melhor, no sentido de os ajudar a encontrar um caminho de sucesso.

A paixão que revelei por esta área foi a maior descoberta que a nível pessoal poderia ter feito, ao mesmo tempo que tentei estimular os intervenientes a encontrarem a sua essência, também vivi momentos de clareza, e de encontro comigo mesma através de um conhecimento mais consciente da minha ação. Como Educadora Social este projeto forneceu a oportunidade de aplicar a teoria retida ao longo destes anos de mestrado e coloca-la em prática. É claro que existiram situações às quais as respostas não se encontravam na teoria, mas sim na avaliação

do momento e na sensibilidade para encontrar a solução mais adequada. Ainda assim é de referir que todos os referenciais teóricos e metodológicos desenvolvidos a nível do Mestrado em Educação, área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária facultaram uma base imprescindível que alicerça todo o projeto. A aprendizagem do trabalho multidisciplinar e em equipa foi uma das mais-valias que trago como profissional, e que espero que seja útil para a minha ação futura e carreira profissional, como uma qualidade e um conceito fundamental na resposta adequada a situações complexas, que necessitam de ser partilhadas por vários profissionais, no sentido de atingir o melhor resultado possível. Esta humildade de partilha de saberes no local de trabalho é sem dúvida um dos segredos para o sucesso do trabalho.

A nível institucional, apenas realço a avaliação efetuada pela acompanhante de estágio que refere o seguinte:

(...) o processo de acolhimento e integração desenvolveu-se nas melhores condições o que permitiu à estagiária partilhar um bom clima organizacional e ganhar a confiança dos diferentes intervenientes. (...) Sempre disponível para adquirir os conhecimentos necessários para poder operacionalizar tarefas no domínio do estágio. (...) Manifestou sempre um grande sentido de responsabilidade e organização. A acrescentar, ainda, a dedicação demonstrada ao nível da execução de outros trabalhos paralelos. (...) Revelou atributos indispensáveis a qualquer profissional: empenho, responsabilidade e entusiasmo (...) ” (24 de Julho de 2012)

Em forma de conclusão salienta-se a importância da Educação de Adultos que apesar de diretamente ligada com o sucesso educativo das crianças, adolescentes e jovens está praticamente liquidada e desvalorizada tanto pelas políticas como pela sociedade. Sendo importante destacar que o desinvestimento na Educação de adultos e do seu sistema em Portugal, representa desinvestir na educação de todos.

7. Bibliografia

7.1. Bibliografia Referenciada

- ALBARELLO, L., DIGNEFFE, F., HIERNAUX, J.-P., MAROY, C., RUQUCY, D., SAINTGEORGES, P. (1997). Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Grávida.
- ALMEIDA, João Ferreira; PINTO, José Madureira (1995). A Investigação nas Ciências Sociais. Lisboa: Editorial Presença. 5ª Ed.
- AMORIM, I. (2005). Caracterização Sócio-Económica do Distrito de Braga. Núcleo Distrital de Braga da REAPN.
- BARDIN, L. (2002). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- BOGDAN, R., BIKLEN, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.
- BOUTINET, J.P. (1996). Antropologia do Projecto. Lisboa: Instituto Piaget.
- CARNEIRO, R. (2009). A urgência de educar para valores. O lugar dos valores na educação - Uma aprendizagem social. LED on Values.
- Convenção dos Direitos da Criança UNESCO.
- COUTINHO, M. (2004). Apoio à Família e Formação Parental. Análise Psicológica. 1(XXII): 55-64.
- CRUZ, M. (2006). Menores em Risco/Perigo uma Responsabilidade Colectiva. Universidade Internacional de Lisboa. Centro de Estudos Multiculturais.
- DAY, C. (2001). Desenvolvimento profissional de professores: Os desafios da aprendizagem permanente. Porto: Porto Editora.
- DESLANDES, S. F. (2005). Livro das famílias: conversando sobre a vida e sobre os filhos. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde/Sociedade Brasileira de Pediatria.
- DICK, B. (2000) A beginner's guide to action research [On line]. Disponível em <http://www.scu.edu.au/schools/gcm/ar/arp/guide.html>. Consultado a 10 de Julho de 2012
- FERNANDES, A. M. (2006). Projecto Ser Mais – Educação para a Sexualidade Online.

- GARCIA, R. (2006). Competências parentais no mundo contemporâneo como factor de protecção no desenvolvimento do ser humano: um desafio para pais e profissionais. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande.
- GONÇALVES, J. (2008). Metodologia da pesquisa. Objetivos gerais e específicos.
- Instituto da Segurança Social, I.P – 2011.
- Instituto Nacional de Estatística; Censos 2001.
- LIMA, R. (2003). Desenvolvimento levantado do chão...com os pés assentes na terra. Tese de doutoramento (não publicada), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. (1986). Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU.
- MACEDO, E. D. (1998). Centro de atividades de tempos livres, condições de implementação, instalação e funcionamento. Direção geral da ação social;
- MATOS, J. F. (2004). Investigação-Acção.
- MÁXIMO-ESTEVES, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-acção. Coleção Infância, nº 13. ISBN 978-972-0-34463-2. Porto Editora. Porto.
- MCKEREGHAN, D. (1992). The Abortion Issue: Rules for the debate: some of them Kantian. Não publicado.
- MCNALLY, R. (s.d.). Educational Research Association Monograph. Series on Evaluation, n.o 1. Chicago, IL.
- MEIRINHOS, M. (2006). Desenvolvimento profissional docente em ambientes colaborativos de aprendizagem à distância: Estudo de caso no âmbito da formação contínua. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- NÓVOA, A. (2009). Professores: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- PÉREZ SERRANO, G. (1994). Investigación cualitativa: retos e interrogantes – I. Métodos. 4ª edición. Editorial La Muralla. Madrid
- QUEIRÓS, I.; MONTEIRO, M., (1994). Métodos e Técnicas de investigação em ciências sociais. Porto Editora.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. (2005). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.

- RIBEIRO, D. (2005). A Investigação-acção Colaborativa na Formação de Supervisores: um estudo no contexto da educação de infância. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho. Braga.
- SALOMÃO, H., MARTINI, M. (2007). A importância do lúdico na educação infantil: Enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direccionado. São Carlos: Psicologia.
- SCRIVEN, M. (1967). The methodology of evaluation. In R. Tyler, R. Gagné & M. Scriven (Eds.), Perspectives on curriculum evaluation. American
- TRILLA, J. (2003). O Universo da Educação Social. Profissão: Educador Social. Porto Alegre: Artmed.
- VASCONCELOS, V.O. (2006). Perspetivas de pesquisa – Acção: Investigar, Atuar, Formar. Revista de C. Humanos Vol. 6, Nº 2, p. 223-238.

7.2. Bibliografia Consultada

- Regulamento Interno CATL ACR;
- Visão, Missão, Valores, Política de Qualidade;
- Organograma CATL-ACR;
- Estatutos;

8. Anexos e/ou apêndices

Anexo 1 – Informações Centro Cultural e Social de Santo Adrião;

INFORMAÇÕES CENTRO CULTURAL E SOCIAL DE SANTO ADRIÃO

Caracterização da Instituição

1.1. - Historial

O Centro Cultural e Social de Santo Adrião (CCSSA) é uma Associação e IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), sita na Rua do Centro Cultural de Santo Adrião, freguesia de S. Lázaro, em Braga, fundada em 08 de Agosto de 1983.

Inicialmente começou por desenvolver projectos de âmbito sócio – cultural e recreativo, organizando e dinamizando algumas valências de apoio à infância -ATL e à terceira idade (Centro de Dia, Apoio Domiciliário e Centro de Convívio). Mais tarde criou-se a Creche e Jardim de Infância, alargando também o seu âmbito de actuação a crianças em situação de perigo através do “Projecto de Apoio à Criança”, actualmente denominado CATL-ACR (Centro de Actividades de Tempos Livres – apoio a Crianças em risco), e, posteriormente, com o Centro de Apoio à Criança e à Família, hoje denominado CAT- Centro Apoio Temporário.

As primeiras infra-estruturas do CCSSA foram alguns prédios adaptados e um pré-fabricado, cedidos pela paróquia de Santo Adrião, onde funcionavam o ATL, o Centro de Dia e o Apoio Domiciliário e as restantes valências socio-culturais, recreativas, recreativas e desportivas.

Neste contexto, a Direcção do Centro Cultural Santo Adrião debatia-se com problemas da exiguidade de espaços. Pontual e ocasionalmente, a Câmara Municipal de Braga possuía espaços e estruturas na área de Santo Adrião onde, pelo abandono, vários grupos consumiam droga, se prostituíam ou exibiam outros comportamentos que a comunidade reprovada.

A Direcção do CCSSA informou, insistentemente, o Presidente da Câmara Municipal da situação daquele espaço e dos factos ocorridos. Perante este alerta, a autarquia decidiu ceder um primeiro espaço ao CCSS que, depois de reparado e adaptado, proporcionou a criação da Creche e do Jardim de Infância e também de um pequeno Parque natural e Mini-Zoo. A beleza ímpar que caracteriza o parque está ao alcance de todas as valências da Instituição pela proximidade e pela acessibilidade. Mais tarde, a C.M. cedeu instalações no Parque da Qtª da Capela, para actividades do PAC > CATL.

Por solicitações constantes da comunidade, com graves carências sociais, e após o diagnóstico das necessidades globais, o CCSSA sentiu a grave necessidade de projectar uma Nova Sede, com áreas e condições de trabalho mais funcionais. Vencidos todos os processos legais, esta obra, pela sua envergadura, só viria a ficar totalmente concluída em 1999. Neste mesmo ano iniciaram-se as obras do Lar de Idosos e do Centro de Apoio à Criança e à

Família/CAT. Com enorme esforço, ao fim de um ano já foi possível inaugurar estas novas instalações e, posteriormente, criar uma empresa de Inserção.

É de referir ainda a existência do Centro de Animação da Quinta da Capela no âmbito do Projecto de Apoio à Criança, instalações também cedidas, como antes se referiu, por protocolo, pela autarquia local. Entre outras razões, a sua localização foi considerada estratégica pela proximidade do Bairro Social de Santa Tecla, onde residem famílias desestruturadas e predominantemente de etnia cigana. Simultaneamente criou-se o segundo Centro de Animação do PAC>CATL, localizado no Bairro Nogueira da Silva , Escola E B 1, em espaços também cedidos pela autarquia local. Em 2005, este Centro foi transferido para instalações cedidas pelo Património dos Pobres (Fábrica da Igreja de S. Lázaro).

Novamente, e já em 2000, a Câmara Municipal cedeu outra instalação, situada na Rua do Raio, criando-se a Creche - Polo 3, pela forte pressão social de muitas famílias da comunidade.

Para além da acção social, o CCSSA dinamiza, desde a sua fundação, outras áreas, a saber: desportiva, recreativa e cultural, para uma resposta mais abrangente a toda a comunidade e associados. Esta versatilidade explica toda a dinâmica vivida no Centro Cultural e Social de Santo Adrião, tornando-a uma instituição sólida e credível, perante toda a comunidade Bracarense, geradora de alguns atractivos, apoiada por mais de 3000 associados efectivos e alguns benfeitores.

Para melhor esclarecimento do antes exposto, apresentamos a tabela seguinte (Quadro I) onde são referidas sinteticamente as infra-estruturas actuais do Centro Cultural Social de Santo Adrião:

QUADRO I

| Edifícios | Equipamentos | Valências | Utentes |
|------------------|----------------------|---|--|
| I* | Sede e Centro Social | Área Cultural / Recreativa e desportiva Centro de Dia Apoio Domiciliário ATL " O RECREIO" Serviços Administrativos Empresa Inserção RSI | Todos Idosos Idosos Crianças dos 6 aos 15 anos Utentes / Associados Todos Famílias carenciadas |
| | Lar | Lar de Idosos | Idosos |
| | CAT | Centro de Acolhimento Temporário | Crianças em situação de risco |
| II** | Parque | Mini Zoo/Campo Ténis/ Espaços verdes | Todos |
| | Creche – Polo I | Creche | 2/3 anos |
| | Jardim de Infância | Pré - escolar | 3/6 anos |
| III*** | Creche- Polo II | Creche | 0/2 anos |
| IV**** | CATL – | Centro Actividades de Tempos Livres | Crianças situação de risco |
| V***** | Creche – Polo III | Creche | 1/3 anos |

* Rua do Centro Cultural de Santo Adrião

** Rua das Forças Armadas

*** Rua Coronel Albino Rodrigues 172 r/c

****Praça Francisco Araújo Malheiro (1ª Centro Animação) e Bairro Nogueira da Silva(2ª Centro Animação)

***** Rua do Raio nº2

1.2. - Equipamentos Existentes

A realidade institucional revela que certos fenómenos sociais obrigam as entidades a adoptarem uma grande capacidade de adaptação às contingências e à proliferação de mais equipamentos sociais.

Intraintitucionalmente, o CCSS debate-se com alguns indicadores correlacionais, isto é, a adesão a determinadas iniciativas implica uma reorganização constante das estratégias organizacionais. Por exemplo, na qualidade de “empresas de inserção” incluímos um conjunto de compromissos sociais, como sejam: garantia de emprego, apoio à família e outros.

Do exposto ressaltam duas grandes dimensões: uma panóplia de serviços instalados (patente no Quadro I) e uma grande capacidade de adaptação e crescimento (implementação de outros Pólos)

Numa lógica relacional e interdependente, as valências planificam todos os anos alguns intercâmbios. Estas acções visam obter a mais valia do trabalho em grupo, já que o CCSSA perpassa a vivência da criança nos seus primeiros meses de vida até à adolescência, ou mesmo idade adulta.

O Quadro II representa os equipamentos existentes, o número de funcionários e a quantidade de utentes abrangidos.

Quadro II

| Valências | Colaboradores | Utentes |
|---------------------|----------------------|----------------|
| Creche – Polo I | 4 | 22 |
| Creche – Polo II | 8 | 35 |
| Creche – Polo III | 4 | 27 |
| Jardim de Infância | 6 | 69 |
| ATL | 6 | 58 |
| CATL | 6 | 45 |
| CAT | 6 | 12 |
| Centro de Dia | 2 | 59 |
| Centro de Convívio | 1 | 11 |
| Apoio Domiciliário | 6 | 35 |
| Lar | 9 | 12 |
| Empresa de Inserção | 9 | Valências |
| Cozinha 1 | 5 | Valências |
| Cozinha 2 | 2 | Valências |
| Lavandaria | 1 | Valências |

| | | |
|---|---|-------------------------------|
| Confecções | 1 | Associados/ Valências |
| Transportes (motorista) | 2 | Associados / Valências |
| Bar | 2 | Associados |
| Serviço Administrativo e contabilístico | 3 | Associados/ Utentes/Valências |
| Gestor | 1 | Valências |

1.3. - Recursos Humanos Actuais

Se nos primeiros anos de vida o CCSSA adoptava um modelo de gestão mais familiar, porque apenas era constituída por 15 elementos, neste momento abrange já 84 colaboradores, na sua maioria mulheres.

A estratégia de gestão de recursos humanos é bipolar e ambivalente: integra candidatos a emprego com qualificações médias, ou mesmo fracas, colaborando no apoio à contratação e desenvolvendo acções de formação para qualificar os seus quadros; e recruta quadros técnicos superiores para tornar exequível todo o processo de integração profissional e social. (Quadro III).

A instituição, para além do seu quadro de pessoal, e para fazer face às diversas actividades, estabelece vários protocolos com outras instituições, para realização de Estágios Profissionais, Curriculares e Académicos, bem como a integração de inúmeros voluntários.

Quadro III

| Valências | Categorias | Quantidade |
|------------------|-----------------------------|-------------------|
| Bar | Caixeiro de 1ª | 1 |
| | Auxiliar de Serviços Gerais | 1 |
| Lar | Ajudante de Acção Directa | 7 |
| | Agente Educação Familiar 1ª | 1 |
| CATL/CAT | Técnica Serviço Social 1ª | 1 |
| | Psicóloga | 1 |
| | Educadora Social 1ª | 3 |
| | Ajudante Acção Educativa | 6 |
| | Ajudante de Ocupação | 1 |
| ATL | Educóloga | 1 |
| | Educadora Social 1ª | 2 |
| | Auxiliar de Educação | 1 |
| Centro de Dia | Técnica Serviço Social 3ª | 1 |
| | | 2 |

| | | |
|------------------------|-----------------------------|---|
| | Ajudante Acção Directa | |
| Centro Convívio | Ajudante de Acção Directa | 1 |
| Apoio Domiciliário | Ajudante de Acção Directa | 6 |
| RSI | Técnica Serviço Social | 1 |
| | Psicólogo | 1 |
| | Ajudantes Acção Directa | 3 |
| Cozinha 1 | Cozinheira Chefe | 1 |
| | Cozinheira de 2ª | 1 |
| | Ajudante de Cozinha | 4 |
| Empresa Inserção | Auxiliar de Serviços Gerais | 9 |
| Serviço Administrativo | Técnica Oficial de Contas | 1 |
| | Chefe de Secção | 1 |
| | Chefe de Escritório | 1 |
| Jardim Infância | Educadora de Infância | 3 |
| | Auxiliar de Educação | 3 |
| Creche- Polo I | Educadora de Infância | 1 |
| | Auxiliar de Educação | 3 |
| Cozinha 2 | Cozinheira de 1ª | 1 |
| | Ajudante de Cozinha | 1 |
| Lavandaria | Auxiliar de Serviços Gerais | 1 |
| Creche- Polo II | Educadora de Infância | 1 |
| | Auxiliar de Educação | 7 |
| | Cozinheira de 2ª | 1 |
| Creche – Polo III | Educadora de Infância | 1 |
| | Auxiliar de Educação | 3 |
| | Ajudante cozinha | 1 |
| Confecções | Costureira | 1 |
| Transporte | Motorista de pesados de 1ª | 2 |
| Direcção | Gestor | 1 |

Nota: Dos 84 colaboradores, um é pelo POC- Projecto dos Subsidiários

Para que a qualidade dos seus serviços seja certificada é preciso enquadrar os colaboradores consoante as suas competências técnicas e profissionais sem esquecer as suas habilidades pessoais.

É inelutável pensar a formação como uma “dáviva gratuita” ao trabalhador. Ela é entendida como um meio de socialização ao serviço da instituição e como um todo. Acreditamos que as instituições de excelência são aquelas que investem no aumento das habilidades e competências dos seus membros.

O clima de confiança, a delegação de funções, a competência e o estreitamento nas relações sociais é muitas vezes superado pelos processos de formação.

Defensores da formação contínua e da qualificação dos seus quadros de pessoal, anualmente são dinamizadas algumas acções de formação.

Quando as equipas de enquadramento não estão aptas para ministrarem a formação, recorre-se à colaboração do exterior através de: inscrições em colóquios, seminários, Workshops, foruns, encontros, etc; convida-se pessoas credenciadas em determinadas matérias para desenvolverem determinados trabalhos; solicita-se junto de entidades acreditadas para o efeito que disponibilizem os seus serviços. Sempre que possível, ajudantes e auxiliares de educação do Jardim, Creche, Apoio Domiciliário, Centro de Dia, Lar e ATL participam em acções de formação dinamizadas pelo Centro de Formação do Mazagão, pela Célula 2000 e por outras entidades competentes.

1.4. - Parcerias e Projectos

Sendo o Centro Cultural e Social de Santo Adrião uma instituição de forte inserção na comunidade, estabelece parcerias com organismos oficiais, IPSS e outras associações, para a implementação e desenvolvimento de Projectos.

Realce-se a existência da rede de parceiros com: ISS, ARS, IEFP, IPSS's, IPJ, IEC, Câmara Municipal, Comissariado do Norte, Juntas de Freguesia e outras, e da interajuda local alicerçada entre certos colaboradores (Universidade, Institutos, entidades publicas e privadas, associados, paróquia, outros) que permitem minorar certos esforços, mas nunca saldar dívidas e empreender obras de construção.

Em paralelo com o IEFP- Centro de Emprego de Braga, existe o Projecto da Empresa de Inserção "Fonte Limpa", bem como diversos Estágios Profissionais.

Outra das grandes vertentes desta instituição é a participação em vários projectos, como entidade Promotora e/ou Gestora como: Programa Escolhas, PIEF e Célula 2000.

Entre vários enumeramos os mais recentes:

- CATL – Centro de Actividades de Tempos Livres – Apoio de Crianças em Risco
- Projecto PETI- Programa Prevenção Eliminação e Exploração Infantil

Anexo 2 – Quadro de Valências da Instituição;

Quadro 1 – Valências da Instituição

| Ano | Valência | Nº utentes | Objetivo | Equipa Técnica |
|------|-----------------------|---------------|--|--|
| 1995 | Creche/ Berçário | 75 | Permitir o desenvolvimento harmonioso das crianças dos 4 meses aos 3 anos de idade. (Constituído por Pólo 1, 2 e 3) | Pólo 1- 1 Educadora de Infância; 2 auxiliares de Educação; 1 Ajudante da Ação Educativa Pólo 2- 1 Educadora de Infância; 5 Auxiliares de Educação; 1 Ajudante da Ação Educativa e 1 Cozinheira Pólo 3- 1 Educadora de Infância; 2 Auxiliares de Educação; 1 Ajudante da Ação Educativa e 1 Cozinheira |
| 1997 | Jardim de Infância | 69 | Acolhe crianças de idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos que são acompanhadas atentamente por elementos da equipa educativa (Constituído por 3 salas) | Sala 1- 1 Educadora de Infância e 1 Auxiliar de Educação Sala 2- 1 Educadora de Infância e 1 Auxiliar de Educação Sala 3- 1 Educadora de Infância e 2 Auxiliar de Educação |
| 1984 | ATL | 100 | Assegura a estadia de crianças e jovens entre os 6 e os 15 anos, em horários extraescolares e disponibiliza condições de recreio e diversão associadas à componente educativa. | 1 Coordenadora 3 Educadoras 2 Auxiliares de Educação |
| 1994 | CATL - ACR | 45 | Desenvolvimento de trabalho no triângulo “ Criança – Família – Comunidade” esta valência é direcionada a crianças/jovens dos 5 aos 18 anos. | 1 Assistente Social 1 Psicólogo 2 Educadoras Sociais 2 Ajudantes Ocupacionais |
| 1999 | CAT | 12 | Proporciona às crianças/jovens até aos 18 anos em perigo, em situação de rutura familiar grave, uma casa de acolhimento | 1 Técnica de Serviço Social 3 Ajudantes de Ação Direta |

| | | | | |
|-------------|-----|-----|--|--|
| | | | temporário, com o objetivo de “regresso a casa” | 2 Voluntários |
| 1998 | CC | 10 | Espaço de apoio, para que os idosos possam, em horas de lazer e tempos livres, estabelecer convívio uns com os outros. | 1 Técnica de Serviço Social 1 Ajudante de Ação Direta 2 Voluntários |
| 1989 | AD | 35 | Ajudar o idoso a superar as limitações próprias da idade, higiene pessoal, apoio nas consultas médicas etc. | 1 Técnica de Serviço Social 5 Ajudantes de Ação Direta |
| 1998 | LI | 12 | Proporciona o atendimento permanente ao idoso. | 1 Técnica de Serviço Social 1 Agente Educação Familiar 6 Ajudantes de Ação Direta 2 Enfermeiras |
| 1999 | EI | 6 | Enquadrar sócio profissionalmente desempregados de longa duração ou equiparados, formar e especializar profissionais. | Funciona em parceria com O Instituto de Emprego e Formação Profissional, UNIVA (Unidade de Inserção na Vida Ativa), IPJ (Instituto Português da Juventude) e Centro Regional de Segurança Social - Braga |
| 2007 | RSI | 226 | Prestação incluída no subsistema de solidariedade e num programa de inserção, de modo a conferir às pessoas e aos seus agregados familiares, apoios adaptados à situação pessoal, contribuindo para a satisfação das necessidades essenciais, de forma a favorecer a progressiva inserção laboral, social e comunitária. | 1 Técnica de Serviço Social 1 Psicólogo 3 Auxiliares |

**Anexo 3 – A crescer desde 1983 –
CCSSA;**

12. PROJECTO T3RIS - PROGRAMA ESCOLHAS

Criação: 2010 **Utentes:** 165 (61 de etnia negra + 104 brancos)

O projecto T3tris pretende incluir os membros de minorias étnicas, imigrantes e outros que se encontrem em risco de exclusão social, proporcionando-lhes iguais oportunidades de acesso ao emprego, educação, promovendo o seu desenvolvimento pessoal, social e cívico. O T3tris é direccionado para a população do Complexo Habitacional do Picoto e Bairro Social Ponte dos Jaleões, onde se destacam problemas de desemprego, pobreza, baixa escolaridade e comportamentos de risco. Abrange, de igual forma, alunos dos Cursos de Educação e Formação, e Planos Integrados de Educação e Formação, bem como outras crianças e jovens que apresentem dificuldades de nível académico e para quem as nossas acções se justifiquem. Assim, o T3tris dinamiza actividades lúdico-pedagógicas e desenvolve mecanismos que possibilitam a resposta aos problemas já identificados. Assume-se como um projecto inovador, com potencial para ser auto-suficiente e extensível, sendo necessário para a população em questão.

Equipa Técnica:
1 Coordenadora / Psicóloga
1 Psicólogo / Animador socio-cultural
1 Dinamizador Comunitário / Animador Socio-cultural
1 Educadora / Monitora Cfd 2net
40 Voluntários

13. CONFECCOES/ARTESANATO

Criação: 1984

Tem como finalidade apoiar os associados através do fornecimento de artigos de utilidade doméstica, artesanato, tecidos, confecções e restauração. Esta secção apoia todos os associados e as várias valências do Centro Cultural.

O horário de funcionamento é de Segunda a Sexta-feira, das 9.00h às 12.00h e das 14.00h às 18.00h.

14. VIAGENS/CONVIVIO

Criação: 1983

O Projecto da Fundação do Centro Cultural e Social de Santo Adrião nasceu em actividades de convívio, no início da década de 80. Após a oficialização da instituição, em 1983, adquirido o primeiro autocarro, todas as acções de convívio, recorrendo às viagens culturais e recreativas promovidas pela instituição, melhoraram qualitativamente, sobretudo pelo alargamento de novos horizontes.

Numa perspectiva de servir todos os associados e suas famílias, outros grupos e a comunidade, a secção de viagens tem como finalidade proporcionar momentos de lazer, convívio, intercâmbio e enriquecimento cultural.

Funciona ao longo do ano. Nos meses de Junho, Julho e Agosto tem funcionamento diário com as colónias balneares.

15. BAR/VIATURAS

Criação: 1983

O Bar tem como finalidade o fomento do convívio e valorização das relações de carácter social. Dirige-se aos utentes de todas as valências, funcionários e outros. Além do serviço de cafeteria/bar, dispõe de jogos de sala: bilhar, cartas, seta, dominó, etc... A coordenação diária das viaturas, para as actividades das várias valências, também é feita nesta valência.

O horário de funcionamento é o seguinte:
Segunda a Sábado: das 9h00 as 18h00 e das 20h30 as 23h00;
Néxtas e Sábados: encerra às 24h00; Domingos: das 20h30 as 23h00.

16. GRUPO FOLCLORICO-DANCAS

DAÑCAS E CANTARES DE SANTO ADRIÃO

Criação: 2001

Grupo de voluntários que, na execução de danças e cantares do folclore português, visam a preservação e conservação das tradições populares. As actividades têm duas manifestações artísticas: a dança e os cantares. O grupo instrumental, parte integrante do folclore, actua independentemente, quando necessário. Além do mais, prossegue-se o convívio contínuo, com vantagens de promoção humana.

17. VALÊNCIAS DE APOIO GERAL

Criação: 1983

Pela sua natureza, estas valências são o suporte necessário e contínuo de todas as outras.

Os **Serviços Administrativos** e **Secretaria Geral** funcionam na sede. As **Cartilhas** existentes, em laboração diária, estão distribuídas pelos vários pólos: Sede, Jardim de Infância e Pólo 1, Pólo 2 da Creche, Pólo 3 da Creche, Lar de Idosos e CAT. Nos centros de actividades do CATI ainda há mais duas mini-cozinhas para apoio aos lanches dos grupos de crianças.

O **Economato e Armazém** de géneros alimentares e artigos diversos funcionam na sede.

A secção de **Equipamentos / Manutenção** está centralizada na sede, donde são orientadas todas as intervenções.

18. SECÇÃO DESPORTIVA

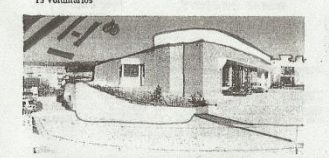
Criação: 1983 **Utentes:** 800

Proporciona aos associados, utentes e comunidade em geral o acesso à prática das seguintes modalidades desportivas: Futsal, Danças Salão, Kick Boxing, Ténis, Ginástica de Manutenção, Aeróbica, Campos de Férias, Actividades ao Ar Livre, Desportos Radicais, Ginástica Acrobática, Capoeira, Ginástica Infantil, Natação, Psicomotricidade, Hip Hop, Espaço Internet, Jogos de Sala, Jogos Tradicionais, Animações Escolares, etc.

Para promover as suas actividades a Secção Desportiva edita um Boletim Informativo Mensal, "Flashes Desportivos".

A aposta no Merchandising (venda de produtos Santo Adrião) é a nova aposta dos seus responsáveis.

Equipa Técnica:
1 Gestor Desportivo/ Coordenador
12 monitores de modalidades
15 Voluntários



A crescer desde 1983

Centro Cultural e Social de Santo Adrião

Apoio à comunidade e aos associados

ÁREAS:

- Social
- Cultural
- Artística
- Desportiva
- Outras

Rua do Centro Cultural de Santo Adrião, s/nº
4715-016 Braga
253200690
253200695
www.santoadriao.com
e-mail: geral@santoadriao.com

CENTRO CULTURAL E SOCIAL DE SANTO ADRIÃO - INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE SOLIDARIEDADE SOCIAL - BRAGA

1. CRECHE/BERCÁRIO

Criação: 1995 **Utentes:** 75

A Creche e o Bercário são espaços lúdicos e seguros, com ambiente estruturado, de forma a permitir o desenvolvimento harmonioso das crianças dos 4 meses aos 3 anos de idade.

Existem 3 Pólos:

- Pólo 1: no Parque Infantil 25 utentes
- Pólo 2: na Rua Coronel Albino Rodrigues 35 utentes
- Pólo 3: na Rua do Bato (criado em 1999) 15 utentes

No Bercário estão integrados 20 bebés (c/camas/berços)

Equipa técnica: (Por Pólos)

Pólo 1:
1 Educadora de Infância; 2 Auxiliares Educação; 1 Ajudante Acção Educativa

Pólo 2:
1 Educadora de Infância; 5 Auxiliares Educação; 1 Ajudante Acção Educativa; 1 Cozinha

Pólo 3:
1 Educadora de Infância; 2 Auxiliares Educação; 1 Ajudante Acção Educativa; 1 Cozinha

2. JARDIM DE INFANCIA

Criação: 1997 **Utentes:** 69

É um espaço seguro e divertido. Acolhe crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, respeitando a sua individualidade e personalidade, através de um acompanhamento atento dos elementos da equipa de educadoras.

O grupo está dividido por 3 salas, pelo critério de idades. Há outras áreas comuns, interiores e exteriores.

Algumas crianças têm apoio de técnicas do Ensino Especial. Esta valência tem um acordo tripartidito: CESA, DREN e IESS.

Equipa Técnica:
Sala 1: 1 Educadora de Infância; 1 Auxillar Educação
Sala 2: 1 Educadora de Infância; 1 Auxillar Educação
Sala 3: 1 Educadora de Infância; 2 Auxiliares Educação
1 Par-time
2 Cozinha
1 Auxillar Serviços Gerais

3. ATL - ACTIVIDADES DE TEMPOS LIVRES

Criação: 1984 **Utentes:** 100*

O ATL "O Recreato" assegura a estadia de crianças/jovens, dos 6 aos 15 anos, em horários extra-escolares, e disponibiliza condições satisfatórias de recreio e diversão, associadas à componente educativa.

Conforme os horários escolares, as crianças estão no ATL no período da manhã ou da tarde.

Com base na idade, as actividades desenvolvem-se em 3 salas diferentes. Há outros espaços comuns: ginásio, auditório, refeitório e outros, interiores e exteriores.

Os ateliers de Música, Ginástica e Informática são comuns a todas as crianças.

Os ateliers de Futsal, Natação / Inglês ou outros são da opção dos encarregados de educação - definidos anualmente.

Equipa Técnica:
1 Coordenadora
3 Educadoras
2 Auxiliares de Educação

* Pela reforma do Sistema Educativo, o nosso acordo, desde Setembro de 2006 e de 58 utentes - em passas pedagógicas e pontuais.

4. CATI - ACR

Apoio a Crianças em Risco

Criação: 1994 **Utentes:** 45

É uma resposta inovadora a situações sociais complexas que atingem crianças e jovens dos 5 aos 18 anos. Todo o trabalho desta valência desenvolve-se no triângulo "criança - família - comunidade".

Há dois centros de animação em actividade diária, coordenados pelos elementos da equipa técnica:

- Centro 1: na Qta da Capela
- Centro 2: no Bairro Nog. Silva

Equipa Técnica:
1 Assistente Social
1 Psicóloga
2 Educadoras Sociais
2 Ajudantes Ocupacionais

5. CATI - CENTRO DE ACOELHIMENTO TEMPORARIO

"A Ponte de Regresso a Casa"

Criação: 1999 **Utentes:** 12

Proporciona às crianças/jovens até aos 18 anos em perigo, em situação de ruptura familiar grave, uma casa de acolhimento temporário, tendo como objectivo o "regresso a casa".

Tem capacidade para 12 crianças, mas este número é muitas vezes excedido, pelas situações constantes de rupturas familiares graves.

Ao fim de um ano, a criança ou regressa a casa; ou é encaminhada para internamento específico; ou é adoptada... Conforme a decisão do Tribunal de Família / Menores.

Equipa Técnica:
1 Técnica Serviço Social
1 Psicóloga
6 Ajudantes Acção Educativa

6. CENTRO DE DIA

Criação: 1987 **Utentes:** 50

Combate a ruptura entre o idoso e a sua família, constituindo um elo muito forte entre ambos. Procura compensar o idoso daquilo que, muitas vezes, lhe falta em casa: compreensão, carinho, amor e atenção.

Equipa Técnica:
1 Técnica serviço Social (Val. De Terceira idade)
3 Ajudantes de Acção Directa
2 Voluntários

7. CENTRO DE CONVIVIO

Criação: 1998 **Utentes:** 10

É um espaço de apoio, para que os idosos possam, em horas de lazer e tempos livres, estabelecer convívio com outros companheiros, em troca de conhecimentos, ideias, recordações e memórias... Produzem muitas vezes sugestões válidas que valorizam bastante novos projectos.

Equipa Técnica:
1 Técnica Serviço Social
1 Ajudante de Acção Directa
2 Voluntários

8. APOIO DOMICILIARIO

Criação: 1989 **Utentes:** 35

Ajuda o idoso a superar as suas limitações próprias da idade, auxiliando-o nas tarefas em que apresenta mais dificuldades e respeitando a sua vontade de permanecer na sua casa, no seu mundo.

Principais tarefas: Higiene pessoal, tratamento de roupas, serviço de refeições, apoio nas consultas médicas, limpeza da casa, entre...

Equipa Técnica:
1 Técnica Serviço Social
5 Ajudantes de Acção Directa

9. LAR DE IDOSOS

Criação: 1998 **Utentes:** 12

É uma "habitação doméstica", com funcionamento contínuo de 24 horas, que proporciona o atendimento permanente ao idoso cuja problemática não pode ser tratada através de outras formas de resposta. Tem capacidade para 12 camas.

Todos os idosos do Lar se relacionam diariamente com crianças, jovens e adultos, em verdadeiro convívio intergeracional.

Equipa Técnica:
1 Técnica Serviço Social
1 Agente Educação Familiar - Coordenadora
6 Ajudantes de Acção Directa
1 Enfermeira - Part-Time
1 Enfermeira - Part-Time

10. EMPRESA DE INSERCAO "Fontelipa"

Criação: 1999 **Utentes:** 6

Surgiu em 1999, no âmbito das medidas criadas pelo Mercado Social de Emprego no Combate à Pobreza e à Exclusão Social.

A Empresa de Inserção tem como objectivos enquadrar sócio-profissionalmente desempregados de longa duração ou equiparados; formar e especializar profissionais no sector de limpeza/desinfectação e jardinagem; e reabilitar este serviço, criando uma unidade autónoma, para servir a comunidade, instituições parceiras e outras.

A "Fontelipa" funciona em parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, UNIVA (Unidade de Inserção na Vida Activa), IPJ (Instituto Português da Juventude) e Centro Regional de Segurança Social - Braga.

O horário de funcionamento desta Empresa de Inserção é de Segunda a Sexta-feira, das 8.00 horas às 18.00 horas

11. GABINETE DO RSI

Criação: 2007 **Famílias:** 226

O RSI consiste "numa prestação incluída no subsistema de solidariedade e num programa de inserção, de modo a conferir as pessoas e aos seus agregados familiares apoios adaptados à sua situação pessoal, que contribuem para a satisfação das suas necessidades essenciais e que favoreçam a progressiva inserção laboral, social e comunitária" (1)

Como se pode verificar, o RSI integra o leque das chamadas políticas sociais activas para a inserção. Desde 2007 que trabalha em articulação com o GASE (Gabinete de Apoio Social de Emergência), colmatando carências de ordem material, de forma a contribuir para o bem-estar das pessoas apoiadas.

Equipa Técnica: 1 TSS, 1 Psicólogo e 3 Auxiliares de Acção Directa

(1) Artº 1º, do Capítulo I - Lei nº 13/2003, de 21 de Maio

CENTRO CULTURAL E SOCIAL DE SANTO ADRIÃO - INSTITUIÇÃO PARTICULAR DE SOLIDARIEDADE SOCIAL - BRAGA

Anexo 4 – Inquérito de diagnóstico;

Inquérito de Diagnóstico

Nome:

Idade:

Data:

Ano lectivo:

1- Quais são as atividades que mais gostas de fazer no teu dia-a-dia?

2- Que tipo de atividades esperas fazer nestas sessões?

2- No final o que esperas ter aprendido?

3- Completa a seguinte frase com o teu nome e responde à pergunta.

- Quem é a/o _____?

Características físicas:

Defeitos:

Qualidades:

Obrigado pelas vossas respostas

A estagiária:
Ana Rego

Anexo 5 – Inquérito final;

Inquérito Final

Nome:

Idade:

Data:

Ano letivo:

1- Do que mais gostaste neste tempo de atelier?

2- Qual a atividade que mais te marcou e a que menos gostaste de realizar?

3- De 1 a 5, sendo que o 1 representa nada satisfeito e o 5 totalmente satisfeito, com quanto avaliarias este atelier?

4- Tendo em conta as expetativas iniciais como achas que correu o atelier?

5- De um modo geral como é que este atelier te mudou como pessoa?

Muito Obrigado pela participação

A estagiária:
Ana Rego

Anexo 6 – Planeamento das atividades

Planeamento da primeira sessão

- Distribuição dos inquéritos de diagnóstico – (10 minutos)
- Aquecimento (circular ao som da música) – (5 minutos)

Jogo Da Comichão

| | |
|---|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Favorecer o conhecimento dos membros do grupo • Provocar um ambiente descontraído |
| Material | |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 15 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Os participantes sentam-se em círculo. O Animador explica as regras e inicia a actividade. 2. Um dos formandos inicia a actividade dizendo o seu nome e indicando um local do corpo onde tem comichão. 3. O elemento sentado à sua direita, repete em voz alta o nome do colega ao mesmo que começa a coçá-lo no local onde este referiu ter comichão. 4. Seguidamente, diz o seu nome e indica também um local do corpo onde tem comichão. 5. A actividade prossegue, sempre pela direita, até todos os formandos se terem apresentado. | |
| Discussão | |
| <ol style="list-style-type: none"> a) Como se sentiram durante a actividade? b) Que reacções produziu o jogo? c) Como se sentiram ao coçar os colegas? d) E como se sentiram ao serem coçados? | |
| Bibliografia Adaptado de ... | <ul style="list-style-type: none"> • Cascon, Paço e M. Beristain, Carlos. La alternativa del juego, Colectivo Educar para la Paz |

O Amigo Imaginário

| | |
|---|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Favorecer o conhecimento dos membros do grupo • Falar sobre o valor da amizade |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Balão com o desenho de um rosto |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Os participantes sentam-se em círculo. 2. O Animador apresenta ao grupo um balão com um rosto desenhado, explicando que o balão irá representar um “Amigo Imaginário”. 3. Este “Amigo Imaginário”, representará o que cada um dos participantes considera ser importante num Amigo. 4. O Animador inicia a actividade atirando o balão a um dos participantes, que começa por dizer se o seu “Amigo” é masculino ou feminino, que | |

| | |
|---|-------------------------------|
| <p>características físicas e psicológicas possui, como se relaciona consigo, etc.</p> <p>5. O Animador pode pedir aos participantes que “conversem” com esta personagem, falando um pouco de si próprios, durante um tempo limitado.</p> <p>6. O participante atira depois o balão a um outro elemento do círculo.</p> <p>7. A actividade termina quando todos tiverem apresentado o seu “Amigo”.</p> | |
| <p>Discussão</p> <p>a. Como se sentiram durante a actividade?</p> <p>b. Qual o perfil de um verdadeiro amigo?</p> | |
| <p>Bibliografia Adaptado de ...</p> | <p>• Filme - “O Náufrago”</p> |

Jogo do quem é quem

| | |
|--|--|
| <p>Objectivos</p> | <p>• Favorecer o conhecimento dos membros do grupo</p> |
| <p>Material</p> | |
| <p>Metodologia</p> | <p>• Grande grupo: 10 minutos</p> |
| <p>Desenvolvimento</p> <p>O grande grupo, sentado em círculo</p> <p>É escolhido um elemento do grupo que se senta no meio do círculo e seguidamente é vendado</p> <p>Depois de o elemento escolhido estar vendado um dos colegas senta-se em frente dele.</p> <p>O elemento vendado deverá identificar o outro colega apenas com o toque nas mãos cara, cheiro, cabelo.</p> | |
| <p>Bibliografia</p> | |

Relaxamento

| | |
|--|-------------------------------------|
| <p>Objectivos</p> | <p>• Relaxamento</p> |
| <p>Material</p> | <p>Cd com música de relaxamento</p> |
| <p>Metodologia</p> | <p>• Grande grupo: 10 minutos</p> |
| <p>Desenvolvimento</p> <p>Os elementos do grupo deitam-se no chão, de barriga para cima e de olhos fechados, começam por fazer a respiração diafragmática, e percorrem em pensamento cada parte do seu corpo, desde dos dedos dos pés até à cabeça.</p> | |
| <p>Bibliografia</p> | |

Planeamento da segunda sessão - Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

Auto-estima – jogo do quem é quem

| | |
|---|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Permitir a expressão de sentimentos agradáveis e positivos pelos colegas • Desenvolver o espírito de observação e o sentido crítico. |
| Material | |
| Metodologia | Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>6. O Animador divide a turma dois sub-grupos que se irão situar frente a frente na sala.</p> <p>7. Cada grupo escolhe um colega da equipa contrária e, durante algum tempo, combina entre si alguns elogios que possam identificar de forma subtil o elemento escolhido.</p> <p>8. Através do seu porta-voz, vão indicando em voz alta as características do colega escolhido.</p> <p>9. Cabe ao grupo contrário adivinhar, e com o menor número de elogios possível, “quem é quem?”</p> | |
| Variante | |
| <p>1. Os grupos podem elogiar pessoas que não estão presentes (pessoas famosas ou conhecidas do grupo)</p> <p>2. Podem também substituir elogios verbais por elogios não verbais (mímica)</p> | |
| Discussão | |
| <p>c. Como se sentiram durante a actividade?</p> <p>d. Tiveram dificuldade em realizar a actividade?</p> <p>e. Identificam-se com o que os colegas disseram a vosso respeito?</p> | |
| Bibliografia Adaptado de ... | •Silva, R. Ana (1995) programa de Promoção de competências Sociais – Manual de Utilização. PES . Ministério da Educação. |

Jogo dos talentos

| | |
|---|----------------------------|
| Objectivos | • Estimular a criatividade |
| Material | |
| Metodologia | • Grande grupo: 25 minutos |
| Os formandos sentam-se em grupo e cada um apresenta em poucos minutos algo ao grande grupo, um música, uma história ou até uma pequena dança. O grupo terá o dever de incentivar a aplaudir cada apresentação, mostrando apoio. | |
| Discussão | |
| <p>a. Como se sentiram durante a actividade?</p> <p>b. Tiveram dificuldade em realizar a actividade?</p> | |
| Bibliografia Adaptado de ... | • |

Jogo: “Gostas de mim? Porquê?”

| | |
|-------------------|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento interpessoal • Expressar agrado pelos colegas |
|-------------------|---|

| | |
|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver espírito de observação • Melhorar a auto-estima |
| Material | |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Os formandos sentam-se em círculo, colocando-se o Animador, em pé, no centro, não existindo cadeiras vazias. 2. Explica ao grupo a dinâmica da actividade, que consiste em dirigir-se a um dos formando do círculo, perguntando: Gostas de mim?. Obrigatoriamente, o formando deverá responder afirmativamente. Seguidamente, pergunta: Porquê? O formando deverá referir uma característica positiva da pessoa que se lhe dirigiu. 3. Todos os formandos que se reconheçam nessa característica, obrigatoriamente deverão trocar de lugar. 4. Ficará sempre um elemento de pé, que continuará a actividade. | |
| Discussão | |
| <ol style="list-style-type: none"> a. Como se sentiram durante a actividade? b. Tiveram dificuldade em realizar a actividade? | |
| Bibliografia Adaptado de ... | • |

Relaxamento

| | |
|---|-------------------------------|
| Objectivos | • Relaxamento e auto controlo |
| Material | Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| Os elementos do grupo deitam-se no chão, de barriga para cima e de olhos fechados, começam por fazer a respiração diafragmática, e percorrem em pensamento cada parte do seu corpo, desde dos dedos dos pés até à cabeça. | |
| Bibliografia | |

Planeamento da terceira sessão – Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

Quebra-gelo / Clarificação de Valores

| | |
|--|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de questionar • Provocar um ambiente descontraído |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Post-it |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>10. Previamente, o Animador prepara um post-it com o nome de uma personalidade em número suficiente para cada um dos participantes (Ex: Tom Cruise, Princesa Diana, Dalai Lama, João Paulo II, Madre Teresa de Calcutá, Luís Figo, Vítor Baía, Mário Soares, Cavaco Silva, Bárbara Guimarães, Marisa Cruz, Catarina Furtado, Xanana Gusmão, Nelson Mandela, Bin Laden, Baden Powell, Madona, Jim Morrison, etc.)</p> <p>11. Os participantes sentam-se em círculo e o Animador cola um dos post-it nas costas de cada um deles.</p> <p>12. Explica ao grupo que no post-it que têm nas costas está escrito o nome de uma personalidade de diferentes áreas. Pede aos participantes que, sem ver nem retirar o seu post-it, tentem adivinhar o nome da personalidade que lhes foi atribuída. Para tal, podem apenas colocar questões aos colegas do grupo enquanto circulam pela sala aleatoriamente.</p> <p>13. As perguntas devem ser elaboradas de tal modo que possam ser respondidas com “sim” ou “não”. Só este tipo de perguntas serão respondidas.</p> <p>14. Depois de identificada a personagem, o post-it será retirado das costas e colocado à frente.</p> <p>15. A actividade termina quando todos tiverem identificado a sua personagem.</p> | |
| Discussão | |
| <p>a. Como se sentiram durante a actividade?</p> <p>b. Revêem-se na personalidade que lhes foi atribuída? Porquê?</p> <p>c. A sociedade actual valoriza os mesmos ideais pelos quais essas personalidades são reconhecidas?</p> <p>A partir desta actividade pode discutir-se o tipo de valores pelos quais as pessoas são reconhecidas.</p> | |
| Bibliografia | |
| Adaptado de ... | |

O cubo mágico

| | |
|-------------------|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Favorecer a partilha de sentimentos e pensamentos • Discutir questões relativas a diferentes temáticas |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Cartolina • Régua • Tesoura • Cola |

| | |
|---|---|
| Metodologia | • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>16. Com o material indicado, o Animador faz um cubo em cartolina, escrevendo em cada uma das faces uma pergunta adequada à temática que se pretende explorar (podem ser questões indicadas pelos formandos ou retiradas de uma “caixa de perguntas”).</p> <p>17. Divide a turma em dois grupos, que se sentam frente a frente.</p> <p>18. Cada participante, na sua vez, deve jogar o cubo para um dos elementos do outro grupo, sentados à sua frente.</p> <p>19. O participante que recebe o cubo, deverá responder à pergunta correspondente à face do cubo que ficou voltada para cima.</p> <p>20. Depois de todos terem jogado e respondido, pode dar-se a possibilidade a quem quiser de responder a outras perguntas que não lhe tenham saído. Ou então, a actividade pode protelar-se até que todos tenham respondido a todas as questões.</p> | |
| Discussão | |
| • Todos ficaram esclarecidos relativamente a cada uma das questões colocadas? | |
| Bibliografia Adaptado de ... | • Ló, Alcina Branco (coord.), Prevenir a Brincar, Projecto Vida |

Relaxamento

| | |
|---|--------------------------------|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>Os elementos do grupo deitam-se no chão, de barriga para cima e de olhos fechados, começam por fazer a respiração diafragmática, e percorrem em pensamento cada parte do seu corpo, desde dos dedos dos pés até à cabeça.</p> <p>Em pares poderão cada um na sua vez fazer um pequena massagem de relaxamento.</p> | |
| Bibliografia | |

Planeamento da quarta sessão Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

Quadro de valores

| | |
|---|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Consciencializar para a existência de preconceitos • Reconhecer que os preconceitos têm influência na forma como se descodificam as mensagens |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Grelha + / - / 0 |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 25 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>21. O Animador distribui a cada um dos participantes uma grelha e informa que irá ler uma séria de palavras soltas numeradas de 1 a 15.</p> <p>22. Em relação a cada uma das palavras, os formandos devem indicar, de acordo com a conotação que tem para si, se as entendem como positivas, negativas ou apenas neutras. Para isso, devem assinalar com um X a respectiva coluna na grelha que lhes foi entregue.</p> <p>23. O Animador deve ler as palavras de forma clara e num ritmo tal que apenas permita o registo da primeira impressão dos formandos.</p> | |
| Discussão | |
| <p>f. Há alguém que tenha exclusivamente sinais +, - ou 0?</p> <p>g. Quantos sinais +, - e 0 receberam cada uma das palavras? (fazer a contagem e assinalar num acetato).</p> <p>h. Que podem concluir desta actividade? Que razões podem estar na origem das respostas diferentes dos formandos?</p> <p>i. A nossa atitude e os nossos preconceitos influenciam a nossa recepção de impressões. Temos que ter consciência que todas as pessoas têm preconceitos e que cada palavra que utilizamos desencadeia nas outras reacções diferentes.</p> | |
| Bibliografia Adaptado de ... | •SJØLUND, Arne, Dinâmica de Grupo - Curso para Professores. Colecção Ser Professor |

Resolução de problemas (Droga)

| | |
|---|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Aprender a resolver problemas de forma assertiva • Discutir sentimentos face à droga • Clarificar atitudes e valores quanto às drogas |
| Material | |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 30 minutos |
| Desenvolvimento | |
| 24. O Animador apresenta à turma o seguinte problema: | |

| | |
|---|---|
| <p>- ...um dia, descobres que o teu irmão está a vender droga. Ele sabe que a sua venda é ilegal, que esta é extremamente prejudicial para a saúde e que arruína a vida das pessoas.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Que deves fazer? 2. Far-te-á diferença que seja o teu irmão a vendê-la? 3. Far-te-ia diferença se fosse o teu melhor amigo? Porquê? 4. Qual dos dois problemas é maior para ti: que a droga é ilegal, logo punida por lei, ou que prejudica as pessoas? 5. Tentaste demover o teu irmão, mas ele ficou zangado e disse-te que, caso arranjasse problemas por tua causa, isso faria com que se vingasse. Que pensas disso? 6. ... <p>2. Utilizar a técnica de rolle play ou de debate ordenado com os alunos, explorando as suas capacidades de argumentação.</p> | |
| Discussão | |
| Bibliografia Adaptado de ... | • |

Relaxamento

| | |
|--|--------------------------------|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| <p>Desenvolvimento</p> <p>Os elementos do grupo deitam-se no chão, de barriga para cima e de olhos fechados, começam por fazer a respiração diafragmática, e percorrem em pensamento cada parte do seu corpo, desde dos dedos dos pés até à cabeça.</p> <p>Em pares poderão cada um na sua vez fazer uma pequena massagem de relaxamento.</p> | |
| Bibliografia | |

Planeamento da quinta sessão Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos
- Visto que, na última sessão tanto o aquecimento como a primeira actividade se prolongaram para além do tempo programado, há a necessidade de finalizar a primeira actividade e desenvolver a segunda. Desta forma o planeamento será semelhante ao da quarta sessão.

Quadro de valores (Continuação)

| | |
|---|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Consciencializar para a existência de preconceitos • Reconhecer que os preconceitos têm influência na forma como se descodificam as mensagens |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Grelha + / - / 0 |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 25 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>25. O Animador distribui a cada um dos participantes uma grelha e informa que irá ler uma série de palavras soltas numeradas de 1 a 15.</p> <p>26. Em relação a cada uma das palavras, os formandos devem indicar, de acordo com a conotação que tem para si, se as entendem como positivas, negativas ou apenas neutras. Para isso, devem assinalar com um X a respectiva coluna na grelha que lhes foi entregue.</p> <p>27. O Animador deve ler as palavras de forma clara e num ritmo tal que apenas permita o registo da primeira impressão dos formandos.</p> | |
| Discussão | |
| <p>j. Há alguém que tenha exclusivamente sinais +, - ou 0?</p> <p>k. Quantos sinais +, - e 0 receberam cada uma das palavras? (fazer a contagem e assinalar num acetato).</p> <p>l. Que podem concluir desta actividade? Que razões podem estar na origem das respostas diferentes dos formandos?</p> <p>m. A nossa atitude e os nossos preconceitos influenciam a nossa recepção de impressões. Temos que ter consciência que todas as pessoas têm preconceitos e que cada palavra que utilizamos desencadeia nas outras reacções diferentes.</p> | |
| Bibliografia Adaptado de ... | •SJφLUND, Arne, Dinâmica de Grupo - Curso para Professores. Coleção Ser Professor |

Resolução de problemas (Droga)

| | |
|--|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Aprender a resolver problemas de forma assertiva • Discutir sentimentos face à droga • Clarificar atitudes e valores quanto às drogas |
| Material | |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>1. O Animador apresenta à turma o seguinte problema:</p> <p>1- ...um dia, descobres que o teu irmão está a vender droga. Ele sabe que a sua</p> | |

| | |
|--|---|
| <p>venda é ilegal, que esta é extremamente prejudicial para a saúde e que arruína a vida das pessoas.</p> <ol style="list-style-type: none"> i. Que deves fazer? ii. Far-te-á diferença que seja o teu irmão a vendê-la? iii. Far-te-ia diferença se fosse o teu melhor amigo? Porquê? iv. Qual dos dois problemas é maior para ti: que a droga é ilegal, logo punida por lei, ou que prejudica as pessoas? v. Tentaste demover o teu irmão, mas ele ficou zangado e disse-te que, caso arranjasse problemas por tua causa, isso faria com que se vingasse. Que pensas disso? vi. ... <p>2.Utilizar a técnica de rolle play ou de debate ordenado com os alunos, explorando as suas capacidades de argumentação.</p> | |
| Discussão | |
| Bibliografia Adaptado de ... | • |

Caixa das Reclamações

No início do estagio foi construída uma caixa com o objectivo de servir de “caixa das reclamações” neste sentido surge agora a necessidade de debater sobre algumas das reclamações deixadas na caixa. A sessão será um bom momento para elaborar tal assunto.

| | |
|--|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Despiste de situações de risco • Promoção da capacidade de resolução de problemas |
| Material | • Caixa e as respectivas reclamações |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| Será retirada uma reclamação de cada vez e em grande grupo será debatido o seu conteúdo no sentido de encontrar uma solução. | |
| Bibliografia | |

Relaxamento

| | |
|---|--------------------------------|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 5 minutos |
| Desenvolvimento | |
| Os elementos do grupo deitam-se no chão, de barriga para cima e de olhos fechados, começam por fazer a respiração diafragmática, e percorrem em pensamento cada parte do seu corpo, desde dos dedos dos pés até à cabeça. Em pares poderão cada um na sua vez fazer uma pequena massagem de relaxamento. | |
| Bibliografia | |

Planeamento da Sexta sessão Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

Jogo – Comunicação além das palavras

| | |
|--|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Continuação do desenvolvimento de competências não-verbais; • Compreensão da importância, de saber usar adequadamente, na interacção social: <ul style="list-style-type: none"> - expressão facial - contacto visual - sorriso |
| Material | |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 25 minutos |
| <p>Desenvolvimento</p> <ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar o papel da expressão facial na transmissão de sentimentos. • Mostrar que através do contacto visual é possível informar o outro sobre o seu grau de atenção e interesse. • Realçar o papel do sorriso na facilitação da interacção social. <ul style="list-style-type: none"> • Expressão facial: Pede-se aos participantes que representem diferentes expressões faciais para que os restantes colegas adivinhem. O participante que adivinha, deve explicar o significado daquela expressão e qual a postura mais indicada para aquela situação. • Contacto Visual: Mostrar aos participantes cartões com diferentes situações referentes aos tipos de contactos visuais, os participantes devem tentar acertar e explicar qual a diferença entre os diferentes tipos de contacto visual. • Sorriso: Distribuem-se aleatoriamente cartões de 3 tipos: <ol style="list-style-type: none"> 1- Mostra-te triste 2- Não te mostres triste nem sorrias 3- Sorri <p>Os participantes deverão circular pela sala, e representar a emoção descrita no cartão, procurando outros alunos que a possuem, agrupando-se.</p> | |
| Discussão | |
| Bibliografia Adaptado de ... | <ul style="list-style-type: none"> • AEVA- Escola Profissional de Aveiro. Educação e Cultura. “Aprender a ser e a estar: Treino de Competências Pessoais e Sociais” |

Jogo “O quadro”

| | |
|---|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Reflectir acerca de temas lançados |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 25 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>28. Em roda é explicado aos participantes que terão de representar sem recorrer a meio de palavras um tema lançado pela educadora. Após este exercício serão feitos quadros estáticos com o conjunto dos participantes no meio da roda.</p> <p>29. Os quadros numa segunda fase poderão ter um movimento simples e numa fase seguinte poderão ter um som.</p> <p>30. Os temas sugeridos serão: Solidão; Alegria; Família; Medo; Silêncio; Barulho;</p> <p>31. Poderão ser propostas palavras pelos participantes</p> | |
| Discussão | |
| Bibliografia Adaptado de ... | <ul style="list-style-type: none"> • Livro: Jogos para atores e não atores. O teatro do oprimido. Rio de Janeiro. 2004. |

Relaxamento

| | |
|--|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Relaxamento e auto-controle |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>Os elementos do grupo deitam-se no chão, de barriga para cima e de olhos fechados, começam por fazer a respiração diafragmática, e percorrem em pensamento cada parte do seu corpo, desde dos dedos dos pés até à cabeça.</p> <p>Em pares poderão cada um na sua vez fazer uma pequena massagem de relaxamento.</p> | |
| Bibliografia | |

Planeamento da sétima sessão Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

Dinâmica: espelho mental

| | |
|--|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Auxiliar na tomada de consciência do próprio corpo. • Fomentar a auto-estima |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Folha de papel |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 25 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>Orientação geral (5 minutos): Pedir a todos os participantes que andem pela sala (descalços) ao som da música seguindo as instruções do facilitador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Andar na ponta dos pés; - Andar apoiando o corpo no calcanhar; - Andar na chuva; - Andar em uma superfície quente; - Andar passando por urna porta estreita; - Andarem câmara lenta; - Andar em marcha ré; <p>Os participantes não deverão tocar o corpo do outro colega. Pedir a todos que parem onde estão, fechem os olhos, pensem na parte do seu corpo que acham mais bonita e atractiva, e guardem mentalmente essa imagem consigo. Solicitar cada participante a sentar, a pegar sua folha de papel e a procurar esquematizar no papel a imagem captada pelo seu cérebro. Não colocando nome.</p> | |
| Discussão | |
| <ul style="list-style-type: none"> n. Os homens e as mulheres estão satisfeitos com suas formas físicas? o. A forma como nos sentimos em relação ao nosso corpo é influenciada pelo que as pessoas do outro sexo acham interessante ou atraente? p. Existem partes do nosso corpo que podemos modificar. Por que e para que? | |
| Bibliografia Adaptado de ... | <ul style="list-style-type: none"> • Manual do Multiplicador: Adolescente. Ministério da Saúde. 2000 |

Conversas com o parceiro

| | |
|--|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Alicerçar confiança, imaginação e divertimento |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Nenhum |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>Em pares, deverão manter uma conversa da seguinte maneira: Cada parceiro na sua vez diz uma palavra até formar uma frase (Exercício de leitura de pensamento)</p> | |
| Bibliografia Adaptado de ... | <ul style="list-style-type: none"> • Manual de jogos educativos. Desenvolvimento Social, Confiança, Imaginação e Criatividade. Dona Brandes |

| | |
|--|---------------------------|
| | and Howard Philips. 1977. |
|--|---------------------------|

Relaxamento

| | |
|------------------------|---|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | Os elementos do grupo deitam-se no chão, de barriga para cima e de olhos fechados, começam por fazer a respiração diafragmática, e percorrem em pensamento cada parte do seu corpo, desde dos dedos dos pés até à cabeça. Em pares poderão cada um na sua vez fazer uma pequena massagem de relaxamento. |
| Bibliografia | |

Planeamento da oitava sessão Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos
- Iniciar o tema do dia do pai.

Cair para trás e agarrar

| | |
|---|--|
| Objectivos | • Desenvolver a confiança e o relaxamento |
| Material | • Nenhum |
| Metodologia | • Grande grupo: 15 minutos |
| Desenvolvimento Os parceiros colocam-se a uma determinada distância, um atrás do outro, ambos virados para o mesmo lado. A pessoa que estiver a frente deixa-se cair para trás e é agarrada pela que está atrás de si. O parceiro da frente deve estar relaxado. Podem variar-se as distâncias dentro de um limite que ofereça segurança. | |
| Bibliografia | Brandes, D. & Phillip H. (1977). Manual de Jogos educativo: Desenvolvimento Social |

Não me façam rir

| | |
|---|---|
| Objectivos | • Desenvolvimento pessoal, divertimento e concentração |
| Material | • Nenhum |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento Um dos elementos do grupo põe-se sério e decide que não voltará nem a rir nem a sorrir. Um outro elemento tenta mudar esse estado de espírito. Os parceiros mudam quando o primeiro rir ou sorrir | |
| Bibliografia | Brandes, D. & Phillip H. (1977). Manual de Jogos educativo: Desenvolvimento Pessoal |

Anúncios

| | |
|--|--|
| Objectivos | • Auto-revelação; retroacção positiva; alicerçar a confiança no grupo. |
| Material | • Lápis e papel para cada jogador |
| Metodologia | • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento Cada um escreve um anúncio a descrever-se e a vender-se como amigo, (No máximo 25 palavras). Fixar as razões porque alguém nos compraria de preferência a um outro amigo qualquer. Metem-se os anúncios numa caixa, passa-se esta em volta, lê-se um de cada vez e tenta adivinhar-se que o escreveu (necessário justificar o porquê dessa escolha). | |
| Bibliografia | Brandes, D. & Phillip H. (1977). Manual de Jogos educativo: Desenvolvimento Pessoal. |

Relaxamento

| | |
|---|--|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>O actor põe as mãos sobre o abdómen, expelle todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdómen ate não poder mis; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes. Faz o mesmo com as mãos sobre as costelas enchendo o peito, especialmente a parte de baixo, diversas vezes. Idem, com as mãos sobre os ombros para cima, tentando encher a parte superior dos pulmões. Finalmente faz as três respirações em sequência.</p> | |
| Bibliografia | Boal, A. (2004). “Jogos para actores e não actores”. |

Planeamento da nona sessão Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

Anúncios - Continuação

| | |
|--|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Auto-revelação; retroacção positiva; alicerçar a confiança no grupo. |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Lápis e papel para cada jogador |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 10 minutos |
| <p>Desenvolvimento Cada um escreve um anuncio a descrever-se e a vender-se como amigo, (No máximo 25 palavras). Fixar as razões porque alguém nos compraria de preferência a um outro amigo qualquer. Metem-se os anúncios numa caixa, passa-se esta em volta, lê-se um de cada vez e tenta adivinhar-se que o escreveu (necessário justificar o porquê dessa escolha).</p> | |
| Bibliografia | Brandes, D. & Phillip H. (1977). Manual de Jogos educativo: Desenvolvimento Pessoal. |

Fantasia do mestre e do discípulo

| | |
|--|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento social, improvisação, expressão dramática, desenvolvimento de valores |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Nenhum |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 30 minutos |
| <p>Desenvolvimento O grupo, dividido em pares sentam-se um à frente do outro, de olhos fechados. Cada pessoa pensa na sua carreira escolar e recorda o “pior professor que já teve” fazendo um síntese dos comportamentos que o mesmo professor tinha. Os parceiros abrem os olhos e, à vez, falam a esse pior professor, usando o “par” como alvo, dizendo tudo o que não ousaram dizer pessoalmente. Procede-se da mesma maneira para o “melhor professor” Verificar qual o impacto da experiência.</p> | |
| Bibliografia | Brandes, D. & Phillip H. (1977). Manual de Jogos educativo: Desenvolvimento Pessoal. |

- Preparação para o dia do pai (Em negociações).

Relaxamento

| | |
|--------------------|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Relaxamento e auto-controle |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 10 minutos |

Desenvolvimento

O “actor” põe as mãos sobre o abdómen, expele todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdómen ate não poder mis; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes. Faz o mesmo com as mãos sobre as costelas enchendo o peito, especialmente a parte de baixo, diversas vezes. Idem, com as mãos sobre os ombros para cima, tentando encher a parte superior dos pulmões. Finalmente faz as três respirações em sequência.

Bibliografia

Boal, A. (2004). “Jogos para actores e não actores”.

Planeamento da Décima Sessão – Quinta da Capela

- Aquecimento (20 minutos) (Estimular a motricidade)

- Andar nas pontas dos pés;
- Andar com os calcanhares;
- Andar na chuva;
- Andar numa superfície quente;
- Andar em câmara lenta;

Motricidade

| | |
|--|--|
| Objectivos | Estimulação de contactos não verbais, criatividade e expressão dramática |
| Material | Nenhum |
| Metodologia | Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Em pares e sem falar, caminhar da ponta da sala a outra ponta, representando várias situações: <ul style="list-style-type: none"> • Como se estivessem apaixonados; • Como se estivessem a ser perseguidos; • Como se estivessem tristes; • Como se estivessem a planear alguma asneira; • Como se estivessem felizes. | |
| Bibliografia: -- | |

Criatividade

| | |
|---|--|
| Objectivos | Estimulação da criatividade, expressão dramática, improviso, conceito de grupo e companheirismo. |
| Material | Nenhum |
| Metodologia | Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Representar em pares situações com vários temas, cada representação terá que incluir obrigatoriamente palavras previamente fornecidas ao grupo. • Temas: <ul style="list-style-type: none"> • Família – Palavras a usar na representação: Filho; asneira; castigo e amor • Escola - Palavras a usar na representação: Amigo; vaidade; mentira e perdão • Namoro - Palavras a usar na representação: Amigos; bebe; futuro e medo. | |
| Bibliografia: -- | |

Relaxamento

| | |
|---|------------------------------|
| Objectivos | Relaxamento e auto-controle |
| Material | Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Os elementos do grupo deitam-se no chão, de barriga para cima e de olhos fechados, começando por fazer respiração diafragmática, percorrendo em pensamento cada parte do seu corpo, desde dos dedos dos pés até à cabeça. • Em pares, poderão fazer uma pequena massagem de relaxamento. | |
| Bibliografia: -- | |

Planeamento da décima primeira sessão - Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

Veneno

| | |
|---|--|
| Objectivos | • Diversão e desenvolvimento da criatividade |
| Material | • Nenhum |
| Metodologia | • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento Um jogador voluntário, coloca-se de pé, com as mãos para a frente de palmas para baixo e dedos abertos. Os outros jogadores têm que segurar um dedo daquele que se voluntariou. Este jogador, terá que contar uma história onde terá que incluir a palavra “Veneno”. Esta palavra é o sinal para os outros jogadores soltarem os dedos e fugirem. O primeiro jogador a ser apanhado é o que fica de pé a contar a próxima história. | |
| Bibliografia | Jogos de Cooperação – Associação para a promoção cultural da criança (1998). |

Palavras em cadeia

| | |
|--|--|
| Objectivos | • Estimular a concentração |
| Material | • Nenhum |
| Metodologia | • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento Os jogadores sentam-se em roda de costas uns para os outros. Um jogador começa por escrever uma palavra com o dedo nas costas de outro jogador. A palavra é posteriormente passada para todos os jogadores na roda. No fim compara-se a palavra final com a palavra inicial. | |
| Bibliografia | Jogos de Cooperação – Associação para a promoção cultural da criança (1998). |

Relaxamento

| | |
|---|--|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento O “actor” põe as mãos sobre o abdómen, expelle todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdómen até não poder mais; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes. Faz o mesmo com as mãos sobre as costelas enchendo o peito, especialmente a parte de baixo, diversas vezes. Idem, com as mãos sobre os ombros para cima, tentando encher a parte superior dos pulmões. Finalmente faz as três respirações em sequência. | |
| Bibliografia | Boal, A. (2004). “Jogos para actores e não actores”. |

Planeamento da décima segunda sessão - Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

Auto-estima

| | |
|---|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Favorecer a auto-estima e a coesão do grupo • Treinar pensamentos positivos |
| Material | |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. O Animador explica a actividade, que consiste em reconhecer qualidades positivas nos membros do grupo e no grupo como tal. 2. Os participantes estão sentados em círculo. 3. O Animador pede a um voluntário que inicie a actividade dizendo: <ul style="list-style-type: none"> • uma flor e um animal que lhe lembre a pessoa que está sentada à sua direita; • uma qualidade que aprecie na pessoa que está sentada à sua esquerda; • oferecer uma das suas qualidades positivas à pessoa que está sentada à sua direita; • três palavras que expressem os seus sentimentos agradáveis por estar no grupo. | |
| Variante | |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. A actividade pode ser realizada por partes, fazendo uma rodada para cada uma das questões a colocar. 2. Pode ainda pedir-se aos participantes que contem uma coisa boa que lhes tenha acontecido desde a última vez que se encontraram. | |
| Discussão | |
| <ol style="list-style-type: none"> a. Foi fácil identificar qualidades positivas nos colegas? b. Houve muitas repetições? c. Esta identificação de qualidades positivas trouxe mais-valias para o grupo? Quais? | |
| Bibliografia Adaptado de ... | Judson, S. e outros. Aprendiendo a resolver conflictos. Manual de Educación para la Paz y la NoViolencia. Lerna. 1986 |

Comunicação interpessoal

| | |
|--|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Reflectir sobre os factores que interferem com o processo de comunicação |
| Material | |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <ol style="list-style-type: none"> 1. O Animador coloca os formandos em círculo indicando-lhes que não poderão falar nem fazer perguntas. 2. A tarefa que cada um dos participantes terá que executar será ouvir o “segredo” | |

| | |
|--|--|
| <p>que lhe contam e transmiti-lo, ao ouvido, ao colega seguinte.</p> <p>3. A actividade deve realizar-se sem interrupções.</p> <p>4. O Animador conta ao 1º elemento do círculo um “segredo”, por exemplo: “O João, hoje de manhã, foi tomar banho antes de apanhar o autocarro para ir para a escola. Ao entrar na banheira, escorregou no tapete, caiu ao chão, partiu uma perna e teve de ir para o hospital, ficando internado”.</p> <p>5. O “segredo” vai passando de ouvido em ouvido até chegar ao último elemento.</p> <p>6. Este diz em voz alta o que ouviu.</p> <p>7. O 1º elemento diz qual foi o “segredo” inicial, comparando-se com o que chegou ao fim do círculo.</p> | |
| <p>Discussão</p> <p>a. Que concluem com esta actividade?</p> <p>b. Que problemas podem existir no processo de comunicação</p> | |
| <p>Bibliografia Adaptado de ...</p> | |

Relaxamento

| | |
|---|--|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| <p>Desenvolvimento</p> <p>O “actor” põe as mãos sobre o abdómen, expelle todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdómen ate não poder mis; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes. Faz o mesmo com as mãos sobre as costelas enchendo o peito, especialmente a parte de baixo, diversas vezes. Idem, com as mãos sobre os ombros para cima, tentando encher a parte superior dos pulmões. Finalmente faz as três respirações em sequência.</p> | |
| Bibliografia | Boal, A. (2004). “Jogos para actores e não actores”. |

Planeamento da décima terceira sessão - Quinta da Capela

- Aquecimento – 10 minutos

- Debate sobre o desentendimento da semana passada entre dois elementos do grupo, com o objectivo de estreitar os laços do mesmo fazendo com que estes entendam que ideias convergentes podem existir desde que haja respeito uns pelos outros. Neste sentido, será importante também dar a entender o papel fundamental do diálogo na resolução de problemas.

Grande grupo – 20 minutos

Troca de segredos

| | |
|--|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a empatia com os outros membros do grupo. |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Papel e caneta ou lápis para cada um |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>Cada um deve escrever no pedaço de papel que recebeu alguma dificuldade que encontra no relacionamento com os outros e que não gostaria de expor oralmente. Cada um deve despistar a própria letra e todos os papéis devem ser dobrados da mesma forma. O coordenador da dinâmica recolhe e mistura os papeizinhos. A seguir, são sorteados os papeizinhos entre os participantes da dinâmica e cada um assume o problema que estiver descrito no papel que pegou. Deve ler o problema em voz alta, explicar como se o problema fosse dele e propor alguma solução para o problema. Não se deve permitir debates nem perguntas.</p> | |
| Discussão | |
| <p>Quando todos já tiverem falado, o coordenador poderá propor algumas questões para os participantes como você se sentiu ao ver o seu problema descrito? Como você se sentiu ao explicar o problema de um outro? O outro compreendeu seu problema? Você compreendeu o problema do outro? Como se sentiu em relação ao grupo?</p> | |
| Bibliografia | |
| Adaptado de ... | |

Relaxamento

| | |
|--|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Relaxamento e auto-controle |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>O “actor” põe as mãos sobre o abdómen, expelle todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdómen até não poder mais; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes. Faz o mesmo com as mãos sobre as costelas enchendo o peito, especialmente a parte de baixo, diversas vezes. Idem, com as mãos sobre os ombros para cima, tentando encher a parte superior dos pulmões. Finalmente faz as três respirações em sequência.</p> | |
| Bibliografia | Boal, A. (2004). “Jogos para actores e não actores”. |

Planeamento da décima quarta sessão - Quinta da Capela

- Aquecimento (10 minutos) (Estimular a motricidade)

- Andar nas pontas dos pés;
- Andar com os calcanhares;
- Andar na chuva;
- Andar numa superfície quente;
- Andar em câmara lenta;

Motricidade

| | |
|--|--|
| Objectivos | Estimulação de contactos não verbais, criatividade e expressão dramática |
| Material | Nenhum |
| Metodologia | Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Em pares e sem falar, caminhar da ponta da sala a outra ponta, representando várias situações: <ul style="list-style-type: none"> • Como se estivessem apaixonados; • Como se estivessem a ser perseguidos; • Como se estivessem tristes; • Como se estivessem a planear alguma asneira; • Como se estivessem felizes. | |
| Bibliografia: -- | |

Jogo “O quadro”

| | |
|---|--|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Reflectir acerca de temas lançados |
| Material | <ul style="list-style-type: none"> • |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 20 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>32. Em roda é explicado aos participantes que terão de representar sem recorrer a meio de palavras um tema lançado pela educadora. Após este exercício serão feitos quadros estáticos com o conjunto dos participantes no meio da roda.</p> <p>33. Os quadros numa segunda fase poderão ter um movimento simples e numa fase seguinte poderão ter um som.</p> <p>34. Os temas sugeridos serão: Solidão; Alegria; Família; Medo; Silêncio; Barulho;</p> <p>35. Poderão ser propostas palavras pelos participantes</p> | |
| Discussão | |
| Bibliografia Adaptado de ... | <ul style="list-style-type: none"> • Livro: Jogos para atores e não atores. O teatro do oprimido. Rio de Janeiro. 2004. |

Jogo dos talentos

| | |
|--------------------|---|
| Objectivos | <ul style="list-style-type: none"> • Estimular a criatividade; • Perceber que a desatenção muitas vezes é desconfortável e magoa. |
| Material | |
| Metodologia | <ul style="list-style-type: none"> • Grande grupo: 20 minutos |

| | |
|--|---|
| <p>Os formandos sentam-se em grupo e cada um apresenta em poucos minutos algo ao grande grupo, um música, uma história ou até uma pequena dança. O grupo terá o dever de incentivar a aplaudir cada apresentação, mostrando apoio numa primeira vez. O Participante deverá repetir o que fez da primeira vez mas o grupo deverá estar desatento e a falar para o lado.</p> | |
| <p>Discussão</p> <ul style="list-style-type: none">c. Como se sentiram durante a actividade?d. Tiveram dificuldade em realizar a actividade? | |
| <p>Bibliografia Adaptado de ...</p> | <ul style="list-style-type: none">• |

Planeamento da décima quinta sessão - Quinta da Capela (04/05/2012)
Aquecimento – 10 minutos

Jogo cuidando do ninho

| | |
|--|--|
| Objectivos | - Trabalhar com o grupo as questões relacionadas com a maternidade/paternidade precoce e com a responsabilidade de suas ações. |
| Material | - Um ovo cru de galinha por participante, canetas de acetato ou marcadores |
| Metodologia | Grande grupo: 25 minutos |
| Desenvolvimento: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Marcar os ovos previamente: uma cor para o sexo feminino, outra para o sexo masculino. • Distribuir 1 ovo por participante e explicar que ele simboliza um recém-nascido que será cuidado pelo jovem a quem calhou o ovo. • Estimular os adolescentes a personalizarem seu ovo, pintando-lhe um rosto. • Estabelecer o compromisso de levarem seu ovo a todos os lugares a que forem, até à próxima sessão (ou seja, uma semana) • Na próxima sessão deverão trazer o ovo. • Anotar os depoimentos e as histórias ocorridas com o ovo e com o participante. | |
| Discussão: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Como o "bebê-ovo" interferiu na vida diária de cada adolescente? • Que sentimentos surgiram? • Que dificuldades apareceram durante o processo? • Como foram interpretadas as quebras dos ovos? • Algum "bebê-ovo" foi sequestrado? Como evitar? • Que aprendizagem retiram dessa dinâmica? | |
| Bibliografia: -- | |

Relaxamento

| | |
|--|--|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |
| Desenvolvimento | |
| <p>O “actor” põe as mãos sobre o abdómen, expelle todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdómen até não poder mais; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes. Faz o mesmo com as mãos sobre as costelas enchendo o peito, especialmente a parte de baixo, diversas vezes. Idem, com as mãos sobre os ombros para cima, tentando encher a parte superior dos pulmões. Finalmente faz as três respirações em sequência.</p> | |
| Bibliografia | Boal, A. (2004). “Jogos para actores e não actores”. |

Planeamento da décima sexta sessão - Quinta da Capela (10/05/2012)
Aquecimento – 10 minutos

Continuação do Jogo cuidando do ninho

| | |
|---|--|
| Objectivos | - Trabalhar com o grupo as questões relacionadas com a maternidade/paternidade precoce e com a responsabilidade de suas ações. |
| Material | - Um ovo cru de galinha por participante, canetas de acetato ou marcadores |
| Metodologia | Grande grupo: 25 minutos |
| Desenvolvimento: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Anotar os depoimentos e as histórias ocorridas com o ovo e com o participante. | |
| Discussão: | |
| Responder as questões: | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Como o "bebé-ovo" interferiu na vida diária de cada adolescente? • Que sentimentos surgiram? • Que dificuldades apareceram durante o processo? • Como foram interpretadas as quebras dos ovos? • Algum "bebê-ovo" foi sequestrado? Como evitar? • Que aprendizagem tiraram dessa dinâmica? | |
| Bibliografia: -- | |

Jogo dos talentos

| | |
|---|----------------------------|
| Objectivos | • Estimular a criatividade |
| Material | • Cartolina |
| Metodologia | • Grande grupo: 25 minutos |
| Os formandos formam dois grandes grupos e é escolhido um tema já escrito numa folha de cartolina. Cada grupo terá 10 minutos para desenvolver uma dinâmica sobre o mesmo tema. A dinâmica poderá passar por teatro, dança, canto entre outras. Os temas serão: Partilha; pobreza; justiça; Respeito; Exclusão; Amizade; Família; Sexualidade; Toxicodependência. | |
| Discussão | |
| <ul style="list-style-type: none"> e. Como se sentiram durante a actividade? f. Tiveram dificuldade em realizar a actividade? | |

(Se houver tempo) Relaxamento

| | |
|--------------------|--------------------------------|
| Objectivos | • Relaxamento e auto-controle |
| Material | • Cd com música de relaxamento |
| Metodologia | • Grande grupo: 10 minutos |

Desenvolvimento

O “actor” põe as mãos sobre o abdómen, expele todo o ar dos pulmões e lentamente inspira, enchendo o abdómen ate não poder mis; expira em seguida; repete lentamente esses movimentos diversas vezes. Faz o mesmo com as mãos sobre as costelas enchendo o peito, especialmente a parte de baixo, diversas vezes. Idem, com as mãos sobre os ombros para cima, tentando encher a parte superior dos pulmões. Finalmente faz as três respirações em sequência.

Bibliografia

Boal, A. (2004). “Jogos para actores e não actores”.